



PROJETO PEDAGÓGICO

CURSO DE DESIGN

SANTA MARIA, RS
2016

Área de Ciências Tecnológicas
Projeto Pedagógico do Curso de Design

Vanilde Bisognin
Pró-reitora de Graduação

Edu Grieco Mazzini Júnior
Coordenador do Curso de Design

Colegiado do Curso de Design
Núcleo Docente Estruturante do Curso de Design

Carina Kilian
Organização e Revisão



~MATRIZ CURRICULAR 2012~

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Resumo dos dados do curso | 2 |
| Quadro 2 - Distribuição das disciplinas por semestre e carga horária | 22 |
| Quadro 3 - Resumo da distribuição da carga horária | 22 |
| Quadro 4 - Conjunto de disciplinas optativas | 27 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Disciplinas da formação básica | 24 |
| Tabela 2 - Disciplinas da formação específica | 25 |
| Tabela 3 - Disciplinas de ênfase projetual | 26 |
| Tabela 4 - Distribuição da carga horária para o registro de ACC | 84 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Representação gráfica das disciplinas | 23 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|--|-----------|
| 1 | DADOS GERAIS DO CURSO | 2 |
| 1.1 | Histórico do curso | 2 |
| 1.2 | Formas de acesso aos cursos de graduação | 4 |
| 2 | ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL | 6 |
| 2.1 | Políticas institucionais no âmbito do curso | 7 |
| 3 | JUSTIFICATIVA | 10 |
| 4 | CONCEPÇÃO DO CURSO | 12 |
| 5 | OBJETIVOS | 14 |
| 5.1 | Objetivo Geral | 14 |
| 5.2 | Objetivos específicos | 14 |
| 6 | COMPETÊNCIAS E HABILIDADES | 15 |
| 7 | PERFIL DO EGRESSO | 16 |
| 8 | ÁREAS DE ATUAÇÃO | 17 |
| 9 | CURRÍCULO | 18 |
| 9.1 | Conteúdos Curriculares | 19 |
| 9.1.1 | Distribuição das disciplinas do curso por semestre e carga horária | 21 |
| 9.1.2 | Disciplinas de formação básica | 24 |
| 9.1.3 | Disciplinas da formação específica | 24 |
| 9.1.4 | Ênfases | 25 |
| 9.1.5 | Atividades curriculares complementares | 26 |
| 9.1.6 | Disciplinas optativas | 26 |
| 9.1.7 | Estágios curriculares supervisionados | 27 |
| 9.1.8 | Estágios não obrigatórios | 28 |
| 9.1.9 | Trabalho final de graduação (TFG) | 28 |
| 10 | METODOLOGIAS DE ENSINO | 30 |
| 11 | CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO | 31 |
| 12 | TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM | 32 |
| 13 | GESTÃO ACADÊMICO-ADMINISTRATIVA | 34 |
| 14 | PROCESSO DE AUTOAVALIAÇÃO | 36 |
| 15 | RESPONSABILIDADE SOCIAL | 37 |
| 16 | ATENÇÃO AO ESTUDANTE | 39 |
| | ANEXOS | 41 |

| | |
|---|----|
| Anexo 1 - Ementas e bibliografia | 41 |
| 1º semestre | 41 |
| 2º semestre | 43 |
| 3º semestre | 45 |
| 4º semestre | 48 |
| 5º semestre | 51 |
| 6º semestre | 53 |
| 7º semestre | 54 |
| 8º semestre | 55 |
| Ênfase Projetual I | 56 |
| Ênfase Projetual II | 57 |
| Ênfase Projetual III | 58 |
| Disciplinas do tipo optativa | 59 |
| Anexo 2 – Infraestrutura | 67 |
| Anexo 3 - Normas que disciplinam o trabalho final de graduação | 74 |
| Anexo 4 - Normas que disciplinam o funcionamento dos estágios | 77 |
| Anexo 5 - Normas que disciplinam o funcionamento dos estágios do curso de Design | 79 |
| Anexo 6 - Normas que disciplinam o registro de atividades curriculares complementares | 83 |
| Anexo 7 - Regimento do colegiado do curso | 85 |
| Anexo 8 - Regimento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) | 87 |
| Anexo 9 - Atribuições da Coordenação de Estágio Curricular Supervisionado | 89 |
| Anexo 10 - Projeto de autoavaliação | 90 |

1 DADOS GERAIS DO CURSO

| Denominação | Design |
|--------------------------|---|
| Nível | Graduação |
| Habilitação | Bacharelado |
| Modalidade | Presencial |
| Titulação conferida | Bacharel em design |
| Duração | 8 semestres |
| Tempo mínimo | 6 semestres |
| Tempo máximo | 16 semestres |
| Carga horária | 3.145h |
| Regime escolar | Semestral |
| Formas de ingresso | Concurso vestibular, transferência, reabertura de matrícula e reopção de curso. |
| Número de vagas anuais | 40 |
| Turno de funcionamento | Tarde |
| Situação legal | Renovado o Reconhecimenento pela Portaria nº 702/13-MEC, de 18-12-2013, publicada no DOU em 19-12-2013. |
| Ano da matriz curricular | 2012 |

Quadro 1 - Resumo dos dados do curso

1.1 Histórico do curso

Em 1997, teve início a elaboração do projeto de criação do Curso de Design, na época, denominado Desenho Industrial. A comissão era formada pelos professores Ana Maria Norogrande, Edir Lúcia Bisognin e Orion da Silva Melo. A comissão baseou-se na resolução do Conselho Federal de Educação - CFE, aprovada em 1987, que estabelecia o currículo mínimo para os cursos de Desenho Industrial. O grupo de professores realizou um levantamento de dados referentes ao mercado profissional regional do sul do país e Mercosul, bem como do profissional que estava atuando neste contexto; fez uma análise dos currículos dos cursos de graduação vigentes nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; e seguiu as recomendações emanadas dos três fóruns promovidos pela Comissão de Especialistas de Ensino de Design e pela Associação de Ensino de Design do Brasil em 1997 e 1998.

A proposta de criação do curso foi apresentada ao Conselho Universitário em outubro de 1998 e obteve homologação pelo Parecer nº 20/98. O curso foi autorizado a funcionar pela Portaria nº 09/98-Consun, de 20 de novembro de 1998, sob título de Desenho Industrial.

Para a proposta do curso, verificaram-se as áreas de maior relevância e as deficitárias, com base na política do Programa Brasileiro de Design e do Programa Gaúcho de Design, a fim de melhor adequar o curso ao contexto social e empresarial, pois considera-se que ele é hoje um fator diferencial e competitivo no processo de globalização.

Em reunião do dia 22 de outubro de 2001, a denominação do curso foi alterada de Desenho Industrial para Design: habilitação Produto. A mudança teve como base as diretrizes educacionais para o ensino de graduação em Design, propostas pelo MEC e a análise da equipe docente em reunião acadêmica. Em 2003, o curso foi reconhecido pela Portaria nº 719-MEC, de 22 de abril. Atualmente, o curso denomina-se apenas Design.

Após a avaliação e reconhecimento, no decorrer do ano de 2003, foi realizada uma revisão curricular. As alterações no Projeto Pedagógico tiveram como objetivos: otimizar a carga horária total do curso, readequando a de determinadas disciplinas; incrementar a interdisciplinaridade no seu sentido horizontal e vertical; intensificar os conhecimentos específicos da área e do sistema de produção, considerando os avanços tecnológicos e o contexto; ofertar um bloco diversificado de disciplinas optativas; ampliar a carga horária referente às atividades curriculares complementares; reduzir a carga horária/número de disciplinas nos semestres finais do curso para permitir ao estudante maior disponibilidade à atividade projetual e aprofundar seu conhecimento nas disciplinas estruturais do curso.

Em 2007, foi realizada uma nova adequação curricular motivada pelo acréscimo da carga horária do crédito, passando de quinze para dezessete horas.

Já no ano de 2011, houve nova revisão curricular para atender à adequação à Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (regulamentada pelo Decreto-Lei nº 5.526, de 22 de dezembro de 2005) que trata da inclusão da disciplina Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); e ao Decreto-Lei nº 5.773, de 09 de maio de 2006, e à Resolução nº 3, de 02 de julho de 2007, que determinam a hora-aula de sessenta minutos. Além dessas alterações, foram incluídas outras disciplinas para atualizar o currículo, bem como demais necessidades detectadas no próprio curso pelo corpo docente e representações discentes. A necessidade de uma nova revisão ocorreu para melhorar o perfil formador do aluno de acordo com o atual contexto de mercado, aproximando reflexões teóricas dos conhecimentos técnicos.

Ressalta-se que o Curso de Design do Centro Universitário Franciscano já é regionalmente reconhecido e agrega, culturalmente, significado à história do design de Santa Maria e região. Caracteriza-se por desenvolver e atuar na produção do conhecimento teórico e prático do design. Essa trajetória vem se consolidando desde a criação do curso, em 1999, com o aprimoramento do ensino, da pesquisa e da extensão em projetos de produto. Pode-se dizer que a Instituição proporcionou a fomentação e a difusão do primeiro Curso de Design do interior do Estado do Rio Grande do Sul, relacionado a projeto de produto.

1.2 Formas de acesso aos cursos de graduação

O Centro Universitário Franciscano dispõe das seguintes modalidades de acesso aos cursos de graduação:

a) **Vestibular:** no Centro Universitário Franciscano, a principal forma de acesso aos cursos de graduação se dá através do Processo Seletivo Vestibular. O concurso vestibular divide-se em: Vestibular de Verão, que ocorre geralmente no mês de dezembro, para ingresso no primeiro semestre do ano letivo subsequente; o segundo, chamado Vestibular de Inverno, ocorre nos meses de junho ou julho, para ingresso no segundo semestre do respectivo ano. O Curso de Design oferece vagas apenas no Vestibular de Verão.

b) **Seleção Especial - Vagas remanescentes:** as vagas remanescentes são aquelas que não foram preenchidas no Processo Seletivo Vestibular. Elas são ofertadas no primeiro e segundo semestres, logo após o concurso. A condição legal para concorrer a essas vagas é estar com o Ensino Médio, ou equivalente, concluído e ter sido aprovado em processo seletivo para ingresso em curso superior no ano letivo, incluindo o Exame Nacional do Ensino Médio.

c) **Reopção de curso e reabertura de matrícula:** entende-se por reopção de curso a solicitação de troca de curso por estudante já matriculado ou com matrícula trancada no Centro Universitário Franciscano. O curso pleiteado deve ser de área similar ou afim. Essa situação não se aplica a estudantes matriculados na categoria de estudante não regular. Entende-se por reabertura de matrícula, a solicitação de reativação do vínculo acadêmico para alunos que cancelaram ou abandonaram o curso no qual foram selecionados anteriormente. Para estas duas situações, é divulgado um edital com as vagas disponíveis à essa modalidade de acesso aos cursos de graduação.

d) **Transferência e Ingresso como portador de diploma de curso superior:** para a solicitação de transferência, o estudante deverá ter cursado, no mínimo, um semestre na

instituição de origem. Para o ingresso como portador de diploma de curso superior, o estudante deverá ter concluído o curso até a data da inscrição. A publicação de edital que contemple vagas para esta modalidade de ingresso está sujeita à disponibilidade de vagas nos cursos.

e) **Estudante Não Regular:** portadores de diploma de curso superior e estudantes vinculados a outras instituições de ensino superior podem cursar disciplinas em cursos de graduação do Centro Universitário Franciscano, na condição de estudante não regular, desde que haja vagas. As inscrições para acesso às vagas de disciplinas isoladas ocorrem após a matrícula dos estudantes regulares, em período previsto no Calendário Acadêmico. Não será permitida, em hipótese alguma, a matrícula para estudantes não regulares, em disciplinas de Estágio Supervisionado e Trabalho Final de Graduação.

Observações:

- Para todas as modalidades de ingresso, são publicados editais específicos informando os cursos com vagas disponíveis, bem como documentação exigida e período de inscrições e matrículas.
- Para todas as formas de acesso aos cursos de graduação, no ato da matrícula, é obrigatória a apresentação do número do CPF do próprio candidato e, quando este não for emancipado ou não atingiu a maioridade legal, deverá estar acompanhado de representante legal.

2 ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL

O Centro Universitário Franciscano é mantido pela Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis, Zona Norte – Scalifra - ZN - entidade de direito privado; sem fins lucrativos; beneficente; de caráter educacional, cultural e científico; reconhecida pelo Decreto Federal nº 64.893, de 25 de julho de 1969, com certificado de entidade de fins filantrópicos. Localiza-se à Avenida Nossa Senhora Medianeira, nº 1627, Santa Maria-RS. A Instituição situa-se à Rua dos Andradas, nº 1614, também na cidade de Santa Maria, RS. Iniciou suas atividades como instituição de Educação Superior, aos 27 de abril de 1955, denominada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC), com cursos de licenciatura. Data também de maio de 1955, a criação da Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira (FACEM), pertencente a mesma mantenedora que desenvolveu os cursos superior, técnico e auxiliar de Enfermagem. Posteriormente, com a unificação das duas instituições, formaram-se as Faculdades Franciscanas (FAFRA) e essas deram origem ao atual Centro Universitário Franciscano.

O credenciamento para Centro Universitário ocorreu em outubro de 1998 e significou uma nova fase institucional. Nesse período, a instituição realizou significativo avanço na proposta institucional. O aumento do número de cursos de graduação, de pós-graduação e de extensão foi acompanhado da decisão pela qualidade que perpassa o fazer institucional da gestão e de todas as atividades acadêmicas.

De acordo com o Estatuto, a organização e a estrutura institucional fundamentam-se nos princípios de autonomia administrativa, didático-científica, patrimonial, econômico-financeira e de gestão de recursos humanos; na integração das atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão; na capacitação e qualificação dos quadros de pessoal docente e técnico-administrativo.

Nesse sentido, a organização e a administração do Centro Universitário Franciscano abrangem:

- a) Administração superior, constituída pelo Conselho Universitário e Gabinete do Reitor;
- b) Administração geral, formada por Pró-reitoria de Administração, Pró-reitoria de Graduação e Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão;
- c) Unidades de ensino, pesquisa e extensão, constituídas pelos Diretores das Unidades;

d) Coordenações de Curso, constituídas pelo Coordenador do Curso, assessorado pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) (composto somente por docentes), pelo Colegiado do Curso (composto por docentes e representante discente) e pela Coordenação de Estágio (composta pelo Coordenador de Estágio). O Coordenador do Curso é nomeado pela Reitoria e, se necessário, tem auxílio de um Coordenador Adjunto, também designado pela Reitoria. A Coordenação de Curso possui caráter executivo; o NDE tem caráter consultivo, propositivo e executivo em matéria acadêmica; e o Colegiado é órgão consultivo, deliberativo e de integração do ensino.

Os cursos são distribuídos por área de conhecimento, quais sejam: Área de Ciências da Saúde, Área de Ciências Humanas, Área de Ciências Sociais e Área de Ciências Tecnológicas. Cada curso está organizado a partir do Projeto Pedagógico (PPC) que se baseia no Projeto Pedagógico Institucional (PPI), no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), no Estatuto, no Projeto de Autoavaliação da Instituição e na Legislação Federal.

2.1 Políticas institucionais no âmbito do curso

O Centro Universitário Franciscano, ao longo de sua história, tem voltado suas ações para o compromisso social e identifica-se pelos princípios: ideal educativo franciscano de paz, fraternidade e solidariedade; educação comprometida com a ética e a cidadania; formação profissional inovadora e de qualidade; atenção personalizada ao estudante; infraestrutura física adequada aos padrões de qualidade da gestão e da organização didático-pedagógica e científica; postura prospectiva para a percepção das tendências da sociedade; gestão dos cursos é pedagógica e cultural e ocorre na mediação dialética entre o PPI, PDI, PPC e a Autoavaliação Institucional. O Projeto Pedagógico do Curso está embasado no PPI, PDI, no Estatuto, no Projeto de Autoavaliação e na Legislação Federal.

As políticas institucionais para o ensino de graduação estão pautadas nos seguintes princípios: formação de qualidade técnico-científica e social (caracterizada pela qualificação do corpo docente, da estrutura física e de práticas pedagógicas inovadoras); flexibilidade curricular e interdisciplinaridade (no curso há um elenco de disciplinas optativas e de atividades curriculares complementares que proporcionam a construção do saber de acordo com os interesses individuais do aluno); relação teoria-prática como eixo articulador do currículo, integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Este conjunto de ações, tendo a pesquisa por princípio educativo da produção do conhecimento, traduz um perfil diferenciado das políticas do PPC no curso, em que, de forma inovadora, a avaliação é entendida como ato educativo e formativo.

Dessa forma, as ações são materializadas por meio de Planos de Ações construídos anualmente com a participação da comunidade do curso e se efetivam pelos seguintes instrumentos:

- a) **Programa de Capacitação Docente:** em funcionamento desde 2000, o Programa Saberes é responsável pela formação permanente dos docentes. Desenvolve ações de acolhimento tanto aos docentes ingressantes na Instituição quanto aos demais, em temas que envolvem a pedagogia universitária e a capacitação para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's);
- b) **Coordenadoria de Atenção ao Estudante:** a Instituição possui uma Coordenadoria de Atenção ao Estudante - CORES, situada no Conjunto I, Prédio 2, que contempla duas divisões: de assistência educacional e de assistência pedagógica. A divisão de assistência educacional é responsável por orientar os estudantes sobre programas relacionados à assistência financeira, auxílio para participação em eventos, apoio a formaturas, orientação jurídica. A divisão de assistência pedagógica tem por finalidade favorecer a integração do estudante nos processos que envolvem o ensino e a aprendizagem e se efetiva por meio de ações de acolhimento; apoio psicopedagógico, gestão das aprendizagens, métodos de estudo e promoção do sucesso acadêmico;
- c) **Programa de Assistência Educacional Financeira:** atende a estudantes que apresentam insuficiência financeira para manter seus encargos educacionais e oferece as seguintes opções de auxílio: Assistência Educacional Institucional, PROUNI, FIES e Fundação APLUB;
- d) **Programa Institucional de Tutoria - PROINT:** tem por objetivo colaborar na superação das dificuldades de aprendizagem provenientes da formação básica dos estudantes ingressantes na IES;
- e) **Programa de Bolsa de Iniciação Científica:** tem o apoio da Instituição com quotas do CNPq e da FAPERGS;
- f) **Programa de Bolsa de Extensão:** a Instituição oferece anualmente quotas de bolsas em projetos de extensão;

- g) **Programa de Bolsa de Monitoria - PROBM:** oferece ao estudante a possibilidade de acompanhar as atividades didáticas desenvolvidas por um docente, auxiliando-o em suas atividades de ensino.
- h) **Programa de Apoio a Visitas Técnicas:** visa à complementação acadêmica por meio de visitas a indústrias e empresas do setor, universidades e laboratórios especializados.
- i) **Programa de Apoio aos Estágios Não Obrigatórios:** a Instituição possui um setor organizado, que funciona junto a CORES, situado no Conjunto I, na Rua dos Andradas, 1614, que auxilia nos processos e encaminhamentos de Estágios Não Obrigatórios.

3 JUSTIFICATIVA

O Design, inicialmente, manteve seu foco no desenvolvimento de produtos físicos. Esta perspectiva de projeto ainda vigora em seu âmbito. Em alguns momentos ela emerge com inovação em atendimento às diversas necessidades humanas, no que se refere a processos que facilitam e apromiram as atividades, gerando praticidade e eficiência para a vida das pessoas. Em outros momentos, ela emerge como um resgate de percepções, com vistas ao reaproveitamento de materiais, o que contribui para um padrão de sustentabilidade, indispensável nos dias atuais.

No entanto, ao longo do tempo, o design ampliou suas concepções projetuais para outras possibilidades, especialmente, no que diz respeito a soluções de alta complexidade em comunicação, serviços e também de produtos. Ademais, voltou seu olhar para a valorização de potenciais locais e regionais, gerando desenvolvimento econômico e sustentabilidade sem, contudo, deixar de lado a inovação tecnológica.

Dessa forma, o profissional designer é peça fundamental na sociedade à medida que seu trabalho se reflete em ações protagonizadoras de soluções contextuais e globalizadas, pois está diretamente relacionado a mercado, materiais, processos produtivos e tecnologias, abrangendo mobiliário, confecção, calçados, joias, cerâmicas, embalagens, artefatos de qualquer natureza, aspectos culturais, entre outras.

Além disso, o Design expressa valores e conceitos mediados pelas condições socioeconômicas dos indivíduos, influenciando tendências de comportamento em todas as esferas da sociedade, o que evoca reflexos na forma de pensar o consumo de produtos de uso cotidiano. Logo, os produtos exercem influência nos seres humanos da mesma forma que os seres humanos influenciam os produtos. Portanto, o aluno de Design deve ser consciente de seu papel social, isto é, o designer precisa levar em consideração as implicações econômicas, sociais, antropológicas, ambientais, estéticas e éticas de sua atividade. Nesse sentido é que a concepção do curso pauta-se pelos princípios filosóficos da Instituição de ética e de responsabilidade social, proporcionando a discussão sobre o design e o seu significado à sociedade.

Assim, dada a variada gama de atuação do designer e sua contribuição para o desenvolvimento local, o Centro Universitário Franciscano, atento à demanda por este profissional, propôs a criação do Curso de Design, o qual tem a sua importância por constituir-se num polo de design significativo, pois promove e incentiva, sob todas as formas,

a criação de produtos em várias ênfases e que estão relacionadas à identidade local, regional e às exigências do mercado contemporâneo.

4 CONCEPÇÃO DO CURSO

O Centro Universitário Franciscano pauta seu trabalho pelos princípios filosóficos franciscanos. Busca proporcionar uma formação profissional sólida, conjugada com o senso crítico-criativo comprometida com a realidade sociocultural e política. Acredita no fortalecimento do homem e esforça-se para prepará-lo para a superação dos condicionamentos sociais e individuais.

Entende-se que os cursos de graduação têm por função preparar indivíduos para o exercício de uma profissão com conhecimento técnico e formação humanística, sendo ambos o compromisso dessa Instituição para a formação de um cidadão crítico, reflexivo e consciente de seu papel na sociedade. A capacidade de investigação e de aprender a aprender são condições necessárias para que o profissional possa enfrentar os desafios da sociedade contemporânea, em uma era de rápidas mudanças. Para tanto, o compromisso com a formação profissional deve estar presente em todas as atividades curriculares, principalmente, no que se refere à prática da pesquisa e ao envolvimento com a extensão, como forma de difusão do conhecimento.

O Projeto Pedagógico do Curso de Design fundamenta-se nos referenciais das áreas da arte, filosofia e ciências. Os conteúdos de sensibilização para a arte desenvolvem a criatividade e contribuem para o domínio teórico-prático dos elementos que fazem parte da linguagem visual. Nesse sentido, propõe-se uma metodologia pedagógica que permita e promova a liberdade para a criação e reflexão crítica, considerando os requisitos de projeto que deverão atender aos aspectos prático-funcionais, estéticos e simbólicos que resultam em produtos inovadores. Para tanto, as atividades criadoras, ao longo do curso, consistem em trabalhos e projetos integrados de forma sequencial e correlata.

De acordo com Niemeyer (2007)¹, o design de produto vem sendo compreendido sob três pontos de vista distintos de prática e conhecimento: - como uma atividade artística, valorizando no profissional seu compromisso com a fruição do uso; - como um invento ou planejamento: o profissional possui um compromisso prioritário com a produtividade do processo de fabricação e com a atualização tecnológica; - por fim, como coordenação: o designer tem a função de integrar atividades de diferentes especialistas, atuar desde a especificação da matéria-prima, produção e utilização até o destino final do produto. Nessa

¹ NIEMEYER, Lucy. Elementos de Semiótica Aplicados ao Design. São Paulo: 2AB, 2007.

última possibilidade, o design atua como artista tecnólogo e gestor e, ao perpassar por estes três níveis, trabalha interdisciplinarmente.

Para Couto e Oliveira (1999, p. 9)², “o design deve ser entendido não apenas como uma atividade de dar forma a objetos, mas como um tecido que enreda o designer, o usuário, o desejo, a forma, o modo de ser e estar no mundo de cada um de nós”. Desse modo, consideramos de fundamental importância um equilíbrio entre conteúdos estéticos-formais e técnicos-funcionais, proporcionando ao futuro profissional uma visão interdisciplinar que leve a uma reflexão contínua sobre o seu trabalho e sobre os caminhos do design.

O caráter interdisciplinar do design necessita da atuação integrada de diferentes profissionais, o que contribui para a formação e definição de uma identidade específica em que se faz presente a criação e a execução, cujo resultado final é a qualidade do produto.

Design é uma atividade que configura objetos de uso e sistemas de informação e, como tal, incorpora parte dos valores culturais que a cerca, ou seja, a maioria dos objetos de nosso meio são, antes de mais nada, a materialização dos ideais e das incoerências de nossa sociedade e de suas manifestações culturais assim como, por outro lado, anúncio de novos caminhos (COUTO; OLIVEIRA, 1999, p. 150).

O design, como fenômeno social, também é o resultado das transformações ocorridas com o avanço tecnológico, decorrente da Revolução Industrial, mas não é um instrumento determinado pelo contexto, pois suas interfaces são inúmeras e abrangentes. O design deve ser visto desde o contexto em que emergiu, sua organização social, sua estrutura material, institucional e, fundamentalmente, na percepção individualizada do designer, sendo que, atualmente, essa percepção individualizada sofreu uma ampliação, pois deve considerar os fatores relacionados à sociedade, aos meios produtivos, econômicos, ambientais, políticos e culturais.

² COUTO; OLIVEIRA. *Formas do Design* - Por uma metodologia interdisciplinar. São Paulo:2AB, 1999. p.9 e p.150.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

O Curso de Design destina-se a formar profissionais habilitados para atuarem de forma interdisciplinar como designers no plano teórico, prático, conceitual, tecnológico, filosófico e humanístico, fazendo da pesquisa estética e funcional uma meta permanente para a melhoria das condições de vida na sociedade.

5.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos do curso de Design estão em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais e visam a:

- promover a valorização do design para interação entre o produto e a sociedade;
- proporcionar o conhecimento teórico e a prática tecnológica, científica e artística para as atividades de design, considerando o contexto histórico e os traços culturais e de desenvolvimento das comunidades;
- entender a importância do desenvolvimento sustentável dos produtos para a preservação dos ecossistemas;
- promover a percepção estética, bem como a sensibilidade humanista, valorizando a inclusão social;
- adequar o design de produtos às reais necessidades do mercado (empresas e consumidores);
- prover o mercado regional e nacional de designers para atuarem na área.

6 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Design, espera-se que o acadêmico de design desenvolva as seguintes competências e habilidades:

- capacidade criativa para propor soluções inovadoras, ao utilizar o domínio de técnicas e de processo de criação;
- capacidade para o domínio de linguagem própria ao expressar conceitos e soluções em seus projetos, de acordo com as diversas técnicas de expressão e reprodução visual;
- capacidade de trânsito interdisciplinar ao interagir com especialistas de outras áreas de modo a utilizar conhecimentos diversos e atuar em equipes interdisciplinares na elaboração e execução de pesquisas e projetos
- visão sistêmica de projeto, manifestando capacidade de conceituá-lo a partir da combinação adequada de diversos componentes materiais e imateriais, processos de fabricação, aspectos econômicos, psicológicos e sociológicos do produto;
- domínio das diferentes etapas do desenvolvimento de um projeto, a saber: definição de objetivos, técnicas de coleta e de tratamento de dados, geração e avaliação de alternativas, configuração de solução e comunicação de resultados;
- conhecimento do setor produtivo, revelando sólida visão setorial relacionada ao mercado, materiais, processos produtivos e tecnologias abrangendo, mobiliário, confecção, calçados, joias, cerâmicas, embalagens, artefatos de qualquer natureza, traços culturais da sociedade, softwares e outras manifestações regionais;
- capacidade de gerência de produção, incluindo qualidade, produtividade, arranjo físico de fábrica, estoques, custos e investimentos, além da administração de recursos humanos para a produção;
- visão histórica e prospectiva, centrada nos aspectos socioeconômicos e culturais, que revela consciência das implicações econômicas, sociais, antropológicas, ambientais, estéticas e éticas de sua atividade.

7 PERFIL DO EGRESSO

O designer é um profissional habilitado para desenvolver atividades projetuais de forma criativa e consciente; atento aos aspectos estéticos, tecnológicos, sociológicos, ergonômicos, mercadológicos, gerenciais, semióticos e ambientais, que envolvem produtos. Espera-se que o profissional responda às necessidades e exigências dos usuários, bem como contribua para a sociedade na qual está inserido.

O profissional designer deverá ser capaz de:

- pensar, criar, analisar, criticar e realizar projetos com consciência e sensibilidade;
- conceituar e desenvolver projetos por meio de metodologia específica, que contemple todas as variáveis inerentes à proposta;
- integrar uma equipe inter e multidisciplinar;
- participar no processo de desenvolvimento de projetos, em colaboração com profissionais de outras áreas;
- pesquisar permanentemente, para favorecer o processo contínuo de construção do conhecimento;
- ajustar-se às novas demandas, geradas pelo progresso científico em permanente mutação e evolução;
- refletir sobre sua atuação e sobre os caminhos do design.

8 ÁREAS DE ATUAÇÃO

O designer pode atuar em empresas públicas e privadas, associações institucionais, indústrias, centros educacionais públicos e privados, centros de pesquisa e, como profissional liberal, também em atividades de consultoria, supervisão e assessoria na forma de produção ou implantação de projetos.

9 CURRÍCULO

A estrutura curricular do curso, considerando sua filosofia, as Diretrizes Curriculares Nacionais e as recomendações institucionais, está organizada em três etapas interligadas, nas quais os conteúdos encontram-se distribuídos considerando sua horizontalidade e verticalidade, de forma coordenada e correlata, ao promover suas integrações e a interdisciplinaridade.

A primeira etapa, o núcleo comum, compreende conteúdos básicos que visam a promover a criatividade de forma sensível e conteúdos específicos que contemplam conhecimentos fundamentais para a compreensão e o entendimento do design em seus diferentes contextos. Esta etapa envolve os primeiros semestres.

A segunda etapa, a profissionalizante, compreende os conteúdos específicos e as ênfases projetuais, entre as quais estão presentes: projeto de equipamento, projeto de joias, projeto de mobiliário e outras que possam ser criadas conforme a necessidade de mercado. Nesta etapa, as disciplinas optativas reforçam os conhecimentos da área escolhida pelo estudante.

Estes conteúdos apoiam-se em oficinas de marcenaria, metal-mecânica, joalheria, cerâmica e outros, caracterizando-se:

- pela presença de um professor orientador/tutor: este, além da formação da área específica, auxilia o estudante na sua complementação curricular composta por disciplinas optativas e atividades curriculares complementares;
- pelo ensino individualizado: cada orientando desenvolve atividades específicas, de seu interesse, a partir do programa de cada semestre e o professor faz a orientação individualizada, considerando as diferenças de cada estudante;
- pela livre escolha: o estudante pode escolher a ênfase que lhe interessa, entre as ofertadas, para aprofundar seus conhecimentos projetuais. O estudante pode trocar de ênfase e/ou realizar mais de uma ênfase se assim desejar;
- por apresentar 612 horas de atividade projetual: uma carga horária, mínima, significativa (incluindo projeto de produto e ênfase) que permitirá a execução de projetos de produtos, dos mais simples aos mais complexos.
- por possibilitar ao estudante o desenvolvimento da atividade projetual de forma contínua: o estudante desenvolve seus projetos sem interrupção. Esta continuidade

proporciona maior entendimento da atividade projetual, considerando a simplicidade e a complexidade dos produtos.

- por ser dinâmica: a oferta das ênfases será determinada pela estrutura institucional, pela demanda e pelas necessidades locais e regionais.

Entende-se que o estudante, ao adquirir uma formação completa por meio da atividade projetual em uma área/ênfase, tem condições plenas de transferir estes conceitos e conhecimentos estéticos, formais, tecnológicos, metodológicos, sociológicos, ergonômicos, semióticos, mercadológicos, ecológicos e de gestão para outras áreas, respeitando as suas especificidades.

A última etapa integra a prática profissional e a abordagem teórica, compreende o estágio curricular supervisionado e o trabalho de conclusão de curso, no qual o estudante deve apresentar resultados concretos embasados teoricamente.

Procura-se garantir a integração curricular por mecanismos integradores das diversas unidades em que se estruturam o conteúdo e o processo de ensino como um todo. A efetiva ação pedagógica interdisciplinar, articulada em reuniões pedagógicas sistemáticas, proporciona ao graduando a capacidade de visão e abordagem multidisciplinar, integrada e sistêmica das questões apresentadas.

Desta integração e de programas incentivadores em pesquisa, extensão e ensino, resultam projetos significativos à sociedade, os quais são apresentados em eventos da área.

9.1 Conteúdos Curriculares

Em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de Graduação, a Instituição realiza diversas ações pedagógicas que contemplam a inclusão e a discussão de temas preconizados na seguinte legislação para conteúdos curriculares:

Diretrizes Curriculares Nacionais para Políticas de Educação Ambiental (Lei nº 9.795, de 27/04/1999 e Decreto nº 4.281 de 25/06/2002) - a matriz curricular possui a disciplina obrigatória: *Ética e Cidadania*, que contempla estudos específicos sobre educação ambiental, os quais são entrelaçados aos direitos humanos, problemas da bioética, história e mercado. Ainda, o assunto é tratado numa disciplina optativa específica, intitulada Educação Ambiental, com 34 horas, ofertada para todos os cursos de graduação. Ademais, estes

conteúdos estão contemplados transversalmente no curso como tema recorrente nas atividades curriculares, na organização de eventos institucionais e atividades multidisciplinares como: Jornada Integrada do Meio Ambiente - JIMA; Campanhas de Sustentabilidade e Meio Ambiente; Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão - SEPE; em matérias de publicações institucionais e da TV Unifra.

Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (Lei nº 11.645 de 10/03/2008; Resolução CNE/CP nº 01, de 17/06/2004) - esses conteúdos também são contemplados na disciplina de *Ética e Cidadania*, na qual há uma unidade de ensino sobre Educação das Relações Étnico-raciais. Além disso, o tema é abordado em uma disciplina optativa específica, intitulada Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, com 34 horas, ofertada para todos os cursos de graduação. Outrossim, estão contempladas transversalmente como tema recorrente nas atividades curriculares do curso, na organização e participação em eventos institucionais, tais como: exposições, Jornada Nacional de Educação (Educação Popular e Diversidade Cultural, Identidade e Cidadania: o local e o global em movimento); ciclo de palestras (Comunidades Quilombolas no RS: história e atualidade; Culturas Populares e Etnicidade; Ética, Educação e Identidade Cultural).

Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação em Direitos Humanos (Resolução CNE nº. 01, de 30 de maio de 2012) - a matriz curricular do curso trabalha também, na disciplina *Ética e Cidadania*, uma unidade de ensino específica sobre Educação em Direitos Humanos, relacionando-os diretamente à cidadania como valor a ser buscado socialmente, à bioética e ao contexto global. Os temas descritos estão, também, contemplados numa disciplina optativa específica, intitulada Educação para os Direitos Humanos, com 34 horas, ofertada para todos os cursos de graduação. Além disso, o tema está contemplado transversalmente, de forma recorrente nas atividades curriculares do curso e nos eventos institucionais: Simpósio de Ensino Pesquisa e Extensão – SEPE, ciclos de palestras.

Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, dispõe sobre a inclusão da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - a disciplina de *Língua Brasileira de Sinais* é uma disciplina obrigatória ofertada com 34 horas.

Núcleo de Acessibilidade do Centro Universitário Franciscano: a IES, em atendimento a todas as Normativas relativas às Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais, elaborou uma Resolução interna, nº 3/2015-Gabinete da Reitora, de 01 de outubro de 2015, que constitui o Núcleo de Acessibilidade do Centro Universitário Franciscano, levando em consideração 1) a necessidade de discutir, qualificar e planejar políticas de acessibilidade na Instituição face à diversidade de situações na comunidade universitária e evidenciadas na sociedade; 2) a importância de desenvolver, no âmbito da comunidade universitária, uma concepção de acessibilidade que transpõe o entendimento de eliminação de obstáculos de natureza física, mas que abrange a compreensão da acessibilidade pedagógica em acordo com as políticas e a missão institucional; 3) a necessidade de capacitar a comunidade universitária para uma compreensão mais abrangente do sentido de acessibilidade à educação superior. Assim, com este Núcleo, pretende-se o pleno atendimento às respectivas normas tanto no aspecto de infraestrutura quanto no aspecto pedagógico.

9.1.1 Distribuição das disciplinas do curso por semestre e carga horária

| Semestre | Código | Disciplina | Carga horária | | |
|-------------|--------|---|---------------|---------|-------|
| | | | Teórica | Prática | Total |
| 1º semestre | ALC104 | Metodologia Científica | 34 | 0 | 34 |
| | DIN172 | Volume-Espaço | 17 | 51 | 68 |
| | DIN173 | Design Contemporâneo | 34 | 0 | 34 |
| | DIN201 | Desenho Geométrico e Geometria Descritiva | 34 | 34 | 68 |
| | DIN207 | Teoria e História da Arte I | 51 | 0 | 51 |
| | DIN208 | Desenho e Representação I | 34 | 68 | 102 |
| | DIN209 | Cor: Teoria e Prática | 17 | 34 | 51 |
| 2º semestre | DIN177 | Laboratório de Criação | 17 | 51 | 68 |
| | DIN178 | Design I | 34 | 34 | 68 |
| | DIN185 | Perspectiva | 17 | 51 | 68 |
| | DIN210 | Teoria e História da Arte II | 51 | 0 | 51 |
| | DIN211 | Desenho de Representação II | 17 | 51 | 68 |
| | DIN212 | Cor: Teoria e Prática II | 17 | 34 | 51 |
| | PSC310 | Psicologia da Comunicação e da Percepção | 34 | 0 | 34 |
| 3º semestre | DIN180 | Design II | 34 | 34 | 68 |
| | DIN181 | Modelos Tridimensionais | 17 | 51 | 68 |
| | DIN183 | Ergonomia | 51 | 17 | 68 |
| | DIN184 | Desenho de Projeto | 17 | 51 | 68 |
| | DIN213 | Teoria e História da Arte III | 51 | 0 | 51 |
| | DIN214 | Semiótica Aplicada ao Design | 34 | 0 | 34 |

| | | | | | |
|-------------|--------|--|-----|-----|-----|
| 4º semestre | EGM131 | Desenho Técnico Computacional | 34 | 34 | 68 |
| | ADM348 | Marketing | 34 | 0 | 34 |
| | CPT365 | Computação Gráfica I | 34 | 34 | 68 |
| | DIN186 | Metodologia de Projeto | 68 | 0 | 68 |
| | DIN187 | Materiais e Processos | 68 | 0 | 68 |
| | DIN215 | Design Sustentável | 17 | 17 | 34 |
| | HIS383 | História do Design e da Tecnologia | 51 | 0 | 51 |
| | SCL120 | Sociologia | 34 | 0 | 34 |
| | DIO | Optativa I | 17 | 17 | 34 |
| 5º semestre | CPT366 | Computação Gráfica II | 34 | 34 | 68 |
| | DIN188 | Projeto de Produto I | 34 | 68 | 102 |
| | DIN | Ênfase Projetual I | 34 | 68 | 102 |
| | DIN216 | Resistência dos Materiais | 34 | 0 | 34 |
| | EDU251 | Ética e Cidadania | 68 | 0 | 68 |
| | DIO | Optativa II | 17 | 17 | 34 |
| 6º semestre | DIN189 | Projeto de Produto II | 34 | 68 | 102 |
| | DIN217 | Sistemas Mecânicos | 34 | 0 | 34 |
| | DIN | Ênfase Projetual II | 34 | 68 | 102 |
| | EDU250 | Antropologia e Cosmovisão Franciscana | 68 | 0 | 68 |
| | EDU328 | Língua Brasileira de Sinais | 34 | 0 | 34 |
| | DIO | Optativa III | 17 | 17 | 34 |
| 7º semestre | ALC102 | Trabalho Final de Graduação I | 34 | 34 | 68 |
| | DIN190 | Projeto de Produto III | 34 | 68 | 102 |
| | DIN | Ênfase Projetual III | 34 | 68 | 102 |
| | DIO | Optativa IV | 17 | 17 | 34 |
| 8º semestre | ALC103 | Trabalho Final de Graduação II | 17 | 51 | 68 |
| | DIN194 | Estágio Curricular Supervisionado | 34 | 221 | 255 |
| | ACC | Atividades curriculares complementares | 102 | 0 | 102 |

Quadro 2 - Distribuição das disciplinas por semestre e carga horária

Para ler o ementário de cada disciplina, acesse o **Anexo 1 - Ementas e bibliografia** ou clique no semestre desejado na matriz acima.

Resumo da distribuição da carga horária

| | |
|--|---------------|
| Carga horária teórico-prática | 2.652h |
| Atividades curriculares complementares | 102h |
| Estágio | 255h |
| Optativas | 136h |
| Carga horária total | 3.145h |
| Número de créditos | 185 |

Quadro 3 - Resumo da distribuição da carga horária

Núcleo Comum

Profissionalizante

| | | | | | | | | |
|----------------------------|--------------------------------|--------------------------|-----------------------------|-----------------------|------------------------------|-------------------------------|-----------------|---------------|
| Design Cont. 34 | Dês. Geom e Geom. Desc. 68 | Desenho de Repres. I 102 | Cor: teoria e prática I 51 | Volume/ Espaço 68 | Teoria e Hist da Arte I 51 | Metodologia Científica 34 | | I Sem. 408 |
| Design I 68 | Perspectiva 68 | Desenho de Repres. II 68 | Cor: teoria e prática II 51 | Lab. de Criação 68 | Teoria e Hist da Arte II 51 | Psicologia da Com. 34 | | II Sem. 408 |
| Design II 68 | Desenho Téc. Comp. 68 | Desenho de Projeto 68 | Ergonomia 68 | Modelos Tridimens. 68 | Teoria e Hist da Arte III 51 | Semiótica aplic. Ao Design 34 | | III Sem. 425 |
| Metodologia de Projeto 68 | Comp. Gráfica I 68 | Marketing 34 | Materiais e Processos 68 | Design Sustentável 34 | História do Des. e Tec 51 | Sociologia 34 | Optativa I 34 | IV Sem. 391 |
| Projeto de Produto I 102 | Comp. Gráfica II 68 | Ênfase Projetual I 102 | Resistência Materiais 34 | | | Ética e Cidadania 68 | Optativa II 34 | V Sem. 408 |
| Projeto de Produto II 102 | Língua Brasileira de Sinais 34 | Ênfase Projetual II 102 | Sistemas Mecânicos 34 | | | Antrop. e Cosmovis. 68 | Optativa III 34 | VI Sem. 374 |
| Projeto de Produto III 102 | TFG I 68 | Ênfase Projetual III 102 | | | | | Optativa IV 34 | VII Sem. 306 |
| Estágio Superv. 255 | TFG II 68 | | | | | | | VIII Sem. 323 |

Legenda:

Disciplinas de Formação Básica

Disciplinas de Formação Específica

Ênfases

Optativas

Abordagem Teórica e Prática Profissional

Subtotal 3.043

ACCs 102h

Total geral 3.145h

Figura 1 - Representação gráfica das disciplinas

9.1.2 Disciplinas de formação básica

São aquelas cujos conteúdos proporcionam uma unidade curricular e uma formação humanística. Buscam promover a criatividade e a sensibilidade estética, a fundamentação, a representação visual e a integração entre a teoria e a prática por meio de uma abordagem inter e multidisciplinar.

Este eixo, num total de 1.071 horas, compreende os seguintes conteúdos.

Tabela 1 - Disciplinas da formação básica

| Disciplina | Carga Horária | Semestre |
|---|----------------------|-----------------|
| Cor: Teoria e Prática I | 51h | 1º |
| Desenho de Representação I | 102h | 1º |
| Desenho Geométrico e Geometria Descritiva | 68h | 1º |
| Metodologia Científica | 34h | 1º |
| Teoria e História da Arte I | 51h | 1º |
| Volume-Espaço | 68h | 1º |
| Cor: Teoria e Prática II | 51h | 2º |
| Desenho de Representação II | 68h | 2º |
| Laboratório de Criação | 68h | 2º |
| Perspectiva | 68h | 2º |
| Psicologia da Comunicação e da Percepção | 34h | 2º |
| Teoria e História da Arte II | 51h | 2º |
| Desenho Técnico Computacional | 68h | 3º |
| Semiótica Aplicada ao Design | 34h | 3º |
| Teoria e História da Arte III | 51h | 3º |
| Sociologia | 34h | 4º |
| Ética e Cidadania | 68h | 5º |
| Antropologia e Cosmvisão Franciscana | 68h | 6º |
| Língua Brasileira de Sinais | 34h | 6º |

9.1.3 Disciplinas da formação específica

Compreendem os conteúdos estudados ao longo dos semestres e buscam proporcionar ao estudante uma visão conjuntural da realidade profissional e vivências relacionadas à sua área de atuação. Este eixo compreende 1.275 horas, das quais 1.139 horas são de disciplinas obrigatórias e 136 horas de disciplinas optativas.

Tabela 2 - Disciplinas da formação específica

| Disciplinas | Carga horária | Semestre |
|------------------------------------|----------------------|-----------------|
| Design Contemporâneo | 34h | 1º |
| Design I | 68h | 2º |
| Desenho de Projeto | 68h | 3º |
| Design II | 68h | 3º |
| Ergonomia | 68h | 3º |
| Modelos Tridimensionais | 68h | 3º |
| Computação Gráfica I | 68h | 4º |
| Design Sustentável | 34h | 4º |
| História do Design e da Tecnologia | 51h | 4º |
| Marketing | 34h | 4º |
| Materiais e Processos | 68h | 4º |
| Metodologia de Projeto | 68h | 4º |
| Optativa I | 34h | 4º |
| Computação Gráfica II | 68h | 5º |
| Projeto de Produto I | 102h | 5º |
| Resistência dos Materiais | 34h | 5º |
| Optativa II | 34h | 5º |
| Projeto de Produto II | 102h | 6º |
| Sistemas Mecânicos | 34h | 6º |
| Optativa III | 34h | 6º |
| Projeto de Produto III | 102h | 7º |
| Optativa IV | 34h | 7º |

9.1.4 Ênfases

Segundo levantamento das expectativas e necessidades regionais e do contexto institucional e industrial, são oferecidas três ênfases: mobiliário, joias, equipamentos. As ênfases são desenvolvidas em disciplinas de caráter projetual com vistas à formação específica do profissional. O estudante poderá escolher uma ênfase projetual para seu aprofundamento, poderá trocar de ênfase e cursar mais de uma, se assim desejar.

Essas ênfases, dependendo da demanda, poderão ser substituídas e ou ampliadas.

Tabela 3 - Disciplinas de ênfase projetual

| Ênfase | Disciplina | Carga horária | Semestre |
|----------------------|------------------|---------------|----------|
| Ênfase Projetual I | Equipamentos I | 102h | 5º |
| | Joias I | 102h | 5º |
| | Mobiliário I | 102h | 5º |
| Ênfase Projetual II | Equipamentos II | 102h | 6º |
| | Joias II | 102h | 6º |
| | Mobiliário II | 102h | 6º |
| Ênfase Projetual III | Equipamentos III | 102h | 7º |
| | Joias III | 102h | 7º |
| | Mobiliário III | 102h | 7º |

9.1.5 Atividades curriculares complementares

As Atividades Curriculares Complementares (ACC) são componentes curriculares obrigatórios. O estudante deverá cumprir um total de 102 horas ao longo do desenvolvimento do curso. As possibilidades de composição envolvem a participação em congressos, seminários, simpósios, encontros, jornadas e outros; participação em monitorias ou estágios relativos à área profissional; participação em cursos realizados na área educacional ou áreas afins; participação em programas de iniciação científica; participação em projetos de pesquisa, extensão e estágios não obrigatórios.

As normas que disciplinam o registro de ACC, bem como a tabela com a distribuição de carga horária por evento seguem no **Anexo 6 - Normas que disciplinam o registro de atividades curriculares complementares**.

9.1.6 Disciplinas optativas

O currículo prevê a oferta de disciplinas optativas, em que o aluno deve cursar 136 horas. Assim como as atividades curriculares complementares, por meio das disciplinas optativas, busca-se garantir algum grau de flexibilidade ao currículo.

O elenco das disciplinas optativas que podem ser ofertadas pelo curso é o seguinte.

| Disciplina | Carga horária |
|--|---------------|
| Beneficiamento e Aplicação de Materiais Gemológicos | 34h |
| Biodesign | 34h |
| Cerâmica Utilitária | 34h |
| Cultura Material | 34h |
| Cultura Popular e Design | 34h |
| Embalagem | 34h |
| Empreendedorismo | 34h |
| Ergonomia Cognitiva | 34h |
| Fotografia | 34h |
| Gemologia | 34h |
| Gemologia e Lapidação | 34h |
| Gestão do Design | 34h |
| História em Quadrinhos | 34h |
| Ilustração Digital | 34h |
| Ilustração para Joalheria e Acessórios | 34h |
| Inglês Instrumental I | 34h |
| Inglês Instrumental II | 34h |
| Joalheria | 34h |
| Maquetaria | 34h |
| Marcas e Patentes | 34h |
| Marcenaria | 34h |
| Polímeros | 34h |
| Portfólio e Apresentação Pessoal | 34h |
| Projeto de Sinalização | 34h |
| Redação Acadêmica | 34h |
| Renderização Manual | 34h |
| Sistemas de Qualidade | 34h |
| Educação Ambiental | 34h |
| Educação para os Direitos Humanos | 34h |
| Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira e Indígena | 34h |

Quadro 4 - Conjunto de disciplinas optativas

Para ler o ementário de cada disciplina optativa, clique em **Disciplinas do tipo optativa**.

9.1.7 Estágios curriculares supervisionados

O estágio, como parte integrante do currículo, tem sua proposta fundamentada na filosofia da instituição que visa à terminalidade crítica, competente e responsável do profissional.

A carga horária mínima do estágio curricular é prevista no currículo, podendo o estudante realizar estágios extracurriculares a partir do segundo semestre letivo.

O estágio curricular supervisionado é uma disciplina de culminância do curso e visa a proporcionar ao estudante experiências profissionais em instituições autárquicas, empresas estatais, privadas e de economia mista.

Tem como objetivos oportunizar ao estudante experiências profissionais em campos de futuras atividades profissionais; desenvolver atividades específicas na área do design, respeitando o código de ética e a legislação pertinente, mantendo a postura profissional; participar do processo de integração entre IES e empresas, com vistas à transferência de tecnologia e informações.

As normas que disciplina os estágios curriculares obrigatórios pode ser acessadas nos ***links Anexo 4 - Normas que disciplinam o funcionamento dos estágios e Anexo 5 - Normas que disciplinam o funcionamento dos estágios do curso de Design.***

9.1.8 Estágios não obrigatórios

Faculta-se aos estudantes, na forma da lei, a participação em estágios não obrigatórios. Esses estágios são entendidos como atividade opcional com vistas à inserção no mundo do trabalho, desenvolvida sem supervisão direta do docente da Instituição, apenas pela orientação do supervisor local.

9.1.9 Trabalho final de graduação (TFG)

O trabalho de conclusão de curso, denominado Trabalho Final de Graduação (TFG), é componente curricular obrigatório, com horário previamente estabelecido na estrutura do curso e compõe-se de:

Trabalho Final de Graduação I: oferecido no sétimo semestre letivo. Nessa etapa, o acadêmico sob a orientação de um professor elabora um projeto de pesquisa que compreende a definição da proposta até a problematização. Este trabalho é avaliado por uma banca de três professores.

Trabalho de Final de Graduação II: oferecido no oitavo semestre, dá continuidade ao projeto de pesquisa aprovado na disciplina TFG I. O trabalho também é submetido a uma banca examinadora, que emitirá um parecer avaliativo após a apresentação oral do estudante. Essa apresentação segue um cronograma organizado pelo coordenador de TFG.

As normas que disciplinam o Trabalho Final de Graduação podem ser acessadas por meio do **Anexo 3 - Normas que disciplinam o trabalho final de graduação.**

10 METODOLOGIAS DE ENSINO

No âmbito do curso de Design, pela sua proposta interdisciplinar, há uma metodologia de ensino cujas disciplinas são desenvolvidas de forma integrada, por meio de conteúdos correlatos e projetos de ensino que envolvem a pesquisa e a extensão.

A integração entre a equipe docente e suas disciplinas ocorre por meio de reuniões sistemáticas realizadas desde o início do curso, nas quais são discutidas questões pedagógicas, planejamentos didáticos, conteúdos e as bibliografias correspondentes, definindo-se, inclusive, as formas de implementação das práticas interdisciplinares e os projetos de ensino. Isso possibilita um aperfeiçoamento dinâmico e constante, com o intuito de adequar o currículo à filosofia da instituição e à realidade da sociedade regional.

Desse modo, o estudante, além de receber as informações e conhecimentos do conteúdo específico, pode apreender as interfaces da atividade do design como um todo e seu conceito no sentido mais amplo.

Os conteúdos são desenvolvidos em atividades teóricas e práticas, individuais ou em grupos e incluem: aulas teóricas complementadas por seminários; aulas práticas; produção prática em laboratório/oficina: marcenaria, joalheria, metal-mecânica, cerâmica, viagens de estudo orientadas, pesquisas na área do design e - participação em projetos de extensão e atividades na comunidade.

11 CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Quanto ao processo de avaliação, seus critérios gerais estão oficializados no Regimento Geral. De acordo com esse documento, o sistema de avaliação dos estudantes compõe-se de duas avaliações parciais e uma avaliação final, no período letivo, cumpridos os prazos estabelecidos no Calendário Acadêmico.

Cada avaliação parcial é realizada, de acordo com os critérios estabelecidos pelo professor responsável pela disciplina, levando em consideração as peculiaridades inerentes a cada atividade.

É considerado aprovado: a) o estudante que, independentemente do exame final, obtiver média igual ou superior a sete (7,0) no semestre letivo; b) o estudante que, submetido a exame final, obtiver nota igual ou superior a seis (6,0), correspondente à média entre a nota de aproveitamento do semestre letivo e a nota do exame final.

É considerado reprovado: a) o estudante que não obtiver frequência mínima de setenta e cinco por cento (75%) das aulas e atividades didático-pedagógicas programadas; b) o estudante que, após o exame final, obtiver nota inferior a seis (6,0) resultante da média entre a nota de aproveitamento do semestre letivo e a nota do exame final.

Cabe destacar ainda que o processo avaliativo do Curso é dinâmico, permanente e contínuo, o que vem ao encontro das diretrizes curriculares e metodologias de ensino nele empregadas.

12 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) NO PROCESSO DE ENISNO-APRENDIAZAGEM

O curso dispõe de equipamentos de informática e de multimídias, incluindo *softwares* educacionais, acesso à rede de Internet e de laboratórios, em quantidade suficiente para bem atender toda a comunidade do curso, tanto nas aulas teóricas quanto práticas.

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nos processos de ensino e aprendizagem, no âmbito do curso, é uma prática atenta e constante da Coordenação do Curso, do Colegiado e do NDE. Nesta direção, entende-se que não basta apenas ter acesso aos equipamentos de informática e multimídias e seu uso em aulas presenciais, mas também estabelecer um processo de discussão pedagógica sobre o uso das TIC's que inclui as concepções de ensino, aprendizagem e avaliação.

Para tanto, a partir desse entendimento e, juntamente, com o programa institucional de capacitação docente - Programa Saberes - que visa à oferta de atividades de formação continuada, aos docentes, busca-se, permanentemente, promover momentos de estudos, envolvendo as questões das TIC's e também questões sobre a docência no ensino superior.

No âmbito do Programa Saberes, é oferecida aos docentes a participação em oficinas que incluem temáticas sobre docência no ensino superior e também sobre o uso pedagógico de Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs. Entre as temáticas propostas pelo Programa, citam-se:

- 1) capacitação acadêmico-pedagógica e administrativa:
 - a) Fundamentação do projeto educativo do Centro Universitário Franciscano: decorrências para a prática pedagógica;
 - b) O trabalho acadêmico e administrativo
 - c) O fazer pedagógico: planejamento e ação;
 - d) Possibilidades metodológicas de ensino;
 - e) Relações intra e interpessoais na docência universitária;
 - f) Docência Superior no Centro Universitário Franciscano;
 - g) Processo avaliativo: questões pertinentes ao fazer pedagógico;
 - h) Docência na universidade: ensino e pesquisa;
 - i) O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais;
 - j) Inventário de práticas docentes que favorecem a criatividade no ensino superior;
 - k) Aprendizagem docente: sua compreensão a partir das narrativas de professores;

2) Aprendizagem docente como articuladora da formação e do desenvolvimento profissional dos professores da educação superior;

m) Avaliação da aprendizagem no ensino superior: estado da arte;

n) Desafios para a docência superior: pressupostos a considerar;

o) Planejamento de ensino: peculiaridades significativas;

p) O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicações dos “sete princípios para a boa prática na educação ensino superior”;

q) Dormi aluno(a)... acordei professor(a): interfaces da formação para o exercício do ensino superior.

3) uso pedagógico de tecnologias na educação:

a) Moodle: como recurso digital;

b) Recursos digitais institucionais;

c) Aprendizagem mediada pela tecnologia;

d) Instrumentalização para o uso do Ambiente Moodle: um estudo inicial,

e) Instrumentalização para o uso do Ambiente Moodle: um estudo intermediário;

f) Instrumentalização para o uso do Ambiente Moodle: um estudo avançado;

g) Google Sites: criação de sites simples e integrados aos serviços Google;

h) Capacitação em CMS – Wordpress.

Os temas trabalhados têm permitido aos professores uma formação na docência de ensino superior e também a instrumentação para o uso de recursos digitais como ferramenta de sala de aula. Isto tem permitido o uso consciente das TIC’S como instrumento facilitador dos processos de ensino e de aprendizagem.

A Instituição tem um site do Programa Saberes disponível no endereço: <<http://www.saberes.unifra.br/>> que possibilita ao docente fazer sua inscrição, acessar os documentos disponibilizados pelos professores formadores e interagir com os colegas participantes por meio de fórum.

13 GESTÃO ACADÊMICO-ADMINISTRATIVA

O curso é administrado por uma coordenação escolhida pela Reitora. O coordenador do curso tem, segundo o artigo 42 do Estatuto, as seguintes atribuições:

- a) gestão administrativa e pedagógica;
- b) planejamento, organização e funcionamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como dos demais processos e atividades;
- c) acompanhamento da vida acadêmica dos estudantes;
- d) articulação do curso com os demais órgãos e comunidade externa;
- e) avaliação sistemática do curso.

A concepção de gestão acadêmico-administrativa adotada pelo curso é de gestão compartilhada entre o coordenador, o Colegiado do Curso e o Núcleo Docente Estruturante (NDE).

O Colegiado do Curso tem o coordenador por seu presidente e conta com a participação de representantes do corpo docente e representante do corpo discente, eleitos por seus pares. As atribuições no seu âmbito são de cunho deliberativo e consultivo. O colegiado tem um papel administrativo mais proeminente; ocupa-se de questões de gestão do curso (designar professores para as disciplinas, avaliar atividades curriculares complementares, fluxos de encaminhamento de estágios, acompanhar o processo de matrículas); analisa e propõe medidas/ações para a atualização/qualificação do curso; define os membros do NDE.

O Núcleo Docente Estruturante é composto pelo coordenador, também como presidente, mais representantes docentes, sendo suas atribuições de cunho pedagógico. Participam, ainda, da gestão do curso a coordenação de estágios e a coordenação de pesquisa e extensão. Ambos têm por função: colaborar com o coordenador para a atualização didático-pedagógica-científica do curso; propor atividades e ações que contribuam para a melhor qualificação do curso. O Núcleo Docente Estruturante é um elemento diferenciador da qualidade do curso e do seu padrão acadêmico; tem caráter consultivo, propositivo e executivo em matéria acadêmica relacionada ao curso. O Núcleo Docente Estruturante – NDE tem as seguintes atribuições: assessorar a Coordenação do Curso e o respectivo Colegiado no processo de concepção, atualização e consolidação do Projeto Pedagógico; estabelecer a concepção e o perfil profissional do egresso do curso; avaliar e atualizar o Projeto Pedagógico do Curso; responsabilizar-se pela atualização curricular, submetendo-a à aprovação do Colegiado de Curso; responsabilizar-se pela avaliação, análise e divulgação dos resultados do

curso em consonância com os critérios definidos pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) e pelo Colegiado; analisar, avaliar e propor a atualização dos programas de ensino das disciplinas e sua articulação com o Projeto Pedagógico do Curso; propor iniciativas para a inovação do ensino; zelar pela integração curricular interdisciplinar das diferentes atividades do currículo; definir e acompanhar a implementação das linhas de pesquisa e de extensão; acompanhar a adequação e a qualidade dos trabalhos finais de graduação e do estágio curricular supervisionado; zelar pelo cumprimento das diretrizes institucionais para o ensino de graduação e das Diretrizes Curriculares Nacionais.

A coordenação promove a gestão do curso, especialmente, nas seguintes atividades:

- a) elaboração conjunta, no período que antecede o início do ano letivo, do planejamento anual do projeto de gestão acadêmico-administrativa com ênfase na organização das atividades de apoio técnico-administrativo e na organização do trabalho pedagógico-científico previstos no planejamento do curso;
- b) reuniões coletivas em que predominam o diálogo e o consenso, com vistas à racionalização do trabalho de gestão;
- c) elaboração e desenvolvimento de planos de trabalho diretamente ligados à gestão acadêmico-administrativa do curso;
- d) reuniões de trabalho para análise e busca de soluções de dificuldades detectadas pela Comissão Própria de Avaliação e pelo processo de autoavaliação do curso a ser implementado.

14 PROCESSO DE AUTOAVALIAÇÃO

A autoavaliação é parte integrante do projeto pedagógico do curso e caracteriza-se como um processo permanente, formativo e educativo. Pauta-se pelo disposto do projeto institucional de autoavaliação e está voltado para o estudo de um conjunto de ações processuais pelas quais objetiva-se sistematizar e trabalhar os dados obtidos, no intuito de melhorar os aspectos negativos e aperfeiçoar ou manter os que já estão bem estruturados.

As ações previstas estão centradas nos seguintes aspectos:

- a) estrutura organizacional e gestão administrativa;
- b) relações entre estudantes, professores e equipe técnico-administrativa;
- c) currículo e suas relações com as exigências sociais e profissionais, bem como o desenvolvimento real de seus componentes (conteúdos programáticos, perfil esperado do futuro profissional, competências e habilidades, métodos de ensino e de avaliação da aprendizagem, atividades de pesquisa e extensão, atividades profissionais, atividades culturais, estágio curricular supervisionado e trabalho de conclusão do curso);
- d) envolvimento da comunidade acadêmica na elaboração e execução de planos de ação e de trabalho;
- e) avaliação das diferentes dimensões do próprio processo de autoavaliação empregado.

Entre os instrumentos de avaliação mais comuns utilizados pelo curso em seu processo de autoavaliação podem ser citados: questionários; entrevistas; depoimentos e discussões com professores, estudantes e equipe técnico-administrativa. O projeto de autoavaliação do curso encontra-se no **Anexo 10 - Projeto de autoavaliação.**

15 RESPONSABILIDADE SOCIAL

Entende-se que a educação se constitui num processo complexo e relacional de formação e de desenvolvimento pessoal que se inscreve, por um lado, no campo das habilidades profissionais e, por outro, no campo dos valores éticos. Constitui-se, ainda, num bem social de caráter coletivo, que envolve as instâncias institucional, familiar e individual.

A responsabilidade social no ensino se configura como um elemento eminentemente ético, por meio do qual se busca produzir condutas no sentido de que as pessoas sintam-se comprometidas com o desenvolvimento equitativo e sustentável do país; que pautem suas ações por referências éticas e que sejam criativas na articulação entre a sua profissão e a promoção do desenvolvimento coletivo. A responsabilidade social no ensino se expressa, então, na intenção de assegurar uma formação que promova o êxito profissional, mas que se fundamente em princípios éticos, humanísticos e de sensibilidade social.

Neste sentido, no Centro Universitário Franciscano, o processo de ensino-aprendizagem empenha-se para o desenvolvimento e incorporação de uma série de princípios, expressos no Projeto Pedagógico Institucional:

- a) educar para a cidadania ao oferecer um lugar permanente para o aprendizado, pelo exercício da ética e do rigor acadêmico;
- b) promover a formação de cidadãos capacitados ao exercício de sua profissão e que possam contribuir para o desenvolvimento humano e para a construção da paz;
- c) desenvolver uma educação de qualidade, para a formação de profissionais críticos;
- d) produzir e divulgar o conhecimento em suas diferentes formas e aplicações, pela preservação da vida;
- e) desempenhar a função prospectiva de percepção e de análise das tendências da sociedade, com vistas a desempenhar um papel preventivo de colaboração e de proximidade entre o que a instituição realiza e o que a sociedade dela espera.

A responsabilidade social no ensino se expressa nos Projetos Pedagógicos dos Cursos e ganha visibilidade por meio de ações, como:

- a) projetos de extensão e de ensino que envolvem a problemática social e regional entre a comunidade acadêmica e externa;
- b) projetos de extensão com o setor produtivo regional que envolvem os aspectos técnicos, humanos, sociais, econômicos e éticos;

- c) capacitações pedagógicas dos docentes acerca da temática de inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais;
- d) realização de estágio supervisionado em empresas no qual o exercício profissional viabiliza a troca entre experiências acadêmicas e de mercado;
- e) oferta das disciplinas Antropologia e Cosmovisão Franciscana, Ética e Cidadania e Sociologia que se preocupam com desenvolvimento humano e o bem estar social;
- f) preocupação com impacto das atividades sobre os ecossistemas e a sociedade, bem como a proteção e a sustentabilidade ambiental de acordo com as necessidades socioeconômicas.

16 ATENÇÃO AO ESTUDANTE

Os estudantes têm acesso a programas de atenção que se destinam a contribuir para a formação pessoal e pedagógico-científica. Esses programas são os seguintes:

- a) **Programa de Bolsa de Monitoria:** possibilita ao estudante de graduação auxiliar os docentes nas atividades de caráter técnico-didática, no âmbito de determinada disciplina, basicamente, nas aulas práticas, a partir de vagas e critérios determinados pela Pró-reitoria de Graduação.
- b) **Programa de Bolsa de Tutoria:** objetiva oferecer aos discentes, com necessidades de melhoria de rendimento escolar, a oportunidade de realizar, em pequenos grupos, estudos complementares, com o auxílio de um estudante-tutor e sob a supervisão de um professor;
- c) **Programa de Bolsa de Iniciação Científica à Pesquisa:** é um instrumento de integração das atividades de graduação e pós-graduação que objetiva iniciar o estudante na produção do conhecimento e permitir sua convivência com o procedimento acadêmico em suas técnicas, organizações e métodos.
- d) **Programa de Bolsa de Iniciação Científica à Extensão:** tem como objetivo estimular a participação dos estudantes nos programas de extensão da instituição e desenvolver a sua sensibilidade para os problemas sociais e para diversas formas de manifestações culturais da população. As bolsas são concedidas mediante plano de trabalho vinculado a um Projeto de Extensão.
- e) **Programa de Bolsas de Inovação Tecnológica:** tem por objetivo proporcionar ao bolsista o desenvolvimento do pensamento científico, crítico e a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa originando produção acadêmica e inovação tecnológica. Este programa busca integrar atividades acadêmicas em relação a demandas tecnológicas.
- f) **Programas de Bolsas Institucionais com apoio de órgãos de fomento – FAPERGS e CNPq:** têm por objetivo proporcionar ao bolsista, orientado pelo pesquisador, a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa; instigar-lhe o desenvolvimento do pensamento científico e crítico; promover o desenvolvimento tecnológico e a inovação. No âmbito da FAPERGS, registram-se: - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica e Inovação. No âmbito do CNPq, registram-se: - Programa Institucional de Bolsas de

Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, e - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

- g) **Programa de Assistência Financeira:** é voltado para o estudante carente e oferece bolsas institucionais e financiamentos externos: Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior - FIES, Programa Universidade para Todos - Prouni, auxílios da Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil - Fundaplub - e auxílios parciais e integrais.
- h) **A Coordenadoria de Atenção ao Estudante (CORES):** presta assistência aos estudantes com vistas à sua integração acadêmica, científica e social. Isso se efetiva por meio de ações de acolhimento, apoio psicopedagógico na organização, na gestão das aprendizagens, nos métodos de estudo e na promoção da adaptação e do sucesso do estudante. A Coordenadoria de Atenção ao Estudante (CORES) é constituída por duas divisões: a primeira, Divisão de Assistência Financeira, orienta os estudantes sobre os programas relacionados à assistência financeira; já a segunda, Divisão de Assistência Educativa, é responsável pelos atendimentos psicológicos, quanto às questões que interferem no desempenho do estudante, orientação profissional; acompanhamento de egressos e estágios, recepção dos calouros; orientação jurídica; assessoria a formaturas.
- i) **Meios de divulgação de trabalhos e produções:** o Centro Universitário Franciscano mantém duas revistas próprias para a divulgação de trabalhos acadêmicos: a revista *Vidya* e a *Disciplinarum Scientia*. A revista *Disciplinarum Scientia* é destinada à publicação dos trabalhos dos estudantes, enquanto a revista *Vidya* publica trabalhos de professores e pesquisadores. Além dessas revistas, o Centro Universitário realiza, a cada ano, o Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão - SEPE - evento em que os trabalhos de ensino, pesquisa e extensão são apresentados e publicados em anais e o Salão de Iniciação Científica - SIC - evento em que os alunos de iniciação científica da instituição apresentam seus resultados de pesquisas.
- j) **Ser Unifra:** oportuniza aos estudantes espaços para convivência em grupos, com vistas ao crescimento pessoal e ao compromisso evangelizador, pois tem como base a formação humana cristã.

ANEXOS

Anexo 1 - Ementas e bibliografia

1º semestre

| | |
|---------------------------|---|
| Código | ALC104 |
| Disciplina | Metodologia Científica |
| Ementa | Ciência, tecnologia e conhecimentos. Método científico. Pesquisa científica. Projeto de pesquisa. Publicações científicas. Plataforma Lattes, bases de dados eletrônicas e agências de fomento. |
| Bibliografia básica | ANDRADE, M. M. <i>Introdução à metodologia do trabalho científico</i> : elaboração de trabalhos de graduação. 10. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010. FURASTÉ, P. A. <i>Normas técnicas para o trabalho científico</i> : com explicitação das normas da ABNT. 15. ed. atual. reform. Porto Alegre: [s.n.], 2011. GIL, Antônio Carlos. <i>Como elaborar projetos de pesquisa</i> . 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 175. OLIVEIRA, J. L. <i>Texto acadêmico</i> : técnicas de redação e de pesquisa científica. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. |
| Bibliografia complementar | ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <i>NBR 14724</i> : informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2005. _____. <i>Informação e documentação</i> : citações em documentos - NBR 10520. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. AQUINO, I. S. <i>Como escrever artigos científicos</i> : sem arrodeio e sem medo da ABNT. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. _____. <i>Como ler artigos científicos</i> : da graduação ao doutorado. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. BASTOS, C. <i>Aprendendo a aprender</i> : introdução à metodologia científica. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. FRAGOSO, S.; RECUERO, R. C.; AMARAL, A. <i>Métodos de pesquisa para Internet</i> . Porto Alegre: Sulina, 2011. MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. <i>Metodologia do trabalho científico</i> . 8. ed. São Paulo: Atlas, 2011. MINAYO, M. C. S (org.). <i>Pesquisa social</i> : teoria, método e criatividade. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. SEVERINO, A. J. <i>Metodologia do trabalho científico</i> . 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN172 |
| Disciplina | Volume-Espaço |
| Ementa | Modelado. Espaço tridimensional. |
| Bibliografia básica | ARNHEIM, Rudolf. <i>Arte e percepção visual</i> : uma psicologia da visão criadora. 12. ed. São Paulo: Pioneira, 1998. FOCCILON, Henri. <i>A vida das formas seguido do elogio da mão</i> . Lisboa: Edições 70, 2001. TUCKER, William. <i>A linguagem da escultura</i> . São Paulo: Cosac&Naify, 1999. |
| Bibliografia complementar | CASTRO, Amílcar de. <i>Corte e Dobra</i> . São Paulo: Cosac e Naify, 2003. CHAVARRIA, Joaquim. <i>A cerâmica</i> . Lisboa: Estampa, 1997. DOCZI, György. <i>O poder dos limites</i> : harmonias e proporções na natureza, arte e arquitetura. São Paulo: Mercuryo, 1990. PECCININI, Daisy. <i>A linguagem das formas</i> . São Paulo: Instituto Victor Brecheret, 2004. ROCHA, Carlos S. <i>Plasticidade do papel e design</i> . Lisboa: Plátano, 2000. |

| | |
|--------------|---|
| Código | DIN173 |
| Disciplina | Design Contemporâneo |
| Ementa | Estética: forma e função do design. Design e meio ambiente. Design e tecnologia. Eventos. |
| Bibliografia | FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. <i>Design do século XX</i> . Köln: Taschen, 1999. |

| | |
|---------------------------|--|
| básica | _____; _____. <i>Design industrial A-Z</i> . London: Taschen, 2001. TAMBINI, Michael. <i>O design do século</i> . 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. CARDOSO, Rafael. <i>Uma Introdução à História do Design</i> . São Paulo: Editora Blucher, 2008. |
| Bibliografia complementar | BLÜCHER, LIMA, Marco Antônio Magalhães. <i>Introdução aos materiais e processos para designers</i> . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. BORGES, Adelia. <i>Dedign+ Artesanato- O caminho brasileiro</i> . São Paulo: Editora terceiro nome, 2011. FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. <i>1000 chair</i> . Köln: Taschen, c2005. LESKO, Jim. <i>Design industrial: materiais e processos de fabricação</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2004. LIMA, Marco Antônio Magalhães. <i>Introdução aos materiais e processos para designers</i> . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. <i>O Desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais</i> . São Paulo: Ed. da USP, 2008. NIEMEYER, Lucy. <i>Design no Brasil: origens e instalação</i> . 2. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 1998. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN201 |
| Disciplina | Desenho Geométrico e Geometria Descritiva |
| Ementa | Morfologia geométrica. Construções geométricas. Estudo do ponto. Estudo da reta. Estudo de elementos (figuras e objetos) bidimensionais e tridimensionais. |
| Bibliografia básica | CARVALHO, Benjamin de A. <i>Desenho geométrico</i> . Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1999. JANUÁRIO, Antônio Jaime. <i>Desenho geométrico</i> . Florianópolis: Ufsc, 2006. MONTENEGRO, Gildo A. <i>Geometria descritiva</i> . São Paulo: Edgard Blucher, 1991. PRÍNCIPE JÚNIOR, Alfredo dos Reis. <i>Noções de geometria descritiva</i> . 38. ed. São Paulo: Nobel, 1989 |
| Bibliografia complementar | CHING, Francis D. K. <i>Representação gráfica para desenho e projeto</i> . Barcelona: Gustavo Gili, 1998. BORGES, Gladys Cabral de Mello et al. <i>Noções de geometria descritiva: teoria e exercícios</i> . Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998. CALFA, Humberto Giovanni; ALMEIDA, Luiz Abreu de; BARBOSA; Roberto Carvalho. <i>Desenho geométrico plano</i> . Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997. DAGOSTIM, Maria Salete et al. <i>Noções básicas de geometria descritiva</i> . Florianópolis: Ufsc, 1994. FREDO, Bruno. <i>Noções de geometria e desenho técnico</i> . São Paulo: Ícone, 1994. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN207 |
| Disciplina | Teoria e História da Arte I |
| Ementa | Definição da arte. Linguagem da arte. Estética. Arte antiga. Arte medieval. Arte pré-colombiana. |
| Bibliografia básica | COLIN, Sílvio. <i>Uma introdução à arquitetura</i> . Rio de Janeiro: Uape, 2002. COSTA, Cristina. <i>Questões de arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético</i> . São Paulo: Moderna, 2002. JANSON, H. W.; JANSON, A. F. <i>Iniciação à história da arte</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1996. JIMENEZ, Marc. <i>O que é estética?</i> São Leopoldo: Unisinos, 1999. |
| Bibliografia complementar | BOSI, Alfredo. <i>Reflexões sobre a arte</i> . São Paulo: Ática, 2000. OSBORNE, Harold. <i>A apreciação da arte</i> . São Paulo: Cultrix, 1999. PROENÇA, Maria da Graça. <i>História da arte</i> . São Paulo: Ática, 2000. RAMÍREZ, Juan Antonio. <i>Historia del Arte</i> . Madrid: Alianza Editorial, 1997. STRICKLAND, Carol. <i>Arquitetura comentada: uma breve viagem pela história da arquitetura</i> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. _____; BOSWELL, John, 1999. <i>Arte Comentada – da Pré-História ao Pós-Moderno</i> . Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1992. SUMMERSON, John. <i>Linguagem clássica da arquitetura</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2002. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN208 |
| Disciplina | Desenho de Representação I |
| Ementa | Desenho de observação. Desenho por meio de perspectivas à mão livre. Figura humana. |
| Bibliografia básica | EDWARDS, Betty. <i>Desenhando com o lado direito do cérebro</i> . 8. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. PARRAMÓN, M. José. <i>A perspectiva na arte</i> . Lisboa: Editorial Presença, 1998. PIPES, Alan. <i>Desenho para Designers</i> . Barcelona: Blume, 2010. |
| Bibliografia complementar | KANDINSKY, Wassily. <i>Ponto e linha sobre o plano</i> : contribuição a análise dos elementos da pintura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. FABRY, Glenn. <i>Muscles in motion</i> : Figure drawing for the comic book artist. New York: Watson Guptill Publications, 2005. RAYNES, John. <i>Curso completo de perspectiva</i> . Barcelona: Blume, 2008 PARRAMÓN, José M. <i>Luz e sombra em desenho artístico</i> . Rio de Janeiro: Parramón Ediciones, 1986. STRAUB, E.; CASTILHO, M.; QUEIROZ, H. <i>ABC do Rendering</i> . Curitiba: Infólio, 2004. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN 209 |
| Disciplina | Cor: Teoria e Prática I |
| Ementa | Cor e sua teoria, elementos compositivos, plásticos e expressivos. Fundamentos e conceitos da cor. |
| Bibliografia básica | DOYLE, Michael E. <i>Desenho a cores</i> . 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. KUPPERS, Harad. <i>Fundamentos de la teoria de los colores</i> . Gustavo Grili. 1995. PEDROSA, Israel. <i>Da cor à cor inexistente</i> . Rio de Janeiro: Leo Christians. 1974. |
| Bibliografia complementar | FRASER, Tom; BANKS, Adam. <i>O guia completo da cor</i> . São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007. FERNANDES, Rê. <i>Da cor magenta</i> . Rio de Janeiro: Synergia, 2008. GOETHE, J. W. <i>Doutrina das cores</i> . São Paulo: Nova Alexandria, 1993. GOLDMAN, Simão. <i>Psicodinâmica das cores</i> . Porto Alegre: PUC/RS, 1964 GUIMARÃES, Luciano. <i>A cor como informação a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores</i> . São Paulo: Annablume, 2001. LACY, Marie Louise. <i>O poder das cores e o equilíbrio dos ambientes</i> . 7. ed. São Paulo: Pensamento. 1996 ZAGO, Ceres; GEHLEN, Carolina. <i>Caderno didático das cores</i> . Unifra: Design, 2004 |

2º semestre

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN177 |
| Disciplina | Laboratório de Criação |
| Ementa | Objeto e imagem. Objeto e texto. Objeto e ideia. Objeto e fantasia. Objeto e símbolo. |
| Bibliografia básica | DEYAN, Sudjic. <i>A linguagem das coisas</i> . Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010. FIELL, Charlotte, Petter. <i>Design do século XX</i> . Köln: Taschen, 1999. TAMBINI, Michael. <i>O design do século</i> . 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. |
| Bibliografia complementar | ALESSI, Alberto. <i>La fabbrica dei sogni: il design italiano nella produzione Alessi</i> . Milano: Electa/Alessi, 1998. CARMEL-ARTHUR, Judith. <i>Philippe Starck</i> . São Paulo: Cosac&Naify, 2000. DEMPSEY, Amy. <i>Estilos, escolas e movimentos: guia enciclopédico da arte moderna</i> . São Paulo: Cosac& Naify, 2003. DROSTE, Madalena. <i>Bauhaus</i> . Alemanha: Taschen, 1991. MORAES, Dijon de. <i>Limites do design</i> . São Paulo: Studio Nobel, 1999. |

| | |
|---------------------|--|
| Código | DIN178 |
| Disciplina | Design I |
| Ementa | Fundamentos e conceitos do design. Meios de representação gráfica. Fundamentos da linguagem visual. |
| Bibliografia básica | DONDIS, Donis A. <i>A sintaxe da linguagem visual</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2000. GOMES FILHO, João. <i>Gestalt do Objeto</i> : sistema de leitura visual da forma. 6. ed. São Paulo: Escrituras, 2004. HURLBURT, Allen. <i>Layout: o design da página impressa</i> . São Paulo: Nobel, 2002. |

| | |
|---------------------------|---|
| | MUNARI, Bruno. <i>Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1997. |
| Bibliografia complementar | AUMONT, J. <i>A imagem</i> . 10. ed. Campinas: Papirus, 2005. GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. <i>Design gráfico: do invisível ao ilegível</i> . Rio de Janeiro: 2AB, 2000. HOLLIS, Richard. <i>Design Gráfico: uma história concisa</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2001. JOLY, Martine. <i>Introdução à análise da imagem</i> . 6. ed. Campinas: Papirus, 2003. RIBEIRO, Milton. <i>Planejamento visual gráfico</i> . 7. ed. ampl. atual. Brasília: LGE, 1998. SILVA, Rafael Souza. <i>Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa</i> . 6. ed. São Paulo: Summus, 1985. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN185 |
| Disciplina | Perspectiva |
| Ementa | Perspectiva e suas aplicações em projeto de produto. Tipos de projeções. |
| Bibliografia básica | MONTENEGRO, Gildo. <i>A perspectiva dos profissionais</i> . 13. reimpr. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. p. 155 PARRAMÓN, José M. <i>Perspectiva na arte</i> . 2. ed. Lisboa: Ed. Presença, 1998. p. 112 SILVA, Arlindo. <i>Desenho técnico moderno</i> . 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006. p. 475 |
| Bibliografia complementar | CHING, Francis D. K. <i>Representação gráfica em arquitetura</i> . 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2000. p. 192 CHING, Francis D. K.; JUROSZEK, Steven P. <i>Representação gráfica para desenho e projeto</i> . Barcelona: Gustavo Gili-GG, c1998. 345 p. METZGEN, Phil. <i>A perspectiva sem dificuldade</i> . Köln: Evergreen, c1998. p. 191 MICELI, Maria Teresa; FERREIRA, Patrícia. <i>Desenho técnico: básico</i> . 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003. p. 143 FRENCH, Thomas E.; VIERCK, Charles J. <i>Desenho técnico e tecnologia gráfica</i> . 8. ed. São Paulo: Globo, 2005. p.1093 |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN210 |
| Disciplina | Teoria e História da Arte II |
| Ementa | Arte e arquitetura renascentista. Arte e arquitetura barroca. Arte e arquitetura neoclássica. Revolução industrial: a arquitetura e a arte do século XIX. |
| Bibliografia básica | JANSON, H. W. <i>História da arte</i> . Lisboa: Calouste Gubelkian, 1984. STRICKLAND, Carol. <i>Arquitetura comentada: uma breve viagem pela história da arquitetura</i> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. _____. <i>Arte comentada</i> . Rio de Janeiro: Ediouro, 1992. |
| Bibliografia complementar | PROENÇA, Maria da Graça. <i>História da Arte</i> . São Paulo: Editora Ática, 1991. RAMIREZ, Juan Antonio. <i>Historia del Arte</i> . Madrid: Alianza Editorial, 1997. PEVSNER, Nicolaus. <i>Los Origenes de la arquitectura moderna y del diseño</i> . Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1970. FILHO, Nestor Goulart Reis. <i>Quadro da Arquitetura no Brasil</i> . São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. HUE, Jorge de Souza. <i>Uma visão da Arquitetura Colonial Brasileira</i> . Rio de Janeiro: Agir, 1999. GYMPEL, Jan. <i>História da Arquitetura: da Antiguidade aos nossos dias</i> . Colônia: Könemann, 2001. |

| | |
|---------------------|--|
| Código | DIN211 |
| Disciplina | Desenho de representação II |
| Ementa | Técnicas de aplicação de cores aos materiais. Análise e leitura dos desenhos. |
| Bibliografia básica | JULIÁN, Fernando; ALBARRACÍN, Jesús. <i>Desenho para designers industriais</i> . Barcelona: Editorial Estampa, 2005. NICKELSEN, Alyona. <i>Colored Pencil painting bible: techniques for Achieving Luminous Color and Ultrarealistic Effects</i> . New York: Watson Guptill publications, 2009. STRAUB, Ericson; CASTILHO, Marcelo; QUEIROZ, Hélio. <i>ABC do Rendering</i> . Curitiba: Infólio Editorial, 2004. |
| Bibliografia | GILDON, Janie; NEWTON, Barbara Benedetti. <i>Colored Pencil Solution Book: Tips and</i> |

| | |
|--------------|--|
| complementar | techniques for winning results. Ohio: Noth Light Books, 2006. PIPES, Alan. <i>Dibujo para diseñadores</i> . Barcelona: Blume, 2008. RAYNES, John. <i>Curso completo de perspectiva</i> . Barcelona: Blume, 2008. WONG, Wucius. <i>Princípios de formas e desenho</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1998. _____. <i>Principios Del Diseno em Color</i> : Desenhar com cores eletrônicos. 6. ed. Barcelona: Ed.GG Diseno, 2001. EDWARDS, Betty. <i>Desenhando com o lado direito do cérebro</i> . 8. ed. Rio de Janeiro: Ediouro 2000. |
|--------------|--|

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN212 |
| Disciplina | Cor: Teoria e Prática II |
| Ementa | Cor em diferentes suportes e contextos. Aplicação da cor ao produto. |
| Bibliografia básica | DOYLE, Michael E. <i>Desenho a cores</i> . 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. LACY, Marie Louise. <i>O poder das cores e o equilíbrio dos ambientes</i> . 7. ed. São Paulo: Pensamento, 1999 PEDROSA, Israel. <i>Da Cor à cor inexistente</i> . 8. ed. Rio de Janeiro: Leo Christians, 2002. |
| Bibliografia complementar | FARINA, Modesto. <i>Psicodinâmica das Cores em Comunicação</i> . 4. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2002. FERNANDES, Rê. <i>Da cor magenta: um tratado sobre o fenômeno da cor e suas aplicações</i> ./ Maria Regina Silveira Fernandes. Rio de Janeiro: Synergia, 2008. FRASER, Tom; BANKS, Adam. <i>O guia completo da cor</i> . ed São Paulo: Senac, 2007. NIEMEYER, Lucy. <i>Design do Brasil: origens e instalação</i> . 3. ed. Rio de Janeiro: 2AD, 2000 ZAGO, Ceres; GEHLEN, Carolina. <i>Caderno didático das cores</i> . Santa Maria: Unifra, Curso de Design, 2004. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | PSC310 |
| Disciplina | Psicologia da Comunicação e da Percepção |
| Ementa | Percepção e cognição. Psicanálise e aplicações ao design. Comunicação: subjetividade, coletividade e identidade. |
| Bibliografia básica | BAXTER, M. <i>Projeto de produto</i> . São Paulo: Edgard Bücher, 1998. BOCK, A.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. <i>Psicologias: uma introdução ao Estudo de Psicologia</i> . São Paulo: Saraiva, 1992. EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. <i>Psicologia cognitiva - Um manual introdutório</i> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. FILHO, J. G. <i>Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma</i> . São Paulo: Escrituras, 2000. |
| Bibliografia complementar | GARRET, H. E. Os experimentos de Köhler sobre a percepção e a aprendizagem. Sua importância para a psicologia gestáltica. In: <i>Grandes experimentos da psicologia</i> . São Paulo: Nacional, 1969. GUARESCHI, P. A. (org.). <i>Comunicação e Controle Social</i> . Petrópolis: Vozes, 2004. JUNG, C. G. <i>O homem e seus símbolos</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. KOLSSLYN, S. M. A capacidade para trabalhar mentalmente com imagens. In.: STERNBERG, Robert. <i>As capacidades intelectuais humanas</i> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. LAPLANCHE; PONTALIS, J. <i>Vocabulário de Psicanálise</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2004. NORMAN, D. A. <i>The psychology of everyday things</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 1988. SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. <i>História da psicologia moderna</i> . São Paulo: Cultrix, 1992. STERNBERG, R. J. <i>Psicologia cognitiva</i> . Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. |

3º semestre

| | |
|---------------------|--|
| Código | DIN180 |
| Disciplina | Design II |
| Ementa | Fundamentos teóricos do produto. Design de produto. Design como comunicação. |
| Bibliografia básica | BÜRDEK, Bernhard E. <i>História, Teoria e Prática do Design de Produtos</i> . 2. ed. São Paulo: Blucher, 2010. |

| | |
|---------------------------|---|
| | GOMES FILHO, João. <i>Ergonomia do objeto: sistema técnico de leitura ergonômica</i> . São Paulo: Escrituras, 2003. LÖBACH, Bernd. <i>Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais</i> . São Paulo: Edgar Blücher, 2001. |
| Bibliografia complementar | BIGAL, Solange. <i>O design e o desenho industrial</i> . São Paulo: Annablume, 2001. DORMER, Peter. <i>Os significados do design moderno: a caminho do século XXI</i> . Porto: Bloco Gráfico, 1995. FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. <i>Design do século XX</i> . Köln: Taschen, c1999. HESKETT, John. <i>Design</i> . São Paulo: Ática, 2008 PEVSNER, Nikolaus. <i>Origens da arquitetura moderna e do design</i> . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. SCHNEIDER, Beat. <i>Design - uma introdução: o design no contexto social, cultural e econômico</i> . São Paulo: Blucher, 2010. SCHULMANN, Denis. <i>O desenho industrial</i> . Campinas: Papyrus, 1994. STEPHAN, Auresnede Pires (Coord.). <i>10 cases do design brasileiro: os bastidores do processo de criação</i> . 2. ed. São Paulo: Blucher, 2010. v. 2 WONG, Wucius. <i>Princípios de forma e desenho</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1998. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN181 |
| Disciplina | Modelos Tridimensionais |
| Ementa | Modelagem. Modelagem tridimensional no projeto de produto. Técnicas de modelagem tridimensional aplicadas ao projeto de produto. Modelagem tridimensional como ferramenta de criação. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2000. KNOLL, Wolfgang; HECHINGER, Martin. <i>Maquetes de arquitetura: técnicas y construcción</i> . 4. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. MUNARI, Bruno. <i>Das coisas nascem coisas</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1998 |
| Bibliografia complementar | BÜRDEK, Bernhard. <i>Design: história, teoria e prática do design de produtos</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2006. PORTER, Tom; GREENSTREET, Bob. <i>Manual de técnicas gráficas para arquitectos, diseñadores y artistas</i> . Barcelona: Gustavo Gili, 1987. v.3. TAMBINI, Michael. <i>O design do século</i> . São Paulo: Ática, 1999. WONG, Wucius. <i>Princípios de forma e desenho</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1998. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN183 |
| Disciplina | Ergonomia |
| Ementa | Ergonomia. Corpo humano. Ambiente. Informação. Máquina. Ergonomia aplicada a produtos. |
| Bibliografia básica | IIDA, I. <i>Ergonomia: projeto e produção</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 1997. PANERO, J.; ZELNIK, M. <i>Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos</i> . México: GG, 2002. TILLEY, Alvin R. <i>As medidas do homem e da mulher: fatores humanos em design</i> . Porto Alegre: Bookman, 2005. |
| Bibliografia complementar | DUL, J.; WEERDMEESTER, B. <i>Ergonomia Prática</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 1995. FILHO, J. G. <i>Ergonomia do objeto: sistema técnico de leitura ergonômica</i> . São Paulo: Escrituras, 2003. GRANDJEAN, E. <i>Manual de Ergonomia: adaptando trabalho ao homem</i> . Porto Alegre: Bookman, 1998. MORAES, A. <i>Ergonomia: conceitos e aplicações</i> . Rio de Janeiro: 2AB, 1998. NEUFERT, E. <i>Arte de projetar em Arquitetura: princípios, normas e prescrições sobre construção, instalações, distribuição e programa de necessidades, dimensões de edifícios locais e utensílios</i> . 13. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2004. |

| | |
|--------------|--|
| Código | DIN184 |
| Disciplina | Desenho de Projeto |
| Ementa | Desenho de criação de produtos. Técnicas de representação gráfica do tridimensional. |
| Bibliografia | JULIÁN, Fernando; ALBARRACÍN, Jesús. <i>Desenho para designers industriais</i> . |

| | |
|---------------------------|--|
| básica | Barcelona: Editorial Estampa, 2005. CASTILHO, Marcelo. <i>ABC do Rendering</i> . Curitiba: Infólio Editorial, 2006. DONDIS, D. A. <i>Sintaxe da Linguagem Visual</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2000. |
| Bibliografia complementar | KANDINSKY, Wassily. <i>Ponto e linha sobre o plano</i> : contribuição a análise dos elementos da pintura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. KEMNITZER, R. B. <i>Rendering whit markers</i> . New York: Watson Guptill Publications, 1988. LEWIS, David. <i>Pencil drawing techniques</i> . New York: Watson-Guptill Publications, 1984. LESKO, Jim. <i>Design industrial</i> : materiais e processos de fabricação. São Paulo: Edgard Blücher, 2004. LIMA, Marco Antônio Magalhães. <i>Introdução aos materiais e processos para designers</i> . Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2006. STRAUB, Ericson; CASTILHO, Marcelo; QUEIROZ, Hélio. <i>ABC do Rendering Automotivo</i> . Curitiba: Infólio Editorial, 2006. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN213 |
| Disciplina | Teoria e História da Arte III |
| Ementa | Primeiras décadas do século XX. Arte e arquitetura moderna. Arte e arquitetura contemporânea. Arte brasileira. |
| Bibliografia básica | PEVSNER, NiKolaus. <i>Os pioneiros do desenho moderno</i> : de Willian Morris a Walter Gropius. São Paulo: Martins Fontes, 1980. STRICKLAND, Carol. <i>Arquitetura comentada</i> : uma breve viagem pela história da arquitetura. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. _____. <i>Arte comentada</i> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. |
| Bibliografia complementar | BÜRDEK, Bernhard. <i>Diseño</i> : historia, teoria y practica del diseño industrial. Barcelona: Gustavo Gili, 1994. GYMPEL, Jan. <i>História da Arquitetura</i> : da Antiguidade aos nossos dias. Colônia: Könemann, 2001. GROPIUS, Walter. <i>Bauhaus</i> : novarquitectura. São Paulo: Perspectiva, 1977. TAMBINI, Michael. <i>O design do século</i> . São Paulo: Ática, 1999. PROENÇA, Maria da Graça. <i>História da arte</i> . São Paulo: Ática, 2000. RAMIREZ, Juan Antonio. <i>Historia del arte</i> . Madrid: Alianza, 1997. READ, Herbert. <i>História da pintura moderna</i> . São Paulo: Círculo do Livro, 1974. PEVSNER, Nikolaus. <i>Panorama da arquitetura ocidental</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2002. PEVSNER, Nikolaus. <i>Origens da arquitetura moderna e do design</i> . 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. DE FUSCO, Renato. <i>História da Arte Contemporânea</i> . Lisboa: Editorial Presença, 1988. JANSON, H. W. <i>História da Arte</i> . Lisboa: Calouste Gubelkian, 1984. JANSON ; JANSON. <i>Iniciação à História da Arte</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1996. HARRISON, Charles. <i>Modernismo</i> . São Paulo: Cosac & Naify, 2000. CEJKA, Jan. <i>Tendencias de la arquitectura contemporânea</i> . 3. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1999. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN214 |
| Disciplina | Semiótica Aplicada ao Design |
| Ementa | Semiótica. Fundamentos da semiótica de Peirce. Semiótica aplicada ao projeto de design. |
| Bibliografia básica | NIEMEYER, Lucy. <i>Elementos de semiótica aplicados ao design</i> . 3. tiragem. Rio de Janeiro: 2AB, 2009. PEIRCE, Charles Sanders. <i>Semiótica e filosofia</i> . 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975. WALTHER-BENSE, Elisabeth. <i>A teoria geral dos signos</i> : introdução aos fundamentos da semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2000. |
| Bibliografia complementar | COELHO NETTO, J. Teixeira. <i>Semiótica, informação e comunicação</i> : diagrama da teoria do signo. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. EPSTEIN, Isaac. <i>O signo</i> . 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. PERUZZOLO, Adair Caetano. <i>Elementos de Semiótica da Comunicação</i> . Bauru: EDUSC, 2004. |

| | |
|--|--|
| | SANTAELLA, Lúcia. <i>O que é semiótica</i> . São Paulo, SP: Brasiliense, 2003. _____. <i>Comunicação & semiótica</i> . São Paulo: Hacker, 2004. _____; NÖTH, Winfried. <i>Imagem: cognição, semiótica, mídia</i> . 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005. |
|--|--|

| | |
|---------------------------|---|
| Código | EGM131 |
| Disciplina | Desenho Técnico Computacional |
| Ementa | Normas para desenho técnico. Sistemas de representação. Modelagem sólida baseada em <i>features</i> . Planificação (<i>drawing</i>). Funções auxiliares. Obtenção de imagens fotorrealísticas. |
| Bibliografia básica | ABNT. <i>Normas da ABNT para desenho técnico</i> . Rio de Janeiro: ABNT, 1984/1995. MICELI, Maria T.; FERREIRA, Patrícia. <i>Desenho técnico básico</i> . Rio de Janeiro: Livro Técnico, 2004. SILVA, A.; TAVARES, C. R.; DIAS, J.; SOUSA, L. <i>Desenho técnico moderno</i> . Rio de Janeiro: LTC, 2006. |
| Bibliografia complementar | BALDAM, Roquemar. <i>AutoCAD® 2011: utilizando totalmente</i> . 1. ed. São Paulo: Érica, 2010. BOCCHESE, C. <i>Solidworks 2007: projeto e desenvolvimento</i> . São Paulo: Érica, 2008. CHING, Francis D. K. <i>Representação gráfica para desenho e projeto</i> . Barcelona: Gustavo Gili, 1998. FOLEY, James D. <i>Computer graphics: principles and practice</i> . Reading: Addison-Wesley, 1997. FIALHO A. B. <i>SolidWorks office premium 2008: teoria e prática no desenvolvimento de produtos</i> . São Paulo: Érica, 2008. FRENCH, Thomas E.; VIERCK, C. J. <i>Desenho técnico e tecnologia gráfica</i> . São Paulo: Globo, 1999. HOELSCHER, R. P.; SPRINGER, C. H.; DOBROVOLNY, J. S. <i>Expressão gráfica: desenho técnico</i> . Rio de Janeiro: LTC, 1978. LOMBARD, M. <i>Solidworks 2009: bible</i> . Indianápolis: JWE - John Wiley, 2009. ROHLEDER, E.; SPECK, H. J. <i>Tutoriais de modelagem 3D: utilizando o SolidWorks</i> . São Paulo: Visual Books, 2008. SPECK, Henderson J. <i>Manual básico de desenho técnico</i> . Florianópolis: UFSC, 1997. PROVENZA, A. <i>Projetista de máquinas</i> . São Paulo: Florenza, 1960. _____. <i>Desenhista de máquinas</i> . São Paulo: Florenza, 1960. |

4º semestre

| | |
|---------------------------|---|
| Código | ADM348 |
| Disciplina | Marketing |
| Ementa | Marketing. Planejamento estratégico de marketing e pesquisa mercadológica. Composto de marketing. Marketing de produto. |
| Bibliografia básica | CHURCHILL, G. A.; PETER, P. <i>Marketing: criando valor para o cliente</i> . São Paulo: Saraiva, 2000. KOTLER, P. <i>Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle</i> . 5.ed. São Paulo: Atlas, 1998. _____; KELLER, Kevin Lane. <i>Administração de marketing</i> . 12. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2006. p.750 |
| Bibliografia complementar | DIAS, S. R (org). <i>Gestão de marketing</i> . São Paulo: Saraiva, 2002. GIGLIO, E. <i>O comportamento do consumidor</i> . São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002. GRACIOSO, F. <i>Marketing estratégico: planejamento estratégico orientado para o mercado</i> . São Paulo: Atlas, 2001. KARSAKILAN, E. <i>Comportamento do consumidor</i> . São Paulo: Atlas, 2000. MALHOTRA, N. K. <i>Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada</i> . Porto Alegre: Bookman, 2001. Mc DANIEL, C.; GATES, R. <i>Pesquisa de marketing</i> . São Paulo: Thomson, 2003. MOWEN, J. C.; MINOR, M. S. <i>Comportamento do consumidor</i> . São Paulo: Prentice Hall, 2003. SHETH, J.; MITTAL B.; NEWMAN, B. <i>Comportamento do cliente</i> . São Paulo: Atlas, |

| | |
|--|---|
| | 2001. SOLOMON, M. R. <i>O comportamento do consumidor</i> . Porto Alegre: Bookman, 2002. RAPAILLE, Clotaire. <i>O Código cultural: Por que somos tão diferentes na forma de viver, comprar e amar ?</i> . Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. HUNDERHILL, Paco. <i>Vamos às compras: A ciência do consumo</i> . 20 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999. |
|--|---|

| | |
|---------------------------|---|
| Código | CPT365 |
| Disciplina | Computação Gráfica I |
| Ementa | Modelagem sólida tridimensional paramétrica. Planificação. Funções auxiliares. Obtenção de imagens fotorrealísticas. Manufatura assistida por computador. |
| Bibliografia básica | FIALHO A. B. <i>SolidWorks Office Premium 2008 - Teoria e Prática no Desenvolvimento de Produtos</i> . São Paulo: Érica, 2008. ROHLER E.; SPECK H. J. <i>Tutoriais de Modelagem 3D: Utilizando o SolidWorks</i> . 2. ed. São Paulo: Visual Books, 2008. BOCCHESE, C. <i>Solidworks 2007 - Projeto e Desenvolvimento</i> . São Paulo: Érica, 2008. |
| Bibliografia complementar | CADESIGN. São Paulo: Market Press, [199-]. FOLEY, James D. <i>Computer graphics: principles and practice</i> . Reading: Addison-Wesley, 1997. JULIÁN, Fernando; ALBARRACÍN, Jesús. <i>Desenho para designers industriais</i> . Lisboa, PO: Estampa, 2005. LOMBARD, M. <i>Solidworks 2009 Bible</i> . New York: JWE - John Wiley, 2009. PIPES, Alan. <i>Desenho para designers: habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção</i> . São Paulo: Blucher, 2010. PROVENZA, A. <i>Projetista de Máquinas</i> . São Paulo: Florenza, 1960. _____. <i>Desenhista de máquinas</i> . São Paulo: Florenza, 1960. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN186 |
| Disciplina | Metodologia de Projeto |
| Ementa | Problemática. Geração. Avaliação e seleção. Realização. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto: guia prático para o Design de novos produtos</i> . 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. p.261 JUNG, Carlos Fernando. <i>Metodologia Para Pesquisa e Desenvolvimento: aplicada a novas tecnologias, produtos e processos</i> . Rio de Janeiro: Axcel Books, c2004. p.312 LÖBACH, Bernd. <i>Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2001. p.206 |
| Bibliografia complementar | CROSS, Nigel. <i>Engineering design methods: strategies for product design</i> . 3rd. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2001. p.212 IDSA. INDUSTRIAL DESIGNERS SOCIETY OF AMERICA. <i>Design secrets: products 50 real-life projects uncovered</i> . Massachusetts: Ed. Rockport, c2001. p.208 KAMINSKI, Paulo Carlos. <i>Desenvolvendo produtos, planejamento, criatividade e qualidade</i> . Rio de Janeiro: LTC, 2000. p.132 PAHL, Gerhard. <i>Projeto na engenharia: fundamentos do desenvolvimento eficaz de produtos, métodos e aplicações</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2005. p.412 SILVA, Arlindo. <i>Desenho técnico moderno</i> . 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, c2006. p.475 |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN187 |
| Disciplina | Materiais e Processos |
| Ementa | Metais. Madeira. Vidro. Polímeros. Cerâmica. Pedras. Tintas. |
| Bibliografia básica | LEFTEI, Chris. <i>Como se faz: 82 técnicas de fabricação para design de produtos</i> . São Paulo: Blucher, 2009. LESKO, J. <i>Design industrial: materiais e processos de fabricação</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2004. LIMA, M. A. M. <i>Introdução aos materiais e processos para designers</i> . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. |
| Bibliografia complementar | BROWN, G. et al. <i>Os recursos físicos da terra: materiais de construção e outras matérias brutas</i> . Rio de Janeiro: LTC, 1995. |

| | |
|--|---|
| | <p>CHIAVERINI, Vicente. <i>Aços e ferros fundidos: características gerais, tratamentos térmicos, principais tipos</i>. 7. ed. ampl. e rev. 5. impr. São Paulo: Associação Brasileira de Metalurgia e Materiais, 2008.</p> <p>FERRANTE, Maurizio. <i>Seleção de materiais</i>. 2. ed., 2. reimpr. São Carlos: Edufscar, 2009.</p> <p>GARCIA, Amauri; SPIM, Jaime Alvares; SANTOS, Carlos Alexandre dos. <i>Ensaio dos materiais</i>. Rio de Janeiro: LTC, 2000.</p> <p>LEFTERI, Chris. <i>Así se hace: técnicas de fabricación para diseño de producto</i>. Barcelona: Blume, 2008.</p> <p>PETRUCCI, E. G. R. <i>Materiais de construção</i>. Porto Alegre: Globo, 1995.</p> <p>VAN VLACK, L. H. <i>Princípios de tecnologia dos materiais</i>. São Paulo: Campus, 2003.</p> <p>GLOBO. Telecurso 2000: <i>Curso profissionalizante: mecânica materiais</i>. São Paulo: Globo, c2000.</p> |
|--|---|

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN215 |
| Disciplina | Design Sustentável |
| Ementa | Meio ambiente e ética. Design e sustentabilidade. |
| Bibliografia básica | <p>MANZINI, Ezio. <i>Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais</i>. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.</p> <p>MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlos. <i>O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis</i>. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.</p> <p>VEZZOLI, Carlo. <i>Design de sistemas para a sustentabilidade: teoria, métodos e ferramentas para o design sustentável de "sistemas de satisfação"</i>. Salvador: EDUFBA, 2010.</p> |
| Bibliografia complementar | <p>FUAD-LUKE, Alastair. <i>Ecodesign: the source book</i>. Chronicle Books, 2002.</p> <p>LÖBACH, B. <i>Desenho Industrial - base para configuração dos produtos industriais</i> - São Paulo: Edgar Blücher, 2000.</p> <p>MANZINI, Ezio. <i>La materia dell'invenzione</i>. Arcadia Ed. Milano, 1986.</p> <p>MORAES, D. <i>Limites do Design</i>. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p.168</p> <p>YEANG, Ken. <i>Ecodesign: a manual for ecological design</i>. Academy Press, 2005.</p> |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | HIS383 |
| Disciplina | História do Design e da Tecnologia |
| Ementa | Origens do Design: a industrialização (séculos XVIII e XIX). Design no Modernismo. Design entre as guerras. Design dos anos 60 e 70. Design no Brasil. |
| Bibliografia básica | <p>BÜRDEK, Bernhard E. <i>Design: história, teoria e prática do design de produtos</i>. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.</p> <p>CARDOSO, Rafael. <i>Uma introdução à história do design</i>. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Edgar Blücher, 2011.</p> <p>DROSTE, Magdalena; BAUHAUS, Archiv. <i>Bauhaus: 1919-1933</i>. Alemanha: Benedikt Taschen, 1991.</p> <p>NIEMEYER, Lucy. <i>Design no Brasil</i>. Origens e instalação. Rio de Janeiro: 2AB, 1998.</p> <p>SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. <i>Notas para uma história do design</i>. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2001.</p> |
| Bibliografia complementar | <p>CARA, Milene. <i>Do desenho industrial ao design no Brasil: uma bibliografia crítica para a disciplina</i>. São Paulo: Blucher, 2010.</p> <p>MORAES, Dijon de. <i>Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem</i>. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.</p> <p>HEYNEMANN, Cláudia et al. <i>Marcas do progresso: consumo e design no Brasil do século XIX</i>. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional: Mauad X, 2009.</p> <p>KANDINSKY, Wassily. <i>Curso da Bauhaus</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2003.</p> <p>LEON, Ethel. <i>Memórias do design brasileiro</i>. São Paulo: Senac, 2009.</p> <p>FIELL, Charlotte Peter. <i>Design do século XX</i>. Lisboa: Taschen, 2000.</p> <p>_____. <i>Design industrial A-Z</i>. London: Taschen, c2001.</p> <p>MORAES, Dijon de. <i>Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem</i>. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.</p> <p>_____. <i>Limites do design</i>. São Paulo: Studio Nobel, 1999.</p> |

| | |
|--|--|
| | PEVSNER, Nikolaus. <i>Origens da arquitetura moderna e do design</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2001. TAMBINI, Michael. <i>O design do século</i> . São Paulo: Ática, 1999. |
|--|--|

| | |
|---------------------------|--|
| Código | SCL120 |
| Disciplina | Sociologia |
| Ementa | Contexto histórico e fundamentação. Categorias sociológicas. Análise conjuntural da sociedade brasileira. |
| Bibliografia básica | COSTA, Cristina. <i>Sociologia: introdução à ciência da sociedade</i> . 2. ed. São Paulo: Moderna, 2011. QUINTANEIRO, Tânia, BARBOSA, Maria L.; OLIVEIRA, Márcia G. <i>Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber</i> . 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002. GIDDENS, Anthony. <i>Sociologia</i> . Porto Alegre: Artmed, 2012. |
| Bibliografia complementar | BAUMAN, Zygmunt. <i>Modernidade Líquida</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. DUBET, François. <i>As desigualdades multiplicadas</i> . Ijuí: UNIJUI, 2003. GIDDENS, Anthony. <i>As consequências da modernidade</i> . Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991. GOHN, Maria da Glória (org.). <i>Movimentos sociais no início do século XXI</i> . Antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2003. SELL, Carlos Eduardo. <i>Sociologia Clássica</i> . 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. |

5º semestre

| | |
|---------------------------|---|
| Código | CPT366 |
| Disciplina | Computação Gráfica II |
| Ementa | Modelagem sólida tridimensional paramétrica. Planificação. Funções auxiliares. Obtenção de imagens fotorrealísticas. Manufatura assistida por computador. |
| Bibliografia básica | FIALHO A. B. <i>SolidWorks Office Premium 2008 - Teoria e Prática no Desenvolvimento de Produtos</i> . São Paulo: Érica, 2008. ROHLEDER E.; SPECK H. J. <i>Tutoriais de Modelagem 3D: Utilizando o SolidWorks</i> . 2. ed. São Paulo: Visual Books, 2008. BOCCHESE, C. <i>Solidworks 2007 - Projeto e Desenvolvimento</i> . São Paulo: Érica, 2008. |
| Bibliografia complementar | CADESIGN. São Paulo: Market Press, [199-]. FOLEY, James D. <i>Computer graphics: principles and practice</i> . Reading: Addison-Wesley, 1997. JULIÁN, Fernando; ALBARRACÍN, Jesús. <i>Desenho para designers industriais</i> . Lisboa, PO: Estampa, 2005. LOMBARD, M. <i>Solidworks 2009 Bible</i> . New York: JWE - John Wiley, 2009. PIPES, Alan. <i>Desenho para designers: habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção</i> . São Paulo: Blucher, 2010. PROVENZA, A. <i>Projetista de Máquinas</i> . São Paulo: Florenza, 1960. _____. <i>Desenhista de máquinas</i> . São Paulo: Florenza, 1960. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN188 |
| Disciplina | Projeto de Produto I |
| Ementa | Fundamentos e metodologias de atividades projetuais de baixa complexidade. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto: guia prático para o Design de novos produtos</i> . 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. p. 261 IIDA, Itiro. <i>Ergonomia: projeto e produção</i> . São Paulo: Edgard Blücher, c1990. p. 465 MORAES, Dijon de. <i>Limites do Design...</i> São Paulo: Studio Nobel, 1999. p.168 |
| Bibliografia complementar | GOMES FILHO, João. <i>Ergonomia do objeto: sistema técnico de leitura ergonômica</i> . São Paulo: Escrituras, 2003. p. 255 JULIÁN, Fernando; ALBARRACÍN, Jesús. <i>Desenho para designers industriais</i> . Lisboa, PO: Estampa, 2005. p.191 LÖBACH, Bernd. <i>Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2001. p. 206 MORAES, Anamaria de; PEQUINI, Suzi Mariño. <i>Ergodesign: para trabalho em terminais informatizados</i> . Rio de Janeiro: 2 A B, 2000. p. 117 |

| | |
|--|--|
| | SILVA, Arlindo. <i>Desenho técnico moderno</i> . 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, c2006. p. 475 |
|--|--|

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN |
| Disciplina | Ênfase Projetual I |
| Ementa | Ênfase a ser escolhida pelo estudante, dentre aquelas previstas no projeto pedagógico, e de acordo com critérios de oferta definidos pela coordenação do curso. |
| Bibliografia básica | Conforme a temática escolhida. |
| Bibliografia complementar | Conforme a temática escolhida. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN216 |
| Disciplina | Resistência dos Materiais |
| Ementa | Tensões e deformações. Esforço normal axial - tração e compressão. Cisalhamento convencional. Torção pura. Flexão normal pura. Teorias de resistência. |
| Bibliografia básica | BEER, F. P.; JOHNSTON E. R. <i>Resistência dos Materiais</i> . São Paulo: McGraw-Hill, 1982. BOTELHO, M. H. C. <i>Resistência dos Materiais</i> : para entender e gostar - um texto curricular. São Paulo: Nobel. 2008. MELCONIAN, Sarkis. <i>Mecânica técnica e resistência dos materiais</i> . 13. ed. São Paulo: Érica, 2002. |
| Bibliografia complementar | ARRIVABENE, Vladimir. <i>Resistência dos materiais</i> . Rio de Janeiro: Makron Books, c1994. GERE, James M. <i>Mecânica dos materiais</i> . São Paulo: Cengage Learning, 2009. HIBBELER, R. C. <i>Resistência dos materiais</i> . 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004. NASH, William A. <i>Resistência de materiais</i> . 4. ed. Lisboa, PO: Mc Graw-Hill, 2001. SÁNCHEZ, Emil. <i>Elementos de mecânica dos sólidos</i> . Rio de Janeiro: Interciência, 2000. TIMOSHENKO, S. P. <i>Mecânica dos Sólidos</i> . Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro, 1994. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | EDU251 |
| Disciplina | Ética e Cidadania |
| Ementa | Ética, cidadania e dimensões do agir humano. Ética, sociedade e sustentabilidade. Cidadania e direitos humanos. Bioética e biopoder. Trabalho e dignidade humana. |
| Bibliografia básica | CAMARGO, M. <i>Fundamentos de ética geral e profissional</i> . 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. SANDEL, Michael J. <i>Justiça: o que é fazer a coisa certa</i> . 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. _____. <i>O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado</i> . 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. VÁZQUEZ, A. S. <i>Ética</i> . 24 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. |
| Bibliografia complementar | CARVALHO, J. M. <i>Cidadania no Brasil – um longo caminho</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. CANTO-SPERBER, Monique; OGIEN, Ruwen. <i>Que devo fazer? A filosofia moral</i> . Tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo: Unisinos, 2004. FACCHI, A. <i>Breve história dos direitos humanos</i> . Tradução de Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Loyola, 2011. PESSINI, L.; BERTACHINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. (Org.). <i>Bioética, cuidado e humanização</i> . São Paulo, SP: Centro Universitário São Camilo, 2014. GRÜN, M. <i>Ética e educação ambiental: a conexão necessária</i> . 6. ed. Campinas: Papirus, 2002. BITTAR, E. C. B. <i>Ética, educação, cidadania e direitos humanos: estudos filosóficos entre cosmopolitismo e responsabilidade social</i> . São Paulo, SP: Manole, 2004. HEERDT, M. L. <i>Construindo ética e cidadania todos os dias</i> . 6. ed. Florianópolis, SC: Sophos, 2004. HUNT; L. <i>A invenção dos direitos humanos: uma história</i> . Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. |

| | |
|--|---|
| | JUNGES, J. R. <i>Bioética: perspectivas e desafios</i> . São Leopoldo: Unisinos, 1999. MANZINI-COVRE, M. L. <i>O que é cidadania</i> . São Paulo: Brasiliense, 1995. NALINI, J. R. <i>Ética geral e profissional</i> . 3. ed. rev. ampl. Paulo: Revista dos Tribunais, 2001. TIRADENTES, J. A. <i>Sociedade e construção: história e cultura indígena brasileira</i> . São Paulo: Direção, 2008. _____. <i>Sociedade e construção: história e cultura afro-brasileira</i> . São Paulo: Direção, 2008. VALLS, Á. <i>O que é ética</i> . São Paulo: Brasiliense, 1986. |
|--|---|

6º semestre

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN189 |
| Disciplina | Projeto de Produto II |
| Ementa | Conceitos, história e contexto. Gestão do produto. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto: guia prático para o Design de novos produtos</i> . 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. 261 p. LÖBACH, Bernd. <i>Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2001. 206 p. MONTENEGRO, Gildo Aparecido. <i>A invenção do projeto: a criatividade aplicada em desenho industrial, arquitetura e comunicação visual</i> . São Paulo: Edgard Blücher, c1987. 131 p. |
| Bibliografia complementar | FIELL, Charlotte; FIELL, Peter. <i>Design industrial A-Z</i> . London: Taschen, c2001. 768 p. IDSA. INDUSTRIAL DESIGNERS SOCIETY OF AMERICA. <i>Design secrets: products 50 real-life projects uncovered</i> . Massachusetts: Ed. Rockport, c2001. 208 p. PAHL, Gerhard. <i>Projeto na engenharia: fundamentos do desenvolvimento eficaz de produtos, métodos e aplicações</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2005. 412 p. SILVA, Arlindo. <i>Desenho técnico moderno</i> . 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, c2006. 475 p. TILLEY, Alvin R.; HENRY DREYFUSS ASSOCIATES. <i>As medidas do homem e da mulher: fatores humanos em design</i> . Porto Alegre: Bookman, 2005. 103 p. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN |
| Disciplina | Ênfase Projetual II |
| Ementa | Ênfase a ser escolhida pelo estudante, dentre aquelas previstas no projeto pedagógico, e de acordo com critérios de oferta definidos pela coordenação do curso. |
| Bibliografia básica | Conforme a temática escolhida. |
| Bibliografia complementar | Conforme a temática escolhida. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN217 |
| Disciplina | Sistemas Mecânicos |
| Ementa | Elementos de fixação. Elementos de apoio. Elementos elásticos. Elementos de transmissão. Elementos de vedação. Conjuntos mecânicos. Mecanismos. |
| Bibliografia básica | JENSEN, P. W. <i>Classical and modern mechanisms for engineers and inventors</i> . New York: Marcel Dekker, 1991. MELCONIAN, S. <i>Elementos de máquinas</i> . São Paulo: Érica, 2006. SCLATER, N.; CHIRONIS, N. P. <i>Mechanisms and mechanical devices sourcebook</i> . New York: McGraw-Hill, 2007. |
| Bibliografia complementar | GLOBO. <i>Como as coisas funcionam: fascinantes projetos e experiências que revelam os segredos das máquinas</i> . São Paulo: Globo, c1995. 156 p. (Globo Ciência) GARCIA, A. <i>Ensaio dos materiais</i> . Rio de Janeiro: LTC, 2008. GOLDSTEIN, Herbert; POOLE, Charles; SAFKO, John. <i>Classical mechanics</i> . 3rd. ed. San Francisco: Addison Wesley, c2002. PETROSKI, H. <i>Inovação: da ideia ao produto</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2008. VASCONCELOS, A. C. <i>Máquinas da natureza: um estudo da interface entre biologia e engenharia</i> . São Paulo: Ed. do Autor, 2004. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | EDU250 |
| Disciplina | Antropologia e Cosmovisão Franciscana |
| Ementa | Antropologia filosófica e seu objeto de estudo. Pessoa humana, ciência e responsabilidade. Virtude, reverência e alteridade. Humanismo e cosmovisão franciscana |
| Bibliografia básica | BOFF, L. <i>Saber cuidar: ética do humano-convivência com o mundo</i> . Petrópolis: Vozes, 2000. _____. <i>O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade</i> . Petrópolis: Vozes, 2012. BUZZI, A. R. <i>Introdução ao pensar</i> . 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. MERINO, J. A.. <i>Filosofia da vida: visão franciscana</i> . Braga: Franciscana, 2000. |
| Bibliografia complementar | BOFF, L. <i>Virtudes para um outro mundo possível: comer & beber juntos & viver em paz</i> . Petrópolis: Vozes, 2006. _____. <i>Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade: direito e deveres de todos</i> . Petrópolis: Vozes, 2006. _____. <i>Virtudes para um outro mundo possível: convivência, respeito, tolerância</i> . Petrópolis: Vozes, 2006. MERINO, J. A.; FRESNEDA, F. M. <i>Manual de filosofia franciscana</i> . Petrópolis: Vozes, 2006. _____. <i>Humanismo franciscano: franciscanismo e mundo atual</i> . Petrópolis: FFB, 1999. MURARO, R. M. <i>Os avanços tecnológicos e o futuro da humanidade</i> . Petrópolis: Vozes, 2009. VAZ, H. C. L. <i>Antropologia filosófica I</i> . 8. ed. São Paulo: Loyola, 2006. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | EDU328 |
| Disciplina | Língua Brasileira de Sinais |
| Ementa | Introdução: aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. Alfabeto manual. Vocabulário básico da Libras I. Vocabulário básico da Libras II. Descrição: narrativa básica. |
| Bibliografia básica | CAPOVILLA, F. <i>Dicionário trilíngue de libras</i> . São Paulo: USP, 2001. QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. <i>Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos</i> . reimpr. Porto Alegre: Artmed, 2007. SKLIAR, Carlos (org.). <i>A surdez: um olhar sobre as diferenças</i> . 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. |
| Bibliografia complementar | QUADROS, Ronice Müller de. <i>Educação de surdos: a aquisição da linguagem</i> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 126. OLIVEIRA, Luiza de Fátima Medeiros de. <i>Formação docente na escola inclusiva: diálogo como fio tecedor</i> . Porto Alegre: Mediação, 2009. SKLIAR, Carlos. <i>Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí?</i> Rio de Janeiro: Dp&A, 2003. _____. (org.). <i>Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial</i> . 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 110. THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena (org.). <i>Currículo e avaliação: a diferença surda na escola</i> . Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009. |

7º semestre

| | |
|---------------------|---|
| Código | ALC102 |
| Disciplina | Trabalho Final de Graduação I |
| Ementa | Projeto de pesquisa. Projeto do trabalho final de graduação. Orientação dirigida. |
| Bibliografia básica | ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <i>NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação</i> . 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2005. _____. <i>NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos</i> . Rio de Janeiro: ABNT, 2002. _____. <i>NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração</i> . Rio de Janeiro: ABNT, 2002. GIL, Antonio C. <i>Como elaborar projetos de pesquisa</i> . São Paulo: Atlas, 2002. LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Maria de A. <i>Fundamentos de metodologia do trabalho científico</i> . São Paulo: Atlas, 2010. |
| Bibliografia | A bibliografia a ser consultada será correspondente aos conteúdos envolvidos, podendo |

| | |
|--------------|--|
| complementar | ser estendida conforme necessidade e sugestão do professor orientador. |
|--------------|--|

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN |
| Disciplina | Ênfase Projetual III |
| Ementa | Ênfase a ser escolhida pelo estudante, dentre aquelas previstas no projeto pedagógico, e de acordo com critérios de oferta definidos pela coordenação do curso. |
| Bibliografia básica | Conforme a temática escolhida. |
| Bibliografia complementar | Conforme a temática escolhida. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN190 |
| Disciplina | Projeto de Produto III |
| Ementa | Gestão do produto. Processos criativos. Análise ergonômica e segurança do produto. Princípios de estilo e configuração. Projeto detalhado. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto: guia prático para o Design de novos produtos</i> . 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. p. 261 JUNG, Carlos Fernando. <i>Metodologia para pesquisa e desenvolvimento: aplicada a novas tecnologias, produtos e processos</i> . Rio de Janeiro: Axcel Books, c2004. p. 312 KAMINSKI, Paulo Carlos. <i>Desenvolvendo produtos, planejamento, criatividade e qualidade</i> . Rio de Janeiro LTC, 2000. p. 132 |
| Bibliografia complementar | JULIÁN, Fernando; ALBARRACÍN, Jesús. <i>Desenho para designers industriais</i> . Lisboa, PO: Estampa, 2005. LIMA, Marco Antônio Magalhães. <i>Introdução aos materiais e processos para designers</i> . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. PAHL, Gerhard. <i>Projeto na engenharia: fundamentos do desenvolvimento eficaz de produtos, métodos e aplicações</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2005. SILVA, Arlindo. <i>Desenho técnico moderno</i> . 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, c2006. TILLEY, Alvin R.; HENRY DREYFUSS ASSOCIATES. <i>As medidas do homem e da mulher: fatores humanos em design</i> . Porto Alegre: Bookman, 2005. |

8º semestre

| | |
|---------------------------|---|
| Código | ALC103 |
| Disciplina | Trabalho Final de Graduação II |
| Ementa | Desenvolvimento do trabalho de conclusão do curso. Defesa oral. |
| Bibliografia básica | A bibliografia a ser consultada será correspondente aos conteúdos envolvidos, podendo ser estendida conforme necessidade e sugestão do professor orientador e da banca examinadora. |
| Bibliografia complementar | A bibliografia a ser consultada será correspondente aos conteúdos envolvidos, podendo ser estendida conforme necessidade e sugestão do professor orientador e da banca examinadora. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN194 |
| Disciplina | Estágio Curricular Supervisionado |
| Ementa | Planejamento das atividades. Execução de desenvolvimento de produtos. Apresentação do relatório. |
| Bibliografia básica | A bibliografia a ser consultada será a mesma recomendada nas disciplinas correspondentes aos conteúdos envolvidos, podendo ser estendida conforme necessidade e sugestão do professor orientador do estágio. |
| Bibliografia complementar | A bibliografia a ser consultada será a mesma recomendada nas disciplinas correspondentes aos conteúdos envolvidos, podendo ser estendida conforme necessidade e sugestão do professor orientador do estágio. |

Ênfases

Ênfase Projetual I

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN191 |
| Disciplina | Joias I |
| Ementa | Joalheria. Adornos na Pré-História. Desenvolvimento de projeto de joias. Pedras preciosas. |
| Bibliografia básica | SCHUMANN, Walter. <i>Gemas do Mundo</i> . Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1983. SALEM, Carlos. <i>Joias: criação e design</i> . São Paulo: Hedra, 1998. _____. <i>Joias: os segredos da técnica</i> . São Paulo: 2000 Joias, 2000. |
| Bibliografia complementar | CUMO, Carlo; MAZLOUM, Claude. <i>Gemme e Gioielli – Materiali e Artisti</i> . Gremes Editore, Roma. Itália. 1996. DORMER, Peter; TURNER, Ralph. <i>The New Jewelry</i> . Thames and Hudson. London, 1985 LISBÔA, Maria da Graça Portela. <i>Design de joias: do projeto ao produto</i> . Coleção Gauchidade. UNIFRA, 2011 GUARDA; SCOPRI. <i>Pietre Preziose</i> . Milano: Fabri Editore, 1994. SCHLIEMANN, gli scavi di Heinrich. <i>Il Tesoro Di Troia</i> . Museo Puskin - Moscou. Leonardo Arte srl, Milano. Itália. 1996. ZUCKER, Benjamin; SÜSSMANN, Bethsabée. <i>Gemmes et Joyaux. Mystères, Passions, Magies</i> . Suisse: Editions Saphir 1988. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN195 |
| Disciplina | Equipamentos I |
| Ementa | Metodologia de projetos. Projeto conceitual. Elaboração de modelos. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto: guia prático para o design de novos produtos</i> . 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. LÖBACH, B. <i>Design industrial: bases para a configuração dos produtos</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2000. PAHL, Gerhard et al. <i>Projeto na engenharia: fundamentos do desenvolvimento eficaz de produtos, métodos e aplicações</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2005. |
| Bibliografia complementar | BEER Ferdinand P.; JOHNSTON Russell Jr. <i>Resistência dos materiais</i> . São Paulo: Makron Books, 1995. CROSS, N. <i>Engineering Design Methods: strategies for product design</i> . Chichester: John Wiley & Sons, 2001. IIDA, Itiro. <i>Ergonomia, projeto e produção</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 1999. MELCONIAN, Sarkis. <i>Elementos de máquinas</i> . São Paulo: Érica, 2005. PROVENZA, A. <i>Projetista de máquinas</i> . São Paulo: Florenza, 1960. VEZZOLI, Carlo. <i>Design de sistemas para a sustentabilidade: teoria, métodos e ferramentas para o design sustentável de 'sistemas de satisfação'</i> . Salvador: EDUFBA, 2010. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN198 |
| Disciplina | Mobiliário I |
| Ementa | Conceitos, história e contexto. Planejamento do produto. Execução do produto. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de Produto: guia prático para o design de novos produtos</i> . 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <i>Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos</i> . 5. reimpr. México: GG, 2010. MONTENEGRO, Riccardo. <i>Guia de história do mobiliário: os estilos de mobiliário do renascimento aos anos cinquenta</i> . Lisboa: Presença, 1995. |
| Bibliografia complementar | SENAI. CENTRO TECNOLÓGICO DO MOBILIÁRIO. <i>Coletânea de artigos técnicos para a indústria do mobiliário</i> . Bento Gonçalves, RS: SENAI, 1995. _____. <i>Coletânea de artigos técnicos para a indústria do mobiliário II</i> . Bento Gonçalves, RS: SENAI, 1997. _____. <i>Coletânea de artigos técnicos para a indústria do mobiliário III</i> . Bento Gonçalves, RS: SENAI, 1999. LE CORBUSIER. <i>A arte decorativa</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1996. DAL FABRO, Mário. <i>Como construir móveis práticos</i> . Portugal: CETOP, 1996. |

| | |
|--|---|
| | MAINIERI, Calvino; CHIMELO, João Peres. <i>Fichas de características das madeiras brasileiras</i> . São Paulo: Institutos de Pesquisas Tecnológicas, 1989. OATES, Phyllis Bennett. <i>História do mobiliário ocidental</i> . Lisboa: Presença, 1991. |
|--|---|

Ênfase Projetual II

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN192 |
| Disciplina | Joias II |
| Ementa | Joalheria da Idade Média, Renascimento e séculos XVII, XVIII e XIX. Desenvolvimento de projeto de joias e conjuntos. Joalheria (ourivesaria). Modelagem <i>nurbs</i> (rhinoceros) na joalheria. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de Produto</i> : Guia Prático para o design de Novos produtos. 2. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2000. CODINA, Carles. <i>A joalharia</i> . Barcelona: Estampa, 2000. DORMER, Peter; TURNER, Ralph. <i>The New Jewelry</i> . London: Thames and Hudson, 1985. PHILLIPS, Clare. <i>Jewelry-From Antiquity to the Present</i> . London: Thames and Hudson, 1997. SALEM, Carlos. <i>Joias: criação e design</i> . São Paulo: Hedra, 1998. _____. <i>Joias: modelagem em cera</i> . São Paulo: Joias, 2002. _____. <i>Joias: os segredos da técnica</i> . São Paulo: Joias, 2000. ROSETI, Eliânia Fátima de Moraes. <i>Desenhando Joias com Rhinoceros</i> . São Paulo: Leon. 2011 |
| Bibliografia complementar | BLACK, Anderson. <i>Storia dei Gioielli</i> . Itália: Novara, Istituto Geográfico de Agostini, s.d. BONSIEPE, Gui. <i>Metodologia Experimental</i> . Brasília: CNPq/coordenação Editorial, 1984. MAZLOUM, Claude. <i>Gioielli D'Arte</i> . Milano: Gremese Editore, 1993. PULLÉE, Caroline. <i>20th Century Jewelry</i> . London: Quantum Book, 1997. REVERE, Alan. <i>The Art of Jewelry Making</i> . New York: Sterling Published, 2001. ZUCKER, Benjamin; SÜSSMANN, Bethsabée. <i>Gemmes et Joyaux</i> . Mysteères, Passions, 1988. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN196 |
| Disciplina | Equipamentos II |
| Ementa | Metodologia de projeto. Gestão do produto. Ergonomia e segurança. Biodesign. Modelagem computacional. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto</i> : guia prático para o design de novos produtos. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. LÖBACH, B. <i>Design Industrial</i> : bases para a configuração dos produtos. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. PAHL, Gerhard et al. <i>Projeto na engenharia</i> : fundamentos do desenvolvimento eficaz de produtos, métodos e aplicações. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. |
| Bibliografia complementar | BEER Ferdinand P.; JOHNSTON Russell Jr. <i>Resistência dos materiais</i> . São Paulo: Makron Books, 1995. CROSS, N. <i>Engineering Design Methods</i> : Strategies for product design. Chichester: John Wiley & Sons, 2001. IIDA, Itiro. <i>Ergonomia, projeto e produção</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 1999. MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. <i>O desenvolvimento de produtos sustentáveis</i> : os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: Ed. da USP, 2008. MELCONIAN, Sarkis. <i>Elementos de máquinas</i> . São Paulo: Érica, 2005. PROVENZA, A. <i>Projetista de máquinas</i> . São Paulo: Florenza, 1960. VEZZOLI, Carlo. <i>Design de sistemas para a sustentabilidade</i> : teoria, métodos e ferramentas para o design sustentável de 'sistemas de satisfação'. Salvador: EDUFBA, 2010. |

| | |
|------------|---|
| Código | DIN199 |
| Disciplina | Mobiliário II |
| Ementa | Mobiliário. Planejamento do produto. Execução do produto. |

| | |
|---------------------------|--|
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de Produto</i> : guia prático para o design de novos produtos. 2ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2000. PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <i>Dimensionamento humano para espaços interiores</i> : um livro de consulta e referência para projetos. 5. reimpr. México: GG, 2010. CALS, Soraia. <i>Sergio Rodrigues</i> . Rio de Janeiro: S. Cals, 2000. |
| Bibliografia complementar | SPARKE, Penny. <i>El diseño en el siglo XX</i> : los pioneros del siglo. Barcelona: Blume, 1999. LE CORBUSIER. <i>A arte decorativa</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1996. DAL FABRO, Mário. <i>Como construir móveis práticos</i> . Portugal: CETOP, 1996. MAINIERI, Calvino; CHIMELO, João Peres. <i>Fichas de características das madeiras brasileiras</i> . São Paulo: Institutos de Pesquisas Tecnológicas, 1989. MONTENEGRO, Riccardo. <i>Guia de história do mobiliário</i> : os estilos de mobiliário do renascimento aos anos cinquenta. Lisboa: Presença, 1995. OATES, Phyllis Bennett. <i>História do mobiliário ocidental</i> . Lisboa: Presença, 1991. |

Ênfase Projetual III

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIN193 |
| Disciplina | Joias III |
| Ementa | Projeto de coleção de joias. Joalheria dos séculos XIX e XX - evolução, linguagens e contextos. Joalheria do século XXI - estética, materiais, mercado e tendências. Modelagem em cera. |
| Bibliografia básica | LISBOA, Maria da Graça Portela. <i>Design de joias – do projeto ao produto</i> : coleção Gauchidade. Santa Maria: Editora UNIFRA, 2011. SALEM, Carlos. <i>Joias</i> : criação e design. São Paulo: Hedra, 1998. _____. <i>Joias</i> : os segredos da técnica. São Paulo: 2000 Joias, 2000. |
| Bibliografia complementar | ANDERSON, B. W. <i>Identificação das gemas</i> . Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993. BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto</i> : guia prático para o design de novos produtos. São Paulo: Edgar Blucher, 2000. BORJA de Mozota, B.; KLÖPSCH, C.; COSTA, F. C. X. <i>Gestão do design</i> : usando o design para construir valor de marca e inovação corporativa. Tradução de Lene Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2011. CODINA, Carles. <i>A joalheria</i> . Barcelona: Estampa, 2000. LÖBACH, Bernard. <i>Design industrial Bases para a configuração dos produtos industriais</i> . Tradução de Freddy Van Camp. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2001. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN197 |
| Disciplina | Equipamentos III |
| Ementa | Metodologia de projeto. Design para a sustentabilidade. Projeto para a manufatura. Projeto para a montagem e manuais. Protótipos. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto</i> : guia prático para o design de novos produtos. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. LÖBACH, B. <i>Design Industrial</i> : bases para a configuração dos produtos. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. PAHL, Gerhard et al. <i>Projeto na engenharia</i> : fundamentos do desenvolvimento eficaz de produtos, métodos e aplicações. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. |
| Bibliografia complementar | ASHBY, Michael F. <i>Seleção de materiais no projeto mecânico</i> . Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. BEER Ferdinand P.; JOHNSTON Russell Jr. <i>Resistência dos materiais</i> . São Paulo: Makron Books, 1995. CROSS, N. <i>Engineering Design Methods</i> : Strategies for product design. Chichester: John Wiley & Sons, 2001. IIDA, Itiro. <i>Ergonomia, projeto e produção</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 1999. MELCONIAN, Sarkis. <i>Elementos de máquinas</i> . São Paulo: Érica, 2005. PROVENZA, A. <i>Projetista de máquinas</i> . São Paulo: Florenza, 1960. VEZZOLI, Carlo. <i>Design de sistemas para a sustentabilidade</i> : teoria, métodos e ferramentas para o design sustentável de 'sistemas de satisfação'. Salvador: EDUFBA, 2010. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIN200 |
| Disciplina | Mobiliário III |
| Ementa | Mobiliário. Planejamento do produto. Execução do produto. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de Produto</i> : guia prático para o design de novos produtos. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2000. PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. <i>Dimensionamento humano para espaços interiores</i> : um livro de consulta e referência para projetos. 5. reimpr. México: GG, 2010. SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. <i>Móvel moderno no Brasil</i> . São Paulo: Studio Nobel, 1995. |
| Bibliografia complementar | SERRA, Josep Maria. <i>Elementos urbanos</i> : mobiliário y microarquitectura: Urban elements furniture and microarchitecture. Barcelona: GG, 2000. LE CORBUSIER. <i>A arte decorativa</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1996. DAL FABRO, Mário. <i>Como construir móveis práticos</i> . Portugal: CETOP, 1996. MAINIERI, Calvino; CHIMELO, João Peres. <i>Fichas de características das madeiras brasileiras</i> . São Paulo: Institutos de Pesquisas Tecnológicas, 1989. MONTENEGRO, Riccardo. <i>Guia de história do mobiliário</i> : os estilos de mobiliário do renascimento aos anos cinquenta. Lisboa: Presença, 1995. OATES, Phyllis Bennett. <i>História do mobiliário ocidental</i> . Lisboa: Presença, 1991. |

Disciplinas do tipo optativa

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIO |
| Disciplina | Beneficiamento e Aplicação de Materiais Gemológicos |
| Ementa | Gemologia. Seleção de materiais e beneficiamento. Aplicação prática. |
| Bibliografia básica | ANDERSON, B. W. <i>Identificação das gemas</i> . Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993. METTA, Nicolas; METTAS, André. <i>As pedras preciosas</i> . São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. HARTMANN, L. A.; SILVA, J. T. (Orgs.). <i>Tecnologias para o setor de gemas, joias e mineração</i> . Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2010. SCHUMANN, Walter. <i>Gemas do mundo</i> . 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. _____. <i>Gemas do mundo</i> . 9. ed. ampl. atual. São Paulo: DISAL, 2006. |
| Bibliografia complementar | BROCARD, G. <i>Pedras preciosas e outros minerais</i> . São Paulo: Siciliano, 1984. CAVENAGO, S.; MONETA, B. <i>Manuale di gemmologia</i> . Milano: Ulrico Hoepli, 1982. CHAUMETON, H. <i>Guia de los minerales</i> . Barcelona: Omega, 1989. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIO |
| Disciplina | Cultura Popular e Design |
| Ementa | Cultura popular: conceituações, diferenciações. Cultura popular material. Cultura popular imaterial. Literatura oral/lúdica. Cultura popular e design. |
| Bibliografia básica | CANCLINI, N. G. <i>Culturas híbridas</i> . São Paulo: Edusp, 2000. COELHO, T. <i>Dicionário de Política Cultural</i> . São Paulo: Iluminuras, 1999. DIEGUES, M. <i>Etnias e Culturas no Brasil</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. |
| Bibliografia complementar | <i>Arte Popular: Catálogo Mostra Redescobrimento</i> . São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000. BOSI, A. <i>Cultura Brasileira - Tradição - Contradição</i> . Rio de Janeiro: Zahar/Funarte, 1987. GEERTZ, C. <i>A interpretação das culturas</i> . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. LISBÔA, Maria da Graça Portela. <i>Design de joias – do projeto ao produto: coleção Gauchidade</i> . Santa Maria, RS: Editora UNIFRA, 2011. STRINATI, D. <i>Cultura Popular: uma introdução</i> . São Paulo Ed. Hedra, 1999. |

| | |
|--------------|--|
| Código | DIO |
| Disciplina | Embalagem |
| Ementa | Embalagem. Panorama atual. Classificações. Embalagem e metodologias de projeto de produto. |
| Bibliografia | MESTRINER, Fábio. <i>Design de embalagem</i> . Curso básico. São Paulo: Makron Books, |

| | |
|---------------------------|---|
| básica | 2001. GOMES, Luiz Vidal Negreiros. <i>Criatividade: projeto, desenho, produto</i> . Santa Maria: sCHDs, 2001. GORDON, Stacey King. <i>Packaging makeovers: graphic redesign for market change</i> . Santa Maria: sCHDs, 2001. |
| Bibliografia complementar | CANEVACCI, Massimo. <i>Antropologia da comunicação visual</i> . São Paulo: Brasiliense, 1990. DE MASI, Domenico. <i>A sociedade pós-industrial</i> . São Paulo: Senac, 1999. COMITÊ DE DESIGN. <i>Guia de consulta da legislação para rótulos e embalagens</i> . São Paulo: Associação Brasileira de Embalagem – ABRE. CASTRO, A. Gomes de; POUZADA, A. Sérgio (coord.). <i>Embalagens para a indústria alimentar</i> . São Paulo: Associação Brasileira de Embalagem. MONT'ALVÃO, Cláudia. <i>Design de advertência para embalagens</i> . Rio de Janeiro: 2AB, 2000. TILLEY, Alvin R; HENRY DREYFUSS ASSOCIATES; SALVATERRA, Alexandre Ferreira da Silva (trad.). <i>As medidas do homem e da mulher: fatores humanos em design</i> . Porto Alegre: Bookman, 2005. LEITE, Paulo Roberto. <i>Logística reversa: meio ambiente e competitividade</i> . São Paulo: Prentice Hall, 2003. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIO |
| Disciplina | Cerâmica Utilitária |
| Ementa | Matéria- prima. Representação técnica e modelação de objetos. Acabamentos. Queima. |
| Bibliografia básica | CHAVARRIA, Joaquim. <i>A cerâmica</i> . Lisboa: Estampa, 1997. ACCHAR, Wilson. <i>Materiais cerâmicos: o que são? Para que servem?</i> . Natal, RN: UFRN, 2008. ROTHERBERG, Polly. <i>Manual de cerâmica artística</i> . Barcelona: Omega, 1990. ATKIN, Jacqui. <i>Cerâmica: técnicas y proyectos</i> . Barcelona: Blume, 2006. |
| Bibliografia complementar | BARBAFORMOSA. <i>A olaria</i> . Lisboa: Estampa, 1999. CALLISTER JR, Willian D. <i>Materials science and engineering: na introduction</i> . New York: John Wiley & Sons, 2000. CHRISTY, Geraldine; PEARCH, Sara. <i>Escuela de arte paso a paso: cerâmicas</i> . Barcelona: Blume, 1993. DAVID, Madeleine. <i>Cerâmicas e porcelanas chinesas</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1991. GIOVANNINI, Rolando. <i>La serigrafia nella ceramica, scuola arte e industria</i> . Faenza: Editrice S.P.A, 1982. _____. <i>Tecniche decorative e progettazione nelle cerache per l'architettura dai procedimenti tradizionali al contemporaneo terzo fuoco</i> . Faenza: Editrice S.P.A, 1996. NAKANO, katsuko. <i>Terra Fogo Homem</i> . São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1989. SMITH, Stan; HOLT, Friso Ten. <i>Manual Del artista: equipo, materiales y técnicas</i> . Madrid: Blume, 1982. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIO |
| Disciplina | Empreendedorismo |
| Ementa | Empreendedorismo e empreendedor. Visão integrada do fenômeno do empreendedor e do empreendedorismo. Características das novas empresas. |
| Bibliografia básica | DORNELAS, José Carlos Assis. <i>Empreendedorismo: transformando ideias em negócios</i> . Rio de Janeiro: Campus, 2000. DRUCKER, Peter F. <i>Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios</i> . São Paulo: Pioneira/Thomson, 2002. BERNARDI, Luiz Antonio. <i>Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmicas</i> . São Paulo: Atlas, 2003. 314 p. |
| Bibliografia complementar | BIRLEY, S.; MUZYKA, D. F. <i>Dominando os desafios do empreendedor</i> . São Paulo: Makron Books, 2001. DOLABELA, Fernando. <i>O segredo de Luísa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa</i> . Rio de Janeiro: Sextante, 2008. 299 p. _____. <i>Oficina do empreendedor</i> . São Paulo: Cultura, 1999. |

| | |
|--|--|
| | SALIM, Cesar Simões. <i>Construindo planos de negócios</i> : todos os passos necessários para planejar e desenvolver negócios de sucesso. Rio de Janeiro: Campus, 2001. 238 p WOLLHEIM, Bob; MARCONDES, Pyr. <i>Empreender não é brincadeira</i> . Rio de Janeiro: Negócio, 2003. |
|--|--|

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIO |
| Disciplina | Fotografia |
| Ementa | História e evolução. Equipamentos e acessórios. Material sensível. Composição fotográfica e recursos técnicos. Iluminação. Laboratório e estúdio. |
| Bibliografia básica | HEDGECOE, John. <i>Guia completo de fotografia</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2001. JOSEPH, Michael; SAUDERS, Dave. <i>Curso completo de fotografias</i> . Barcelona: Blume, 1995. TRIGO, Thales. <i>Equipamentos fotográficos: teoria e prática</i> . São Paulo: Senac, 1998. |
| Bibliografia complementar | VIRILIO, Paul. <i>A máquina de visão</i> . Rio de Janeiro: José Olympio, 1984. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIO |
| Disciplina | Gemologia e Lapidação |
| Ementa | Minerais. Gemas orgânicas e inorgânicas. Propriedades físicas. Propriedades óticas. Tipos de lapidação. Lapidação manual. |
| Bibliografia básica | ANDERSON, B. W. <i>Identificação das gemas</i> . Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993. METTA, Nicolas; METTAS, Andrée. <i>As pedras preciosas</i> . São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. SCHUMANN, Walter. <i>Gemas do mundo</i> . Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. _____. <i>Gemas do mundo</i> . São Paulo: Disal, 2006. |
| Bibliografia complementar | BROCARD, G. <i>Pedras preciosas e outros minerais</i> . São Paulo: Siciliano, 1984. CAVENAGO, S.; MONETA, B. <i>Manuale di gemmologia</i> . Milano: Ulrico Hoepli, 1982. CHAUMETON, H. <i>Guia de los minerales</i> . Barcelona: Omega, 1989. DANA, J. D. <i>Manual of mineralogy</i> . USA: John Wiley & Sons, 1985. O'DONOGHUE, M. <i>Quartz</i> . London: Butterworth & Co, 1987. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIO |
| Disciplina | Gestão do Design |
| Ementa | Fundamentos da gestão do design. Sistema de gestão de produtos. Estudo de caso. |
| Bibliografia básica | BAXTER, Mike. <i>Projeto de produto</i> : guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo: Blücher, 2000. Centro Português de Design. <i>Manual de gestão de design</i> . Portugal: Bloco Gráfico, 1997. PAHL, Gerhard et al. <i>Projeto na engenharia</i> : fundamentos do desenvolvimento eficaz de produtos, métodos e aplicações. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. |
| Bibliografia complementar | CONTADOR, José Celso. <i>Gestão de operações</i> : a engenharia de produção a serviço da modernização da empresa. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1998. DIAS, Sérgio Roberto (coord.). <i>Gestão de marketing</i> . São Paulo: Saraiva, 2003. JUNG, Carlos Fernando. <i>Metodologia para pesquisa e desenvolvimento</i> : aplicada a novas tecnologias, produtos e processos. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2004. KAMINSKI, Paulo Carlos. <i>Desenvolvendo produtos, planejamento, criatividade e qualidade</i> . Rio de Janeiro: LTC, 2000. LEITE, Paulo Roberto. <i>Logística reversa</i> : meio ambiente e competitividade. São Paulo: Prentice Hall, 2003. LÖBACH, Bernd. <i>Design industrial</i> : bases para a configuração dos produtos. São Paulo: Edgard Blücher, 2001. MARTINS, Petrônio Garcia; LAUGENI, Fernando P. <i>Administração da produção</i> . São Paulo: Saraiva, 2005. TISCHNER, Ursula. <i>How to do ecodesign?</i> : a guide for environmentally and economically sound design. Frankfurt: Springer Verlag, 2000. |

| | |
|------------|------------------------|
| Código | OPP |
| Disciplina | História em Quadrinhos |

| | |
|---------------------------|--|
| Ementa | História das histórias em quadrinhos (HQs). Narrativas gráficas visuais. Argumento. Narrativa visual. Roteiro técnico. Produção de uma história em quadrinhos. |
| Bibliografia básica | EISNER, Will. <i>Quadrinhos e Arte Sequencial</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1989. MCCLOUD, Scott. <i>Desvendando os Quadrinhos</i> . São Paulo: Makron Books, 2004. MOYA, Álvaro de. <i>História da História em Quadrinhos</i> . São Paulo: Brasiliense, 1987. _____. <i>Shazam</i> . São Paulo: Perspectiva, 1972. |
| Bibliografia complementar | BUSCEMA, John; LEE, Stan. <i>How to Draw Comics the Marvel Way</i> . Nova Iorque: Fireside, 1984. CIRNE, Moacyr. <i>Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada</i> . Petrópolis: Vozes, 1972. EISNER, Will. <i>Narrativas Gráficas</i> . São Paulo: Devir, 2005. FIELD, Syd. <i>Manual do Roteiro</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. GUIMARÃES, Edgard. <i>Fanzine</i> . João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005. JÚNIOR, Vilmar Rossi. <i>Sintaxe da Narrativa Gráfico-Visual</i> , 2003. Monografia (Graduação em Desenho Industrial – Programação Visual) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003. MAGALHÃES, Henrique. <i>A mutação radical dos Fanzines</i> . João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005. _____. <i>A nova onda dos Fanzines</i> . João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004. _____. <i>O rebuliço apaixonante dos Fanzines</i> . João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003. MCCLOUD, Scott. <i>Reinventando os Quadrinhos</i> . São Paulo: Makron Books, 2006. _____. <i>Desenhando Quadrinhos</i> . São Paulo: Makron Books, 2007. MORRIS, Matt (orgs.). <i>Super-heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático</i> . Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005. TORYAMA, Akira. <i>Mangaka</i> . São Paulo: Conrad, 2002. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIO |
| Disciplina | Ilustração Digital |
| Ementa | Representação gráfica digital. |
| Bibliografia básica | JULIÁN, Fernando; ALBARRACÍN, Jesús. <i>Desenho para designers industriais</i> . Barcelona: Editorial Estampa, 2005. STRAUB, Ericson; CASTILHO, Marcelo; QUEIROZ, Hélio. <i>ABC do Rendering</i> . Curitiba: Infólio Editorial, 2004. PIPES, Alan. <i>Dibujo para diseñadores: técnicas, bocetos de concepto, sistemas informáticos, ilustración, medios, presentaciones, diseño por ordenador</i> . Barcelona: Editorial Blume, 2008. |
| Bibliografia complementar | DONDIS, Donis A. <i>Sintaxe da Linguagem Visual</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2003. IDSA. Industrial Designers Society of America. <i>Design secrets: products 50 real-life projects uncovered</i> . Massachusetts: Rockport, 2002. _____. <i>Design secrets: Products</i> . Massachusetts: Rockport Publishers, 2001. KEMNITZER, Ronald B. <i>Rendering whit markers</i> . New York, 1983. LEWIS, David. <i>Pencil drawing techniques</i> . New York: Watson-Guipill Publications, 1984. |

| | |
|---------------------------|---|
| Código | DIO |
| Disciplina | Ilustração para Joalheria e Acessórios |
| Ementa | Contexto da joalheria e acessórios. Representação gráfica. |
| Bibliografia básica | HALL, Dinny. <i>Joyería creativa: cómo crear preciosas y elegantes joyas, con un estilo muy personal</i> . Série: Enciclopedia de Las Artesanias. Barcelona: CEAC, 1998. MACHADO, Regina. <i>Joia 2010: Preview de Tendências</i> . Brasília: IBGM, 2010 PORTUGAL. <i>Desenho para joalheiros</i> . Lisboa: Estampa, 2004. SALEM, Carlos. <i>Joiás: criação e design</i> . São Paulo: Hedra, 1998. |
| Bibliografia complementar | ANDERSON, B. W. <i>Identificação das gemas</i> . Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993. CODINA, Carles. <i>A joalheria</i> . Barcelona: Estampa, 2000. GOLA, Eliana. <i>Joia: história e design</i> . São Paulo: Senac, 2008. |

| | |
|------------|-----------------------|
| Código | LTO154 |
| Disciplina | Inglês Instrumental I |

| | |
|---------------------------|---|
| Ementa | Leitura e compreensão de textos. Desenvolvimento de estratégias de leitura em Língua Inglesa. Prática de aspectos linguísticos. |
| Bibliografia básica | ANDERSON, N. J. <i>Active skills for reading: book 1</i> . 2 nd ed. Australia: Thomson, 2007. FERRO, J. <i>Inglês instrumental</i> . Curitiba: IBPEX, 2004. HARMER, J. How to teach reading. In: _____. <i>How to teach English: an introduction to the practice of English language teaching</i> . Harlow: Longman, 1998. NUTTALL, C. <i>Teaching reading skills in a foreign language</i> . Oxford: Macmillan, 2005. SOUZA, A. et al. <i>Leitura em Língua Inglesa: uma abordagem instrumental</i> . 2. reimp. São Paulo: Disal, 2005. |
| Bibliografia complementar | DIONÍSIO, A. P. et al. <i>Gêneros textuais & ensino</i> . 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. HUDSON, T. <i>Teaching second language reading</i> . New York: Oxford University Press, 2007. KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. <i>Reading images: the grammar of visual design</i> . 2. ed. London: Routledge, 2006. MURPHY, R. <i>Basic grammar in use: reference and practice for students of English</i> . Cambridge: Cambridge University Press, 1995. NEWSWEEK Magazine. New York: McGraw-Hill. SPEAK UP Magazine. Rio de Janeiro: Globo. UNIVERSIDADE DE OXFORD. <i>Dicionário Oxford Escolar: para estudantes brasileiros de inglês. Português-Inglês, Inglês-Português</i> . Edição atual. Oxford: Oxford University Press, 2010. WALLACE, C. <i>Reading</i> . Oxford: Oxford, 1992. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | LTO |
| Disciplina | Inglês Instrumental II |
| Ementa | Leitura em Língua Inglesa. Prática de aspectos linguísticos. |
| Bibliografia básica | ANDERSON, N. J. <i>Active skills for reading: book 2</i> . 2 nd ed. Australia: Thomson, 2007. FERRO, J. <i>Inglês instrumental</i> . Curitiba: IBPEX, 2004. HARMER, J. How to teach reading. In: _____. <i>How to teach English</i> . London: Pearson Education, 2007. NUTTALL, C. <i>Teaching reading skills in a foreign language</i> . Oxford: Macmillan, 2005. SOUZA, A. et al. <i>Leitura em Língua Inglesa: uma abordagem instrumental</i> . 2. reimp. São Paulo: Disal, 2005. |
| Bibliografia complementar | DIONÍSIO, A. P. et al. <i>Gêneros textuais & ensino</i> . 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. HUDSON, T. <i>Teaching second language reading</i> . New York: Oxford University Press, 2007. KOCH, I. V. <i>A coesão textual</i> . 17 ed. São Paulo: Contexto, 2001. _____; TRAVAGLIA, L. C. <i>A coerência textual</i> . 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001. KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. <i>Reading images: the grammar of visual design</i> . 2. ed. London: Routledge, 2006. MURPHY, R. <i>Basic grammar in use: reference and practice for students of English</i> . Cambridge: Cambridge University Press, 1995. NEWSWEEK Magazine. New York: McGraw-Hill. SPEAK UP Magazine. Rio de Janeiro: Globo. UNIVERSIDADE DE OXFORD. <i>Dicionário Oxford Escolar: para estudantes brasileiros de inglês. Português-Inglês, Inglês-Português</i> . Edição atual. Oxford: Oxford University Press, 2010. WALLACE, C. <i>Reading</i> . Oxford: Oxford, 1992. |

| | |
|---------------------|---|
| Código | DIO |
| Disciplina | Polímeros |
| Ementa | Tipos de polímeros. Propriedades de materiais poliméricos. Processos de transformação de polímeros. Aplicações de materiais poliméricos. |
| Bibliografia básica | CHEREMISINOFF, N. P. <i>Polymer mixing and extrusion technology</i> . New York: Marcell Dekker, 1987. MANO, E. B. <i>Introdução a polímeros</i> . São Paulo: Edgar Blucher, 1999. RICHARDSON, T. L. <i>Industrial plastics: theory and application</i> . Delmar Publishers Inc, 1989. |

| | |
|---------------------------|---|
| Bibliografia complementar | STEVENS, M. J.; COVAS, J. A. <i>Extruder principles and operation</i> . New York: Chapman & Hall, 1995. |
|---------------------------|---|

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIO |
| Disciplina | Projeto de Sinalização |
| Ementa | Pré-projeto de sinalização. Projeto de sinalização. |
| Bibliografia básica | LÖBACH, Bernd. Van Camp, Freddy (trad.). <i>Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2001. MORAES, Anamaria de (org.) <i>Avisos, advertências e projeto de sinalização</i> . Organização Anamaria de Moraes. Rio de Janeiro: Iuser, 2002. MUNARI, Bruno. <i>Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2001. |
| Bibliografia complementar | GOMES, Luiz Vidal Negreiros. <i>Desenhando: um panorama dos sistemas gráficos</i> . Santa Maria: Ed. da UFSM, 1998. PEÓN, Maria Luísa. <i>Sistemas de identidade visual</i> . Rio de Janeiro: 2AB, 2001. PHILLIPS, Peter L. <i>Briefing: a gestão do projeto de design</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 2008. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIO131 |
| Disciplina | Redação Acadêmica |
| Ementa | Problemas comuns em produção textual. Gêneros textuais acadêmicos. |
| Bibliografia básica | KOCH, Ingedore. <i>A coesão textual</i> . São Paulo: Contexto, 1992. _____.; TRAVAGLIA, Luís Carlos. <i>A coerência textual</i> . São Paulo: Contexto, 1995. MACHADO, Anna Rachel; TARDELLI, Lília Santos Abreu; LOUSADA, Eliane. <i>Planejar gêneros acadêmicos: leitura e produção de textos acadêmicos</i> . São Paulo: Parábola, 2005 _____. <i>Trabalhos de pesquisa</i> . São Paulo: Parábola, 2007. |
| Bibliografia complementar | EMEDIATO, Wander. <i>A fórmula do texto</i> . São Paulo: Geração, 2004. FONTANA, Nivra Maria; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. <i>Práticas de linguagem</i> . Caxias: EdUCS, 2009. SILVA, Luciana Pereira da. <i>Prática textual em língua portuguesa</i> . Curitiba: IESDE, 2008. SPECTOR, N. <i>Manual para a redação de teses, projetos de pesquisa e artigos científicos</i> . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. KOCH, Ingedore. <i>Desvendando os segredos do texto</i> . São Paulo: Contexto, 2002. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | DIO |
| Disciplina | Renderização Manual |
| Ementa | Representação gráfica. |
| Bibliografia básica | JULIÁN, Fernando; ALBARRACÍN, Jesús. <i>Desenho para designers industriais</i> . Barcelona: Estampa, 2005. STRAUB, Ericson; CASTILHO, Marcelo; QUEIROZ, Hélio. <i>ABC do rendering</i> . Curitiba: Infólio, 2004. _____. <i>ABC do rendering automotivo</i> . Curitiba: Infólio, 2006. |
| Bibliografia complementar | DONDIS, Donis A. <i>Sintaxe da linguagem visual</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2003. IDSA. <i>Design secrets: products 50 real-life projects uncovered</i> . Massachusetts: Rockport, 2002. _____. <i>Design secrets: products</i> . Massachusetts: Rockport Publishers, 2001. LEWIS, David. <i>Pencil drawing techniques</i> . New York: Watson-Guptill Publications, 1984. MONTENEGRO, G. <i>A perspectiva dos profissionais</i> . São Paulo: Edgard Blücher, 1999. PIPES, A. <i>El diseño tridimensional: del boceto a la pantalla</i> . Barcelona: Gustavo Gilli, 1989. WONG, W. <i>Princípios del diseño em color</i> . Barcelona: Gustavo Gilli, 1999. |

| | |
|------------|--|
| Código | DIO156 |
| Disciplina | Portfólio e Apresentação Pessoal |
| Ementa | Apresentação de projetos. Apresentação pessoal e entrevista. Currículo. Portfólio. |

| | |
|---------------------------|--|
| Bibliografia básica | FASCIONI, Ligia. <i>Atitude profissional: dicas para quem está começando</i> . 2 ed. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2015. Disponível em: < http://www.ligiafascioni.com.br/wp-content/uploads/2010/08/AtitudeProfissional.pdf >. NÓBREGA, Maria Helena da. <i>Estratégias de comunicação em grupo: como se apresentar em eventos empresariais e acadêmicos</i> . São Paulo: Atlas, 2007 POLITO, Reinaldo. <i>Assim é que se fala: como organizar a fala e transmitir ideias</i> . São Paulo: Saraiva, 2001. |
| Bibliografia complementar | BUENO, Silveira. <i>A arte de falar em público</i> . 9. ed. São Paulo: Saraiva, 1966. FASCIONI, Ligia. <i>O design do designer</i> . 2 ed. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2014. Disponível em: < http://www.ligiafascioni.com.br/wp-content/uploads/2010/08/DesignDesigner-LigiaFascioni.pdf >. POLITO, Reinaldo. <i>Como falar corretamente e sem inibições</i> . 97. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. _____. <i>Como falar de improviso e outras técnicas de apresentação</i> . 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2003. _____. <i>Recursos audiovisuais nas apresentações de sucesso</i> . 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1999. WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. <i>O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal</i> . 65. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. |

| | |
|---------------------------|--|
| Código | EDU |
| Disciplina | Educação Ambiental |
| Ementa | Relações entre sociedade e natureza. Contextualização histórica da educação ambiental no âmbito internacional e nacional. Desenvolvimento sustentável. |
| Bibliografia básica | CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. <i>Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico</i> . 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. PHILIPPI, JR. Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. <i>Educação ambiental e sustentabilidade</i> . Barueri, SP: Manole, 2006. (Coleção Ambiental). SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (Orgs.). <i>Educação ambiental: pesquisa e desafios</i> . Porto Alegre: Artmed, 2005. |
| Bibliografia complementar | DIAS, Genebaldo Freire. <i>Educação ambiental: princípios e práticas</i> . 5. ed. São Paulo: Gaia, 2006. EDWARDS, Brian. <i>O guia básico para a sustentabilidade</i> . 2. ed. Barcelona: GGilli, 2008. GAUDIANO, Edgar, Gonzalez. <i>Educação ambiental</i> . Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2005. LEFF, Enrique. <i>A complexidade ambiental</i> . São Paulo: Cortez, 2003. SACHS, Ignacy. <i>Caminhos para o desenvolvimento sustentável</i> . Rio de Janeiro: Garamond, 2009. CARTA ENCÍCLICA do Santo Padre sobre o cuidado da casa comum, 2015. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html > Acesso em: 5 out. 2015. |

| | |
|---------------------|---|
| Código | EDU |
| Disciplina | Educação para os Direitos Humanos |
| Ementa | A historicidade dos Direitos Humanos. Direitos Humanos como fundamento para a promoção da dignidade da pessoa humana. Direitos Humanos, educação e democracia. Direitos Humanos, diferença e diversidade social. Democracia, laicidade estatal, liberdades individuais e igualdade social. O estado da arte dos Direitos Humanos. |
| Bibliografia básica | BOBBIO, Norberto. <i>A era dos Direitos</i> . Rio de Janeiro: Campus, 2004. BRASIL. <i>Resolução CNE/CP 01/2012</i> . Ministério da Educação. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes?id=17810 > SARLET, Ingo W. <i>Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988</i> . Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001. CANDAU, Vera Maria e SCAVINO, Suzana. <i>Educar em direitos humanos: construir democracia</i> . Rio de Janeiro: DP & A, 2000. |
| Bibliografia | BITTAR, Eduardo C. B. <i>Ética, educação, cidadania e direitos humanos: estudos</i> |

| | |
|--------------|---|
| complementar | <p>filosóficos entre cosmopolitismo e responsabilidade social. São Paulo, SP: Manole, 2004</p> <p>COMPARATO, Fábio Konder. <i>A afirmação histórica dos direitos humanos</i>. São Paulo: Saraiva, 2003.</p> <p>FACCHI, Alessandra. <i>Breve História dos Direitos Humanos</i>. São Paulo, SP: Loyola, 2011</p> <p>GORCZEVISCK, Clovis (Org). <i>Direitos humanos, educação e meio ambiente</i>. Porto Alegre : Evangraf, 2007.</p> <p>NORONHA, A. Vasconcelos. <i>Os bóias frias e o marxismo</i>. [s.l.]: Associação Brasileira de Cultura, [19 - -]. 90 p.</p> <p>OLIVEIRA, Almir de. <i>Curso de direitos humanos</i>. Rio de Janeiro: Forense, 2000.</p> <p>PÓVOA NETO, HELION (org.). <i>CRUZANDO fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios</i>. Rio de Janeiro, RJ: Revan, 2005. 421 p.</p> <p>SELL, Sandro Cesar. <i>Ação afirmativa e democracia racial: uma introdução ao debate no Brasil</i>. Florianópolis, SC: Fundação Boiteux, 2002.</p> <p>SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. <i>Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos</i>. João Pessoa: Universitária, 2007.</p> |
|--------------|---|

| | |
|---------------------------|--|
| Código | EDU |
| Disciplina | Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira e Indígena |
| Ementa | História da África. Os africanos e afrodescendentes no Brasil. História das populações indígenas brasileiras. |
| Bibliografia básica | <p>PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). <i>Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas</i>. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.</p> <p>HERNANDEZ, Leila Leite. <i>A África na sala de aula: visita à História Contemporânea</i>. 3 ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.</p> <p>RIBEIRO, Darcy. <i>O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.</p> |
| Bibliografia complementar | <p>ADU BOAHEN, Albert. <i>História Geral da África</i>. 8 Vols. Brasília: UNESCO, 2010.</p> <p>CUNHA, Manuela Carneiro da. <i>Índios no Brasil: História, direitos e cidadania</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.</p> <p>GOMES, Mércio Pereira. <i>Os índios no Brasil: passado, presente e futuro</i>. São Paulo: Contexto, 2012.</p> <p>MATTOS, Regiane Augusto de. <i>História e cultura afro-brasileira</i>. São Paulo: Contexto, 2007.</p> <p>MELATTI, Julio Cezar. <i>Índios do Brasil</i>. 9 ed. São Paulo: EDUSP, 2007.</p> |

Anexo 2 – Infraestrutura

| | |
|-----------------------------------|--|
| Laboratório | Laboratório Volume-Espaço, Laboratório de Criação, Modelos Tridimensionais. |
| Descrição | Esse laboratório possibilita o trabalho com disciplinas ligadas ao desenvolvimento do raciocínio espacial, a experimentação de materiais diferenciados, a construção de estruturas tridimensionais, observação e percepção da forma e sua relação com o espaço tridimensional, a composição na execução de pesquisas formais, de modo que possam servir de apoio ao processo criativo. |
| Equipamentos | Quantidade |
| Mesa de trabalho | 5 unidades |
| Cadeiras para as mesas | 30 unidades |
| Bancadas de apoio | 1 unidade |
| Armário com chave | 3 unidades |
| Armário com prateleiras | |
| Tanque com torneira | |
| Dremel Multipro 395py | 3 unidades |
| Lixadeira elétrica de bancada | 1 unidade |
| Serra tico-tico de bancada | 1 unidade |
| Serra tico-tico manual | 1 unidade |
| Cabine de pintura | 1 unidade |
| aparelho para solda de estanho | 3 unidades |
| Estufa (adaptada) | 1 unidade |
| Morsa | 1 unidade |
| Maromba | 1 unidade |
| Furadeira | 1 unidade |
| Plaina manual | 1 unidade |
| Martelos | 5 unidades |
| Alicates | 3 unidades |
| Chave de fenda | 2 unidades |
| Serra para ferro | 1 unidade |
| Tesouras | 5 unidades |
| Tesouras para chapas metálicas | 2 unidades |
| Pistola para cola quente | 2 unidades |
| Óculos de proteção | 4 unidades |
| Protetor auricular | 3 unidades |
| Paquímetro | 3 unidades |
| Luvas de couro | 2 pares |
| Lixas manuais com cabo de madeira | 8 unidades |
| Prensas manuais | 7 unidades |
| Régua | 2 unidades |

| | | |
|----------------------------------|--|--|
| Laboratório | Laboratório de Cerâmica | |
| Descrição | Esse laboratório possibilita o trabalho com disciplinas ligadas ao desenvolvimento do raciocínio espacial bidimensional e tridimensional, a experimentação de materiais cerâmicos, a construção de objetos tridimensionais, e a interação com os materiais cerâmicos, desenvolvimento e aplicação da cor, relevos de superfície, modulação e repetição de formas na cerâmica, de modo que possam servir de apoio ao processo criativo. | |
| Equipamentos | Quantidade | |
| Mesa de trabalho | 5 unidades | |
| Cadeiras para as mesas | 30 unidades | |
| Bancadas de apoio | 1 unidade | |
| Armário com chave | 1 unidade | |
| Armário com prateleiras | | |
| Pia com torneira | 3 unidades | |
| Bancos para tornejar | 2 unidades | |
| Equipamentos | | |
| Fornos | 3 unidades | |
| Tornos | 1 unidade | |
| Agitador mecânico | 1 unidade | |
| Mesa serigráfica | 1 unidade | |
| Balança digital | 1 unidade | |
| Picnômetro | 1 unidade | |
| Cabine de pintura | 1 unidade | |
| Estufa (adaptada) | 1 unidade | |
| Espátula | 4 unidades | |
| Espátula serigráfica | 1 unidade | |
| Pistola para pintura | 1 unidade | |
| Viscosímetro do tipo copa Ford | 20 unidades | |
| Equipamentos de apoio | | |
| Estecos | 3 unidades | |
| Alicates | 2 unidades | |
| Chave de fenda | 1 unidade | |
| Serra para ferro | 5 unidades | |
| Tesouras | 2 unidades | |
| Tesouras para chapas metálicas | 2 unidades | |
| Pistola para cola quente | 4 unidades | |
| Óculos de proteção | 3 unidades | |
| Protetor auricular | 3 unidades | |
| Paquímetro | 2 pares | |
| Luvas de couro | 8 unidades | |
| Lixas manuais c/ cabo de madeira | 7 unidades | |
| Prensas manuais | 2 unidades | |
| Régua | | |
| Potes com tampa | | |
| Proveta graduada | | |
| Beckers | | |

| | |
|--|---|
| Laboratório | Laboratório de Joias |
| Descrição | Esse laboratório possibilita aos estudantes, através de trabalhos manuais, a produzir seus projetos relacionados a joias. |
| Equipamentos | Quantidade |
| Mesa | 3 unidades 3 modelos |
| Bancadas | 10 unidades |
| Cadeiras para as bancadas | 9 unidades |
| Bancos para apoio | 6 unidades |
| Armário com chave | 1 unidade |
| Tanque com torneira | 1 unidade |
| Mesa de Fundição | 1 unidade |
| Exaustor | 1 unidade |
| Politriz de Bancada – NSR e acessórios | 1 unidade |
| Laminador manual - MENAC | 1 unidade |
| Multimachini – LAPIDARTE (Téc. em Lapidação) | 1 unidade |
| Motor (MSR) multimicro com chicote e mandril | 10 unidades 13 chaves-mandril |
| Maçarico de bancada - ORCA | 10 unidades 10 bocais |
| Maçarico de fundição (Oxi. E Gás) | 1 unidade |
| Porta cadinho para fundição | 1 unidade |
| | 17 cadinhos |
| Dado Embutidor | 1 unidade |
| Jogo de Embutidor | 36 tamanhos |
| Morsa Somar | 1 unidade |
| Luminárias Ilutec | 11 unidades 2 modelos |
| Fieira | 1 unidade |
| Martelo (pequenos/ médios) | 12 unidades 3 modelos |
| Alicates | 31 unidades 6 modelos |
| Pinças Roney e Stainless | 23 unidades 5 modelos |
| Limas Misholson | 20 unidades 4 modelos |
| Escovas de bancada | 10 unidades |
| Escovas de aço (tam. 49) | 4 unidades |
| Tasso médio temperado | 9 unidades |
| Tesoura de chapa (pequena) | 2 unidades |
| Tesoura para chapas metálicas 279-8 | 1 unidade |
| Tribulê | 2 unidades 2 modelos |
| Pau de medida | 1 unidade |
| Aneleira | 1 unidade |
| Balança Digital-Profissional | 1 unidade |
| Óculos de proteção | 1 unidade |
| Óculos para fundição | 1 unidade |
| Eye gless (Lupa ocular) | 3 unidades |
| Paquímetro | 1 unidade |

| | |
|---------------------------------------|-------------|
| Micrômetro | 1 unidade |
| Expassímetro | 1 unidade |
| Ponta-seca | 2 unidades |
| Compasso ponta-seca | 1 unidade |
| Brocas (vários números e finalidades) | 30 unidades |
| Fresas | 9 unidades |
| Fio de arame para solda | 1 rolo |
| Régua de metal | 2 unidades |
| Serras | 3 dúzias |

| | | |
|---|--|--|
| Laboratório | Laboratório de Metal/Mecânica | |
| Descrição | O Laboratório de Metal/Mecânica possibilita o complemento prático de aulas como materiais e processos e projeto de equipamentos. serve também como apoio às atividades de produção e manutenção executadas pela marcenaria. | |
| Equipamentos | Quantidade | |
| Fresadora universal | 1unidade | |
| Torno de bancada | 1unidade | |
| Aparelho de solda elétrica | 1unidade | |
| Conjunto de solda oxiacetilênica | 1unidade | |
| Furadeira de bancada | 1unidade | |
| Dobradeira de tubos | 1unidade | |
| Morsa para a fresadora | 1unidade | |
| Conjunto de suportes e mordentes para a fresadora | 1unidade | |
| Conjunto de pinças para a fresadora | 1unidade | |
| Esmeril | 1unidade | |

| | | |
|--|--|--|
| Laboratório | Laboratório de Computação Gráfica da Área de Ciências Tecnológicas. | |
| Descrição | O laboratório de Computação Gráfica disponibiliza aos estudantes e professores computadores e softwares necessários para o ensino de técnicas de computação gráfica. | |
| Equipamentos | Quantidade | |
| Bancada | 7 unidades | |
| Quadro branco | 1 unidade | |
| Armário com chave | 1 unidade | |
| Cadeiras estofadas | 21unidades | |
| Armário com chave para o projetor | 1 unidade | |
| Computadores Athlon 64 2000, monitores e periféricos | 21 unidades | |
| Projetor Epson | 1 unidade | |
| Scanner A4 - Hp Scanjet | 1 unidade | |
| Aparelho de Ar Condicionado | 1 unidade | |
| Corel Draw X5 | 21 unidades | |
| Photoshop CS5.1 | 21 unidades | |
| Rhinoceros 4.0 | 21 unidades | |
| AutoCAD 2012 (Inventor, Mechanical, Architectural Desktop) | 21 unidades | |

| | |
|---------------------------|-------------|
| 3D Studio Max Design 2012 | 21 unidades |
| Solid Works 2011 | 21 unidades |

| | | |
|--|---|--|
| Laboratório | Laboratório de Computação Gráfica do Curso de Design | |
| Descrição | O laboratório de Computação Gráfica disponibiliza computadores e programas necessários para a realização de atividades acadêmicas, desde a digitação de trabalhos, pesquisa na internet, elaboração e impressão de trabalhos gráficos. Também serve aos professores de todas as disciplinas do curso como complemento às aulas. | |
| Equipamentos | Quantidade | |
| Bancada | 2 unidades | |
| Mesa do professor | 1 unidade | |
| Quadro branco | 1 unidade | |
| Armário com chave | 1 unidade | |
| Cadeiras estofadas | 11 unidades | |
| Computadores Athlon 64 2000, monitores e periféricos | 10 unidades | |
| Scanner A4 - Hp scanjet | 1 unidade | |
| Impressora A3 – HP 9300 | 1 unidade | |
| Aparelho de Ar Condicionado | 1 unidade | |
| Corel Draw X5 | 10 unidades | |
| Photoshop CS5.1 | 10 unidades | |
| Rhinoceros 4.0 | 10 unidades | |
| AutoCAD 2012 | 10 unidades | |
| 3D studio max Design 2102 | 10 unidades | |
| Solid Works 2011 | 10 unidades | |
| Microsoft Office | 10 unidades | |
| Espaço | Marcenaria | |
| Descrição | A marcenaria possibilita o desenvolvimento de produtos que utilizam como matéria-prima principal a madeira e seus derivados. | |
| Equipamentos | Quantidade | |
| Bancadas de trabalho | 5 unidades | |
| Bancadas de marceneiro | 2 unidades | |
| Cadeiras para as mesas | 2 unidades | |
| Mesas de desenho | 2 unidades | |
| Armário com chave | 2 unidades | |
| Armário com prateleiras | 2 unidades | |
| Armário arquivo | 1 unidade | |
| Armário escaninho | 1 unidade | |
| Computador | 1 unidade | |
| Torno | 1 unidade | |
| Plaina | 1 unidade | |
| Tupia | 1 unidade | |
| Lixadeiras | 2 unidades | |
| Cabine de pintura | 1 unidade | |
| Serra circular | 1 unidade | |
| Serra fita | 1 unidade | |
| Furadeira horizontal | 1 unidade | |
| Policorte de ferro (bancada) | 1 unidade | |
| Fresa | 1 unidade | |

| | |
|---------------------------------------|-------------|
| Esmiril | 1 unidade |
| Furadeira vertical | 1 unidade |
| Bigorna | 1 unidade |
| Esquadrejadeira de madeira | 1 unidade |
| Dobradeira de tubo | 1 unidade |
| Martelo de unha (grande) | 3 unidades |
| Martelo de unha (pequeno) | 1 unidade |
| Martelo de bola (grande) | 1 unidade |
| Macete de madeira | 1 unidade |
| Tesoura de metal esquerda | 1 unidade |
| Tesoura de metal direita | 1 unidade |
| Tesoura de metal reta | 1 unidade |
| Tesouras tramontina de papel | 1 unidade |
| Óculos de proteção | 10 unidades |
| Óculos de proteção para solda | 1 unidade |
| Luvas de couro | 3 pares |
| Máscara de solda | 1 unidade |
| Avental raspa de couro | 3 unidades |
| Furadeira de impacto bosch | 2 unidades |
| Lixadeira oscilante | 2 unidades |
| Lixadeira cinta bosch | 1 unidade |
| Serra tico-tico | 1 unidade |
| Tupia manual | 1 unidade |
| Plaina elétrica manual | 1 unidade |
| Parafusadeira manual | 1 unidade |
| Grampo | 6 unidades |
| Abafadores de concha | 2 unidades |
| Máscaras para pintura | 2 unidades |
| Compressor 120 pés | 1 unidade |
| Pistola para pintura | 2 unidades |
| Esmirilhadeira maquita | 1 unidade |
| Esmirilhadeira grande bosch | 1 unidade |
| Plaina manual de marceneiro (pequena) | 1 unidade |
| Rebitador sanfonado (grande) | 1 unidade |
| Rebitador pop (pequeno) | 1 unidade |
| Esquadro de metal | 2 unidades |
| Martelo pinador pneumático | 1 unidade |
| Grampeador estofador | 1 unidade |
| Morsa de bancada nº 4 | 1 unidade |
| Jogo de chave cachimbo | 1 unidade |
| Engraixadeira manual | 1 unidade |
| Paquímetro de metal | 1 unidade |
| Jogo de broca chata | 1 unidade |
| Jogo de broca de ferro | 1 unidade |
| Jogo de chave allen | 1 unidade |
| Jogo de chave allen estrela | 1 unidade |
| Formões de tornearia | 4 unidades |
| Alicate de pressão | 1 unidade |
| Alicate universal | 1 unidade |
| Alicate de corte | 1 unidade |
| Alicate bico redondo | 2 unidades |

| | |
|--------------------------|------------|
| Lima | 3 unidades |
| Grossa | 1 unidade |
| Chave de fenda | 5 unidades |
| Chave inglesa | 1 unidade |
| Cortador de borda | 1 unidade |
| Pé de cabra | 1 unidade |
| Marreta de 2kg | 1 unidade |
| Serrote manual pequeno | 1 unidade |
| Serra de metal manual | 1 unidade |
| Soldador elétrico | 1 unidade |
| Soldador oxida-acetileno | 1 unidade |
| Ventilador de pedestal | 1 unidade |
| Aspirador de pó 20l | 1 unidade |

Anexo 3 - Normas que disciplinam o trabalho final de graduação

Resolução nº 28/2007, de 30 de agosto de 2007, do Conselho Universitário – Dispõe sobre as normas para elaboração, desenvolvimento e apresentação do Trabalho Final de Graduação

Art. 1º - A elaboração, desenvolvimento e apresentação de um Trabalho Final de Graduação constitui exigência para a integralização curricular, a colação de grau e a obtenção do diploma em todos os cursos de graduação.

Art. 2º - O Trabalho Final de Graduação constituiu-se num trabalho acadêmico, baseado na análise de um problema específico e elaborado de acordo com as normas do método científico.

Parágrafo único - O tema do Trabalho Final de Graduação é de livre escolha do estudante, desde que observada a proximidade temática com as linhas de pesquisa, de extensão ou com as possibilidades do corpo de orientadores do curso.

Art. 3º - O Trabalho Final de Graduação tem por finalidades estimular o desenvolvimento da iniciação científica e avaliar os conhecimentos teóricos e técnicos essenciais às condições de qualificação do estudante para o seu acesso ao exercício profissional.

Art. 4º - Para a matrícula, na disciplina Trabalho Final de Graduação I e Trabalho Final de Graduação II, o estudante deverá ter sido aprovado nas disciplinas até o semestre anterior ao da oferta das referidas disciplinas.

Art. 5º - A orientação das atividades acadêmicas, desenvolvidas no âmbito do Trabalho Final de Graduação, será realizada por um professor especialmente designado para tal fim.

§ 1º - Pode orientar o desenvolvimento de Trabalho Final de Graduação o professor que tiver aprovação, concedida pelo Colegiado do Curso, para integrar o corpo de orientadores do respectivo curso.

§ 2º - Compete à Coordenação do Curso encaminhar ao Colegiado, por meio de processo formal, a solicitação de definição do corpo de orientadores, com as respectivas temáticas.

§ 3º - Constituem critérios para a composição do corpo de orientadores a produção acadêmica, o desempenho de atividade profissional e a ética na produção técnico-científica.

§ 4º - As Coordenações dos Cursos têm o prazo de sessenta dias, a contar da publicação desta resolução para definir, publicar e promover ampla divulgação, junto aos estudantes, da composição do corpo de orientadores e das respectivas temáticas.

Art. 6º - Cada professor poderá orientar, concomitantemente, até dez estudantes, contadas as diferentes orientações acadêmicas.

Parágrafo único - Para a orientação das atividades acadêmicas desenvolvidas no âmbito do Trabalho Final De Graduação, cada professor tem o encargo de uma hora semanal por orientando.

Art. 7º - A substituição de orientador pode ocorrer, desde que solicitada pelo estudante, por meio de requerimento fundamentado e se for aprovada pelo Colegiado do Curso.

Art. 8º - Na disciplina de Trabalho Final de Graduação I, a verificação do rendimento acadêmico realiza-se por meio da avaliação do Projeto de Estudo correspondente e de outras atividades previstas no Plano de Ensino da disciplina.

§ 1º - A avaliação do Projeto de Estudo fica a cargo do professor responsável pela disciplina, ou do professor orientador, que poderá observar critérios de avaliação definidos pelo Colegiado do Curso.

§ 2º - Devido às características próprias da disciplina Trabalho Final de Graduação I, a prestação de exame final não faz parte do processo de avaliação.

§ 3º - O estudante cujo desempenho não atingir média sete (7,0) deverá reelaborar, no semestre em curso, no prazo a ser definido pelo Colegiado do Curso, em parte ou em sua totalidade, as atividades previstas no plano de ensino da disciplina.

§ 4º - O estudante que não cumprir o prazo concedido para a reelaboração do Trabalho Final de Graduação ou que, após reelaborar as atividades previstas no plano de ensino da disciplina, não atingir média final igual ou superior a seis (6,0), será considerado reprovado.

Art. 9º - No início do semestre letivo correspondente à oferta da disciplina Trabalho Final de Graduação II, a coordenação do curso, ou o órgão por ela designado, deve entregar a cada professor orientador uma cópia do projeto de estudo dos matriculados na disciplina sob a sua orientação.

§ 1º - O estudante entregará a primeira versão do Trabalho Final de Graduação ao seu professor-orientador até cinco semanas antes do prazo fixado no Calendário Acadêmico para o término do período de aulas do semestre.

§ 2º - O professor-orientador tem o prazo de uma semana para avaliar a primeira versão do Trabalho Final de Graduação e fazer observações e sugestões, quando for o caso, para a melhoria da versão definitiva.

§ 3º - O texto do Trabalho Final de Graduação para a avaliação da banca deve ser entregue, pelo professor-orientador, à coordenação do curso, ou ao órgão por ela designado, até uma semana antes do prazo fixado no calendário escolar para o término do período de aulas do semestre.

§ 4º - O texto final deve ser acompanhado do formulário de solicitação de constituição de banca examinadora, subscrito pelo professor-orientador.

§ 5º - Após a avaliação e aprovação da banca, a versão final do Trabalho Final de Graduação, observadas a normas da ABNT, deve ser entregue à Coordenação do Curso, ou ao órgão por ela designado, em duas vias: uma impressa, sob a forma de monografia ou de artigo publicável, e outra em arquivo eletrônico, em formato PDF, gravado em mídia digital.

Art. 10 - A verificação do rendimento acadêmico do estudante matriculado na disciplina Trabalho Final de Graduação II é realizada por uma banca examinadora constituída pelo orientador, como seu presidente, e por mais dois professores por ele sugeridos e designados pela coordenação do curso, ou pelo órgão por ela delegado.

§ 1º - A indicação e a designação dos integrantes das bancas examinadoras levarão em conta, preferentemente, a vinculação dos examinadores à temática do Trabalho Final de Graduação a ser avaliado.

§ 2º - É facultada a participação de avaliadores de outras instituições, desde que não implique em encargos financeiros.

Art. 11 - O Colegiado do Curso pode optar em definir, como forma de avaliação do Trabalho Final de Graduação, a sustentação oral do trabalho desenvolvido ou pareceres individuais, por escrito, da banca examinadora.

§ 1º - Em caso de defesa oral, o tempo de apresentação poderá ser de até trinta minutos, prorrogáveis, a critério da banca examinadora.

§ 2º - Cada membro da banca examinadora terá o tempo de até trinta minutos para a arguição do trabalho apresentado.

Art. 12 - O Trabalho Final de Graduação será considerado aprovado se, pela média aritmética das três notas atribuídas pelos integrantes da banca, o resultado for igual ou superior a sete (7,0), cumpridos ainda os requisitos de frequência mínima à programação feita na disciplina.

§ 1º - A Coordenação do Curso, ou o órgão por ela designado, com a aprovação do respectivo colegiado, pode estabelecer critérios de avaliação a serem observados pela banca examinadora.

§ 2º - Devido às características próprias da disciplina Trabalho Final de Graduação II, a prestação de exame final não faz parte do processo de avaliação.

§ 3º - Após o parecer da banca, o estudante cujo desempenho não atingir média sete (7,0) deverá, no semestre em curso, replanejar e reexecutar, em parte ou em sua totalidade, as atividades previstas no projeto de trabalho.

§ 4º - Cabe à Coordenação do Curso, ou ao órgão por ela designado, definir o prazo e a forma para a reapresentação do trabalho, que será avaliado pelos mesmos integrantes da banca designada para a primeira avaliação.

§ 5º - O prazo, a ser definido pela coordenação do curso, observará as datas de encerramento do semestre letivo dispostas no Calendário Acadêmico.

§ 6º - O estudante que, após replanejar e reexecutar as atividades previstas no projeto de trabalho, não atingir média final igual ou superior a seis (6,0), será considerado reprovado.

Art. 13 - Em caso de plágio, desde que comprovado, o estudante estará sujeito ao regime disciplinar previsto no Regimento Geral.

Parágrafo único - Constitui plágio o ato de assinar, reproduzir ou apresentar, como de autoria própria, partes ou a totalidade de obra intelectual de qualquer natureza (texto, música, pictórica, fotografia, audiovisual ou outra) de outrem, sem referir os créditos para o autor.

Art. 14 - O horário da orientação, nas disciplinas de Trabalho Final de Graduação I e Trabalho Final de Graduação II, não pode coincidir com o horário das demais disciplinas em que o estudante está matriculado.

§ 1º - Cabe ao orientador e ao estudante, de comum acordo, definirem os horários destinados para orientação e desenvolvimento das atividades previstas no plano de ensino da disciplina.

§ 2º - Cabe à Coordenação do Curso, ou ao órgão por ela designado, estabelecer critérios e formas de acompanhamento ou registro da frequência e das atividades desenvolvidas na disciplina.

Art. 15 - Os direitos e deveres dos estudantes matriculados nas disciplinas de Trabalho Final de Graduação I e Trabalho Final de Graduação II, são os mesmos estabelecidos para as demais disciplinas, ressalvadas as disposições da presente normativa.

Art. 16 - Os casos omissos são resolvidos pelo Colegiado do Curso, cabendo recurso aos colegiados superiores.

Art. 17 - A presente resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogada a resolução 3/01, de 29 de março de 2001, e demais disposições em contrário.

Anexo 4 - Normas que disciplinam o funcionamento dos estágios

Resolução n. 27/1999, de 27 de dezembro de 1999, do Conselho de Áreas
Regulamento do estágio curricular dos cursos de graduação

Capítulo I

Da estrutura e organização geral do estágio

Art. 1º - O estágio curricular, como parte integrante do currículo dos cursos de graduação, tem sua proposta fundamentada na filosofia da instituição que visa à terminalidade crítica, competente e responsável do profissional.

Art. 2º - A carga horária mínima do estágio curricular é prevista no currículo, podendo ser cumprida pelo estudante a partir do primeiro ano letivo, por meio de projetos específicos, conforme a especificidade dos cursos de graduação.

§ 1º - A carga horária mínima do estágio curricular supervisionado nos cursos de formação de professores é de quatrocentas horas de atividades teórico-práticas.

§ 2º - No curso de Pedagogia, a carga horária mínima do estágio curricular supervisionado é de trezentas horas de atividades teórico-práticas.

§ 3º - Para os demais cursos de graduação, a carga horária é estabelecida em legislação específica.

Capítulo II

Objetivos do estágio curricular

Art. 3º - Considerada uma etapa significativa na formação profissional, o estágio objetiva:

- a) promover a integração teórico-prática dos conhecimentos, habilidades e técnicas desenvolvidas nos currículos dos cursos de graduação e adequadas às áreas de formação;
- b) proporcionar situações de aprendizagem em que o estudante possa interagir com a realidade do trabalho, reconstruindo o conhecimento pela reflexão prática;
- c) complementar, por meio da orientação e assistência sistemática, a formação profissional;
- d) desencadear práticas alternativas, entendendo as complexas relações do mundo de trabalho na sociedade;
- e) preparar profissionais competentes, capazes de assumir com integridade e responsabilidade suas funções.

Capítulo III

Da modalidade de estágio

Art. 4º - As modalidades de estágio serão definidas pelas comissões de carreira de cada curso de graduação.

Capítulo IV

Das atribuições

Art. 5º - São atribuições do professor-supervisor do estágio:

- a) elaborar o projeto do estágio sob sua responsabilidade;
- b) orientar o planejamento e a execução das atividades do estagiário;
- c) acompanhar o processo de adaptação e as atividades de observação e prática dos estagiários;
- d) avaliar as atividades desenvolvidas pelo estagiário;
- e) registrar, em instrumentos adequados, as ocorrências e as orientações proporcionadas aos estagiários.

Art. 6º - São atribuições do estagiário:

- a) desenvolver, sob a orientação do professor-supervisor, as atividades previstas no projeto de estágio;
- b) comparecer às reuniões de orientação e planejamento estabelecidas pelo professor-supervisor;
- c) evidenciar ética profissional, responsabilidade e interação com o ambiente profissional;
- d) comparecer assídua e pontualmente ao local de estágio;
- e) comunicar ao professor-supervisor, com antecedência, qualquer alteração no cronograma de estágio;
- f) entregar ao professor-supervisor documentos comprobatórios do estágio e demais trabalhos solicitados.

Capítulo V
Da avaliação

Art. 7º - Na avaliação do estágio, além dos conhecimentos e habilidades evidenciadas e pertinentes à habilitação específica, são consideradas as referentes à ética profissional e responsabilidade.

Art. 8º - A avaliação é feita mediante acompanhamento sistemático, a análise dos documentos comprobatórios e o desempenho do estagiário nas demais atividades acadêmicas previstas no Projeto de Estágio.

Art. 9º - Como instrumentos de avaliação podem ser utilizados relatórios de acompanhamento do professor-supervisor, do profissional responsável na instituição onde o estudante realiza o estágio e o relatório do estágio.

§ 1º - Dadas as características próprias do estágio curricular, a prestação de exame final não faz parte do processo de avaliação.

§ 2º - Em caso de reprovação caberá ao estudante reformular e aplicar, integralmente, o Projeto de Estágio.

Capítulo VI
Das disposições gerais

Art. 10 - Cada curso, mediante aprovação do Colegiado do Curso, pode determinar normas específicas para o estágio curricular.

Art. 11 - Sempre que necessário, o professor-supervisor pode planejar atividades alternativas tendo em vista a melhoria de experiências para os estagiários.

Art. 12 - Casos omissos a esse regulamento serão resolvidos pela Pró-reitoria de Graduação.

Anexo 5 - Normas que disciplinam o funcionamento dos estágios do curso de Design

Aspectos legais

Razão da inclusão do estágio no currículo do curso:

O estágio é previsto pela Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 que dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do Art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e nº 8.859, de 23 de março de 1994, o Parágrafo Único do Art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o Art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. regulamentada pelo Decreto nº 87.497/82 e modificada pela Lei nº. 8.859/94.

Acordos, convênios, termos de compromisso:

O estágio supervisionado realizar-se-á por meio de acordos ou convênios firmados com empresas caracterizadas como campos de estágio, as quais deverão atender às condições legais exigidas para o seu desenvolvimento.

Campos de estágio

Empresas públicas, privadas, autárquicas e de economia mista.

Recursos humanos

O coordenador e os supervisores de estágio serão professores do curso de Design. Os coordenadores dos locais de estágio serão profissionais, preferencialmente, com curso superior, que atuem nas empresas caracterizadas como campos de estágio.

Organização das atividades curriculares

Planejamento das atividades

É a atividade preliminar da qual resulta o plano de estágio. O plano de estágio deve ser elaborado em comum acordo entre o estagiário e o coordenador interno da empresa. O plano de estágio será analisado pelo professor supervisor do estágio, que emitirá parecer sobre a seleção e anotação dos dados, adequação das atividades e conduta durante o estágio.

Estrutura do plano de estágio

Obedecerá às normas de redação, vigentes no Centro Universitário Franciscano, a apresentar:

- a) título;
- b) objetivo: geral e específicos;
- c) definição do campo de atuação a ser estudado;
- d) definição dos instrumentos de coleta e análise de dados;
- e) cronograma de atividades;
- f) plano dos procedimentos metodológicos.

Atividades de estágio

São as atividades desenvolvidas nos campos de estágio, tais como:

- a) aplicar os conhecimentos adquiridos nas diversas disciplinas do Curso de Design, executar tarefas, propor soluções ou novas técnicas de trabalho;
- b) discutir, analisar e avaliar com o professor supervisor ou coordenador interno da empresa as tarefas realizadas;
- c) coletar dados e elaborar o relatório final.

Estrutura do relatório de conclusão do estágio

Obedecerá às normas de redação, vigentes no Centro Universitário Franciscano, a apresentar:

- a) título;
- b) objetivos: geral e específicos;
- c) descrição dos procedimentos metodológicos;
- d) análise dos dados e conclusões.

Apresentação do relatório

Consiste em uma apresentação oral pública e escrita, perante uma banca examinadora, sobre a experiência pré-profissional adquirida na área, por meio do estágio. Esta atividade permitirá:

- a) verificar o desempenho do estagiário;
- b) detectar e justificar problemas inerentes ao contexto do estágio, com vistas ao seu aperfeiçoamento;
- c) possibilitar experiência aos futuros profissionais.

Período de estágio

O estágio será desenvolvido durante o semestre letivo regular. As atividades acadêmicas obedecerão ao disposto no Calendário Acadêmico.

A matrícula deverá ser efetuada nos prazos definidos pelo calendário acadêmico, sempre antes da realização do estágio,

Frequência

A frequência exigida é a regimental do Centro Universitário Franciscano, ou seja, setenta e cinco por cento (75%), sendo que o estagiário também deverá submeter-se às exigências do campo de estágio, no que diz respeito à assiduidade.

Sistema de avaliação

O estágio será avaliado nos seguintes aspectos:

- a) o professor supervisor do estágio analisará o desempenho do estagiário por meio do parecer do coordenador interno da empresa, cuja nota atribuída tem peso quatro (4,0);
- b) análise do relatório apresentado, cuja nota atribuída tem peso seis (6,0);

A aprovação na disciplina, cumprida a frequência mínima exigida, será concedida ao estudante que obtiver nota final igual ou superior a seis (6,0), resultado da média aplicada às notas obtidas nos itens (a) e (b), acima.

Não haverá exame de recuperação para os estudantes que não lograrem aprovação na disciplina e, em tais circunstâncias, eles deverão cursar novamente a referida disciplina.

As normas, prazo de entrega, defesa e outras especificações atinentes ao relatório serão estabelecidas no início de cada semestre letivo pelo coordenador de estágio.

As conclusões e sugestões apresentadas no relatório de estágio deverão refletir o conhecimento que o estagiário possui na área.

Quando necessário, por ocasião da avaliação do relatório, será constituída uma banca examinadora composta por docentes do curso, cujo presidente será um dos professores supervisores de estágio ou o professor coordenador da disciplina de Estágio Supervisionado.

Atribuições do coordenador de estágio

- a) coordenar todas as atividades inerentes ao desenvolvimento do estágio supervisionado;
- b) solicitar nominata dos professores supervisores;
- c) responsabilizar-se pelo diário de classe;
- d) examinar e decidir, em primeira instância, sobre questões suscitadas pelos professores supervisores, coordenadores internos da empresas e estagiários;
- e) manter o coordenador do curso permanentemente informado a respeito do andamento das atividades de estágio bem como providenciar no pronto atendimento às suas solicitações;
- f) manter contato com os campos de estágio e providenciar o cadastramento;
- g) manter contato com os professores supervisores e coordenadores internos das empresas, bem como dinamizar o funcionamento do estágio;

- h) constituir, de comum acordo com os docentes do curso, as bancas examinadoras responsáveis pela avaliação da defesa formal do estágio;i) determinar as datas de avaliação;
- j) avaliar as condições de exequibilidade do estágio, bem como as atividades curriculares desenvolvidas com a participação dos professores supervisores, coordenadores internos da empresas e estagiários;
- k) manter contato com os estagiários e orientar suas atividades.

Atribuições do professor supervisor

- a) aprovar ou propor alterações no plano de estágio elaborado pelo estagiário e coordenador interno da empresa;
- b) supervisionar e orientar as atividades de estágio, bem como avaliar o estagiário em todas as atividades desenvolvidas, conforme o estabelecido no programa de estágio;
- c) presidir a banca examinadora de avaliação da defesa formal do estágio;
- d) responsabilizar-se pela ata da defesa formal do estágio;
- e) assessorar na elaboração do relatório de estágio;
- f) manter o coordenador de estágio informado sobre questões pertinentes ao seu desenvolvimento;
- g) auxiliar o coordenador do estágio no cadastramento dos campos de estágio.

Atribuições do coordenador interno da empresa

- a) participar da elaboração do plano de estágio junto com o estagiário;
- b) assistir o estagiário, com vistas ao efetivo desenvolvimento das atividades propostas no plano de estágio;
- c) informar à coordenação do estágio, por meio do professor supervisor, a situação do estagiário, quando solicitado;
- d) avaliar o desempenho do estagiário.

Do corpo discente

O corpo discente será constituído pelos estudantes que tiverem cumprido os requisitos de acesso à disciplina de Estágio Supervisionado.

A conduta dos estagiários será regida por princípios ético-profissionais.

Os estagiários, além de estarem sujeitos ao regime disciplinar e aos direitos e deveres estabelecidos no Regimento Geral do Centro Universitário Franciscano, estarão sujeitos às normas que regem as empresas onde realizam o estágio.

Direitos do estagiário

- a) escolher o campo de estágio e colocá-lo à apreciação do Coordenador de Estágio e professor supervisor;
- b) receber orientação para realizar as atividades previstas no programa de ensino da disciplina-estágio;
- c) recorrer de qualquer decisão do professor supervisor, do coordenador interno da empresa ou por sua insatisfação com o desenvolvimento do estágio, com respeito à hierarquia funcional e com petição fundamentada;
- d) apresentar sugestões que sirvam para aprimoramento do estágio;
- e) estar segurado contra acidentes pessoais que possam ocorrer durante o desenvolvimento da disciplina-estágio, conforme legislação vigente.

Deveres do estagiário

- a) conhecer e cumprir as normas de estágio;
- b) elaborar, com o professor supervisor e com o coordenador interno da empresa, o plano de estágio;
- c) cumprir integralmente o plano de estágio e respeitar as normativas de funcionamento do campo de estágio;
- d) elaborar e apresentar o relatório;
- e) atender às solicitações do professor supervisor;
- f) comunicar, imediatamente, ao coordenador interno da empresa, professor supervisor ou coordenador

de estágio sua ausência ou quaisquer fatos que venham a interferir no desenvolvimento do estágio;

g) zelar pelo bom desenvolvimento do estágio, no que se refere ao seu comportamento nas relações humanas;

h) guardar sigilo de tudo que disser respeito a documentos/projetos de uso exclusivo dos campos de estágio;

i) cumprir 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular.

Avaliação e validação do campo de estágio

O coordenador de estágio e o professor supervisor avaliarão aspectos, tais como: infraestrutura do campo de estágio e qualificação do coordenador interno da empresa. Uma avaliação negativa em qualquer dos quesitos invalidará o referido campo de estágio.

Disposições gerais

As presentes normas poderão ser modificadas por iniciativa do Colegiado do Curso, obedecidos aos trâmites legais vigentes.

Os casos omissos, no presente regulamento, serão resolvidos, em primeira instância pelo coordenador de estágios, a caber recurso ao coordenador do curso e, após, ao Colegiado.

Anexo 6 - Normas que disciplinam o registro de atividades curriculares complementares

Resolução nº 27/2007, de 30 de agosto de 2007, do Conselho Universitário
Dispõe sobre o registro de Atividades Curriculares Complementares nos cursos de graduação

Art. 1º - Os currículos plenos dos cursos de graduação são constituídos por Disciplinas Obrigatórias e por Atividades Curriculares Complementares.

Art. 2º - As Atividades Curriculares Complementares objetivam oferecer espaço, na Dinâmica Curricular, a conteúdos disciplinares, a temas do cotidiano e a atividades teórico-práticas que, ligados à atualidade e gerados pelo avanço do conhecimento em estudo, não tenham sido contemplados no currículo do curso.

Art. 3º - As Atividades Curriculares Complementares são mecanismos que concorrem para assegurar a atualização permanente e a flexibilidade curricular, preconizadas pelas diretrizes curriculares para os cursos de graduação.

Art. 4º - A carga horária destinada às atividades curriculares complementares é definida no Projeto Pedagógico de cada curso, observado o disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Parágrafo único - A total integralização da carga horária das Atividades Curriculares Complementares é requisito para a colação de grau e obtenção do diploma.

Art. 5º - As Atividades Curriculares Complementares abrangem as atividades correspondentes à participação em cursos, congressos, seminários, palestras, jornadas, conferências, simpósios, viagens de estudo, encontros, estágios não obrigatórios, projetos de pesquisa ou de extensão, atividades científicas, artísticas, culturais, de integração ou qualificação profissional, monitoria, tutoria, publicação e apresentação de trabalhos acadêmicos ou outras atividades definidas pelos colegiados dos cursos.

Parágrafo único - Consideradas as especificidades de cada curso, compete ao Colegiado definir a carga horária a ser atribuída a cada modalidade de Atividade Curricular Complementar.

Art. 6º - A atribuição de carga horária, para as atividades referidas no caput do art. 5º desta Resolução, deve ser solicitada pelo estudante, por meio eletrônico e mediante o pagamento de taxa, no prazo estabelecido no Calendário Acadêmico.

§ 1º - Compete ao Colegiado estabelecer os critérios para determinar o número de créditos a serem atribuídos às Atividades Curriculares Complementares.

§ 2º - Compete à Coordenação do Curso a análise das atividades requeridas pelo estudante e, se for o caso, a validação do registro.

§ 3º - Poderá ser requerida a atribuição de carga horária para as atividades realizadas pelo estudante a partir do semestre de ingresso no respectivo curso no Centro Universitário Franciscano.

Art. 7º - As Atividades Curriculares Complementares não serão aproveitadas para a concessão de dispensa de disciplinas obrigatórias do currículo de vinculação do estudante.

Art. 8º - Os casos omissos são resolvidos pela Pró-reitoria de Graduação.

Art. 9º - A presente Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogada a resolução 6/03, de 4 de setembro de 2003, e demais disposições em contrário.

Tabela 4 - Distribuição da carga horária para o registro de ACC

| Atividade | Carga Horária Máxima |
|---|-----------------------------|
| Apresentação de trabalho científico | 34h |
| Assistência de monografia | --- |
| Assistência de Dissertação | --- |
| Assistência de Tese | --- |
| Bolsista de extensão | 68h |
| Bolsista de iniciação científica | 68h |
| Bolsista de monitoria/e/ou tutoria | 68h |
| Disciplina cursada | 34h |
| Estágio extracurricular | 68h |
| Participação em comissões | 34h |
| Participação em cursos de extensão | 51h |
| Participação em eventos nacionais | 34h |
| Participação em eventos internacionais | 34h |
| Participação em jornadas/semanas acadêmicas | 17h |
| Participação em exposições e concursos | 34h |
| Participação em projetos de pesquisa e/ ou extensão | 68h |
| Publicações | 34h |
| Trabalho voluntário | 34h |
| Viagens de estudo | 17h |

Anexo 7 - Regimento do colegiado do curso

Capítulo I

Da natureza e da constituição do colegiado

Art. 1º - O Colegiado de Curso é o órgão integrador e deliberativo do curso e tem a seguinte composição:

- I - o Coordenador do Curso, como seu presidente;
- II - três docentes do curso, eleitos por seus pares;
- III - um representante do corpo estudante do curso, designado pelo respectivo diretório estudante.

Parágrafo único - É de dois anos o mandato dos membros a que se refere o inciso II e de um ano, do representante a que se refere o inciso III.

Capítulo II

Da competência do Colegiado

Art. 2º - Compete ao Colegiado de Curso:

I - propor iniciativas vinculadas à inovação do ensino, à atualização do curso/programa e à integração do mesmo com as demais atividades;

II - apreciar e aprovar o plano de ação do curso para cada período letivo;

III - apreciar e aprovar o Projeto Pedagógico do Curso;

IV - aprovar o regulamento do estágio curricular do curso;

V - apreciar e propor ao Conselho de Área a alteração curricular do curso;

VI - definir critérios para aproveitamento de estudos, adaptações e transferência de estudantes;

VII - promover a autoavaliação e propor iniciativas de intervenção em vista do aperfeiçoamento do curso.

Capítulo III

Do presidente

Art. 3º - O Colegiado de Curso será presidido pelo coordenador do curso e, na sua ausência ou impedimento, pelo docente mais antigo no magistério do Centro Universitário, com formação ou titulação na área específica.

Art. 4º - Compete ao presidente, além de outras atribuições contidas neste regulamento:

I - convocar reuniões ordinárias e extraordinárias;

II - presidir os trabalhos do colegiado e organizar a pauta das sessões plenárias e a respectiva ordem do dia;

III - orientar a distribuição de trabalhos e processos entre os membros do Colegiado;

IV - dirigir os trabalhos, conceder a palavra aos membros do colegiado e coordenar os debates e neles intervir, para esclarecimentos;

V - exercer, no Colegiado, o direito de voto e, nos casos de empate, o voto de qualidade;

VI - registrar em ata e comunicar as decisões, quando pertinente, ao colegiado de cursos da respectiva área ou aos órgãos de apoio da Instituição.

VII - cumprir e fazer cumprir as decisões do colegiado;

VIII - exercer a representação do colegiado.

Capítulo IV

Das sessões

Art. 5º - O Colegiado de Curso reunir-se-á por convocação do presidente, com a indicação precisa da matéria a tratar.

Art. 6º - As sessões do Colegiado de Curso serão instaladas e só funcionarão com a presença da maioria absoluta dos membros, que é o número legal para deliberação e votação.

Parágrafo único - Com a presença do número legal dos membros da banca e declarada aberta a sessão, proceder-se-á a discussão e votação da ata da sessão anterior, após passar-se-á à expediente ordem do dia e às comunicações.

Art. 7º - A convocação para as sessões será feita com a assinatura do presidente por circular ou por correio eletrônico, com o recebimento acusado, que contenha a pauta da sessão e a ata da última sessão, e com a antecedência mínima de 48 horas.

Capítulo V
Dos atos do colegiado

Art. 8º - As decisões do Colegiado de Curso tomarão forma de parecer.

Art. 9º - As decisões do Colegiado, sob a forma de parecer, serão assinadas pelo presidente.

Art. 10 - Das decisões do Colegiado de Curso cabe recurso ao Conselho da Área respectiva, ressalvados os casos de estrita arguição de ilegalidade, que podem ser encaminhadas ao Conselho Universitário.

Capítulo VI
Das disposições gerais

Art. 11 - Os casos omissos serão resolvidos pelo colegiado sob a forma de parecer interno.

Art. 12 - o presente regulamento poderá ser reformado, total ou parcialmente, pelo voto favorável da maioria absoluta dos membros do Colegiado.

Anexo 8 - Regimento do Núcleo Docente Estruturante (NDE)

Resolução Nº. 06/2011 - Institui O Núcleo Docente Estruturante No Âmbito Dos Cursos De Graduação Do Centro Universitário Franciscano E Estabelece Normas De Funcionamento.

A Reitora do Centro Universitário Franciscano, no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto desta Instituição e com base nas disposições do Parecer CONAES nº 4, de 17 de junho de 2010, e da Resolução nº 1, de 17 de junho de 2010,

RESOLVE

Art. 1º - instituir o Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos de Graduação do Centro Universitário Franciscano e estabelecer as normas de seu funcionamento.

Art. 2º - O Núcleo Docente Estruturante de cada Curso de Graduação é responsável pela elaboração, implementação, avaliação e desenvolvimento do respectivo Projeto Pedagógico.

Art. 3º - O Núcleo Docente Estruturante será composto por docentes indicados pelo Colegiado do Curso, sendo constituído de no mínimo cinco professores pertencentes ao corpo docente do curso, tendo o Coordenador do Curso como Presidente.

Art. 4º - Os membros do Núcleo Docente Estruturante indicados pelo Colegiado do Curso serão nomeados por portaria da Reitora para um mandato de 2 (dois) anos, podendo haver recondução.

Art. 5º - O Núcleo Docente Estruturante deve atender aos seguintes critérios:

I.possuir experiência docente na Instituição, ter liderança acadêmica evidenciada pela produção de conhecimento na área, no âmbito do ensino e atuar no desenvolvimento do curso;

II.ter, pelo menos, 60% de seus membros com titulação acadêmica obtida em programas de Pós-graduação *Stricto Sensu*;

III.ter, pelo menos, 80% do total de membros com o título de doutor para o curso de Direito e 60% para os demais cursos;

IV.ter todos os membros em regime de tempo parcial ou integral, sendo, pelo menos, 20% em tempo integral.

Art. 6º - O Núcleo Docente Estruturante, de caráter consultivo, propositivo e executivo em matéria acadêmica relacionada ao curso, tem as seguintes atribuições:

I.assessorar a Coordenação do Curso e o respectivo Colegiado no processo de concepção, atualização e consolidação do Projeto Pedagógico;

II.estabelecer a concepção e o perfil profissional do egresso do curso;

III.avaliar e atualizar o Projeto Pedagógico do Curso;

IV.responsabilizar-se pela atualização curricular, submetendo-a à aprovação do Colegiado de Curso, sempre que necessário;

V.responsabilizar-se pela avaliação do curso, análise e divulgação dos resultados em consonância com os critérios definidos pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) e pelo Colegiado do Curso;

VI.analisar, avaliar e propor a atualização dos programas de ensino das disciplinas e sua articulação com o Projeto Pedagógico do Curso;

VII.propor iniciativas para a inovação do ensino;

VIII.zelar pela integração curricular interdisciplinar das diferentes atividades do currículo;

IX.definir e acompanhar a implementação das linhas de pesquisa e de extensão;

X.acompanhar a adequação e a qualidade dos trabalhos finais de graduação e do estágio curricular supervisionado;

XI.zelar pelo cumprimento das diretrizes institucionais para o ensino de graduação e das diretrizes curriculares nacionais do curso.

Parágrafo único - As proposições do Núcleo Docente Estruturante serão submetidas à apreciação e deliberação do Colegiado do Curso.

Art. 7º - O Núcleo Docente Estruturante reunir-se-á por convocação de iniciativa de seu presidente ou pela maioria de seus membros.

Art. 8º - No prazo de 60 dias, a partir da data de aprovação da presente Resolução pelo Conselho Universitário, o Núcleo Docente Estruturante de todos os Cursos de Graduação deverá estar implementado.

Art. 9º - Os casos omissos serão resolvidos em primeira instância pela Pró-reitoria de Graduação e em segunda instância pela Câmara de Ensino de Graduação.

Art. 10º - Esta Resolução entra em vigor nesta data.

Santa Maria, 24 de maio de 2011.

Anexo 9 - Atribuições da Coordenação de Estágio Curricular Supervisionado

ATRIBUIÇÕES DA COORDENAÇÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Objetivo geral

Coordenar o processo de desenvolvimento das atividades de Estágio Curricular Supervisionado, em conformidade com a legislação vigente, o disposto no Projeto Pedagógico e nas normas institucionais.

Atribuições

- a) apoiar a Coordenação do Curso na orientação ao processo de desenvolvimento das atividades de Estágio Curricular Supervisionado;
- b) conhecer a legislação inerente ao estágio curricular supervisionado, bem como as normas contidas na Coletânea de Normas da Graduação;
- c) elaborar, junto aos professores do curso, as Diretrizes do Projeto de Estágio Curricular Supervisionado;
- d) propor, avaliar e aprovar a abertura e fechamento de campos de estágio;
- e) organizar a distribuição dos estagiários nas instituições de acordo com as vagas oferecidas e as áreas de conhecimento;
- f) promover reuniões com os orientadores acadêmicos e supervisores externos, quando possível e necessário; bem como com os estagiários, sempre que se fizer necessário, para discussão de questões relativas ao desenvolvimento do estágio;
- g) elaborar e controlar documentos tais como: termo de compromisso de estágio, encaminhamento, por escrito, do estudante à instituição; acompanhamento do processo de celebração de convênios entre instituições; ficha de presença de estágio; e definição de orientações para realização do relatório;
- h) fixar o cronograma de entrega dos relatórios;
- i) designar as bancas de avaliação dos relatórios finais;
- j) realizar estudos e propor à Coordenação do Curso diretrizes referentes ao desenvolvimento e avaliação dos estágios;
- k) avaliar, a cada semestre letivo, o trabalho desenvolvido nos campos de estágio e propor ações pertinentes ao mesmo;
- l) informar os campos de estágio sobre qualquer alteração curricular ou carga horária, que venha a interferir no desempenho do estudante;
- m) ministrar as orientações necessárias aos estagiários, orientadores e supervisores de estágio;
- n) manter um sistema atualizado de documentação e cadastramento referente aos estágios;
- o) prestar assessoria, quando se fizer necessário, a supervisores da empresa e outros envolvidos;
- p) resolver os problemas que surgirem entre estudantes e campos de estágio.
- q) manter relação com a Coordenação de Pesquisa e Extensão;
- r) prestar assessoria, quando se fizer necessário, a supervisores de empresas e outros envolvidos.

Anexo 10 - Projeto de autoavaliação

1 Apresentação

O projeto de autoavaliação do curso se apresenta como um instrumento de gestão que tem por objetivo identificar as suas potencialidades e fragilidades, a fim de atingir, permanentemente, as metas propostas em seu Projeto Pedagógico. A autoavaliação do curso terá como base as diretrizes estabelecidas no Projeto de Avaliação Institucional, no Projeto Pedagógico Institucional, no Plano de Desenvolvimento Institucional e no Projeto Pedagógico do Curso. As fragilidades e potencialidades do curso serão inicialmente avaliadas a partir da análise qualitativa e quantitativa de dados obtidos a partir de instrumentos de avaliação institucionais.

O sistema de autoavaliação é uma prática permanente de leitura, análise, reflexão crítica e tomada de decisões, sobre as atividades curriculares globais de curso. Dessa forma, os dados relativos à matriz curricular, às atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como à gestão e condições gerais de funcionamento do curso serão analisados conjuntamente com a comunidade acadêmica. A partir desses dados, propõem-se o desenvolvimento de um instrumento de avaliação próprio do curso de modo que envolva toda a comunidade acadêmica.

2 Concepção

A autoavaliação de um curso de graduação é um processo que, a partir de questionamentos, análises e reflexões sobre as práticas desenvolvidas pela comunidade acadêmica, procura identificar êxitos e fragilidades. Esse processo deve ser baseado na autocrítica e possuir caráter formativo e educativo. Seu desenvolvimento deve contar com a participação da comunidade acadêmica, a fim de fornecer subsídios para redefinições de práticas e políticas do Curso. Objetiva a melhoria no processo ensino-aprendizagem, na pesquisa, na extensão, na produção do conhecimento e na veiculação com a sociedade.

Dessa forma, a autoavaliação se constitui em uma prática permanente de visualização crítica das atividades desenvolvidas pela comunidade do curso; da formação oferecida aos estudantes, diante dos desafios impostos pelo mercado de trabalho; do ingresso em um programa de aprimoramento ou de pós-graduação. Os resultados da autoavaliação sinalizarão para ações que poderão melhorar a proposta de gestão acadêmica do curso.

3 Justificativa

O Projeto de Autoavaliação do Curso é parte integrante do Projeto Pedagógico do Curso; baseia-se em um conjunto de ações processuais, que envolvem a especificidade da organização didático-pedagógica do curso e tem por objetivo contribuir para o cumprimento das metas estabelecidas pelo Plano de Desenvolvimento Institucional.

A autoavaliação é um processo que possibilita à comunidade acadêmica identificar e analisar as potencialidades e fragilidades do Curso, a fim de buscar permanentemente a sua qualidade.

4 Objetivos

Os principais objetivos do projeto de autoavaliação são:

- a) desenvolver o processo de autoavaliação por meio do diagnóstico, da leitura, análise e reflexão sobre as atividades desenvolvidas no curso;
- b) avaliar a atuação da gestão administrativa do curso;
- c) analisar e aperfeiçoar o Projeto Pedagógico do Curso;
- d) diagnosticar a qualidade das ações pedagógicas desenvolvidas no curso e promover a autocrítica na comunidade acadêmica com relação às atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- e) avaliar a relação professor-estudante;
- f) refletir sobre as atividades desenvolvidas pelo curso e a sua relação e coerência com as diretrizes e políticas da instituição.

5 Metodologia

Para gerar evidências do desempenho do curso nas dimensões estabelecidas pelo Sinaes, as ações de autoavaliação estarão centradas nos seguintes indicadores:

- a) articulação da gestão do curso com a gestão institucional;

- b) coerência do currículo face às diretrizes curriculares nacionais;
- c) adequação da metodologia de ensino à concepção do curso;
- d) inter-relação das unidades de estudo na concepção e execução do currículo;
- e) coerência dos recursos materiais com a proposta curricular;
- f) estratégias de flexibilização curricular;
- g) avaliação dos processos de ensino e aprendizagem e sua relação com a concepção do curso;
- h) articulação da autoavaliação do curso com a autoavaliação institucional;
- i) implementação das políticas de capacitação no âmbito do curso;
- j) biblioteca: adequação do acervo à proposta do curso;
- k) ações de responsabilidade social;
- l) ações acadêmico-administrativas em função dos resultados da autoavaliação;
- m) ações acadêmico-administrativas em função das avaliações do MEC;
- n) articulações entre os resultados das avaliações externas e os da autoavaliação.
- o) O processo de autoavaliação do curso será realizado de forma a diagnosticar as suas fragilidades e potencialidades. Para isso, serão utilizadas técnicas e instrumentos, descritos a seguir: a) análise documental do relatório de reconhecimento do curso fornecido pelo MEC; resultado do questionário socioeconômico do Enade; do perfil do ingressante fornecido pela CPA; resultados do instrumento de avaliação institucional aplicado ao estudante formando do curso. b) grupo de trabalho: os dados obtidos a partir dos instrumentos de avaliação, internos e externos, serão analisados e sistematizados por um grupo de trabalho que será composto pelo Colegiado do Curso, professores e dois representantes discentes de cada semestre. Os representantes discentes serão indicados pelos seus pares e serão os responsáveis pela discussão nas turmas. c) seminários de avaliação: os resultados obtidos a partir da análise dos instrumentos realizada pelo grupo de trabalho serão divulgados e discutidos com a comunidade acadêmica do Curso, a fim de identificar pontos positivos e pontos que merecem atenção especial, com o propósito de tomar decisões para corrigir as possíveis fragilidades e fortalecer os êxitos. d) aplicação de instrumento: será elaborado um instrumento de avaliação, baseado no questionário do Enade e no formulário de avaliação dos formandos da Comissão Própria de Avaliação que será aplicado a toda comunidade acadêmica do curso. Esse instrumento deverá conter questões relativas à organização didático-pedagógica do curso, corpo docente, corpo discente, adequação dos laboratórios e biblioteca. e) seminários de pesquisa e extensão: os trabalhos de pesquisa e extensão desenvolvidos pelos estudantes e professores do curso serão apresentados para a comunidade acadêmica na forma de seminários. Com esses seminários objetiva-se divulgar os trabalhos desenvolvidos pelo corpo discente e docente do curso e incentivar os estudantes dos semestres iniciais a participar de projetos de pesquisa e extensão.